

Viagem ao Espírito Santo
1888

RENATO CASAGRANDE

Governador do Estado do Espírito Santo

GIVALDO VIEIRA DA SILVA

Vice-governador do Estado do Espírito Santo

MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA

Secretário de Estado da Cultura

AGOSTINO LAZZARO

Diretor-Geral

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

CILMAR FRANCESCHETTO

Diretor Técnico

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Rua Sete de Setembro 414, Centro, Vitória, ES. 29015-905

www.ape.es.gov.br



Coleção Canaã

Volume 14

Princesa Teresa da Baviera

Viagem ao Espírito Santo **1888**

VIAGEM PELOS TRÓPICOS BRASILEIROS.

Meine Reise in den brasilianischen tropen

inclui

Diário de Viagem do Barão Maximiliano von Speidel

Tradução de Sara Baldus

Organização e notas de Júlio Bentivoglio

Vitória

2013

@2013 by Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Coordenação Editorial
Cilmar Franceschetto

Revisão
Julio Bentivoglio

Apoio Técnico
Alexandre Alves Matias
Jória Motta Scolforo
Maria Dalva Pereira de Souza

Agradecimentos
André Malverdes, Levy Soares da Silva, Cláudio de Carvalho Xavier (Biblioteca Nacional), Adriana Pereira Campos, José Eustáquio Ribeiro, Adriana Jacobsen e a Hadumod Bussmann pelo fornecimento do diário de Maximiliano von Spiedel.

Editoração Eletrônica
Lima Bureau

Impressão e Acabamento
Dossi Editora Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca de Apoio Maria Stella de Novaes. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Brasil.

Baviera, Teresa da, 1818-1889

T881v

Viagem pelo Espírito Santo (1888): Viagem pelos trópicos brasileiros = Meine reise in den brasilaischen tropen: / autoria da Princesa Teresa da Baviera ; tradução e notas de Sara Baldus ; organização e notas de Júlio Bentivoglio. - Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

Capítulo XVI: Espírito Santo
Capítulo XVII: Rio Doce
Capítulo XVIII: Costa do Espírito Santo
Inclui diário de viagem do Barão Maximiliano von Speidel
176 p. il.:

(Coleção Canaã, v. 14)
Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-98928-10-4

Viajantes. 2. Alemanha – Brasil. 3. Diário de viagem – 1888. I. Spiedel, Maximiliano von. II. Baldus, Sara. III. Bentivoglio, Júlio. IV. Título.

CDD: 981.52

Sumário

Apresentação	7
Imagens e invenções do Espírito Santo nos relatos dos viajantes oitocentistas e na historiografia	9
Teresa da Baviera: um breve perfil biográfico	19
PREFÁCIO	29
ESPÍRITO SANTO	
A bordo do <i>Maria Pia</i>	33
A bordo	41
Vitória - Fazenda no Mangaraí	45
Fazenda no Mangaraí - Santa Teresa	51
Santa Teresa-Petrópolis	61
Petrópolis - Fazenda do Sr. Barboza	66
Fazenda do Sr. Barboza - Rio Doce	77
RIO DOCE	
Mutum, sábado 1º de setembro	84
Mutum, domingo 2 de setembro	100
Mutum-Choupana Soares	104
Cabana Soares - Linhares	110
Linhares - Regência	119
Regência - A bordo do <i>Rio São João</i>	126
COSTA DO ESPÍRITO SANTO	
Porto de Santa Cruz	129
Vitória, sábado, 8 de setembro	137
Vitória, domingo, 9 de setembro	140
Vitória, terça-feira, 11 de setembro	142
A bordo do <i>Mayrink</i>	145
Diário de viagem do Barão Maximiliano von Speidel	149
Bibliografia	163

Apresentação

Toda oportunidade criada para conhecermos melhor nossa terra e nossa gente é sempre bem-vinda. E os sentimentos e impressões registrados pela princesa Teresa da Baviera em sua passagem pelo Espírito Santo abre uma janela de inegável valor histórico para um momento importante na formação cultural, econômica e política do nosso estado. O livro *Viagem ao Espírito Santo – 1888*, até agora inédito em língua portuguesa e desconhecido pela maioria dos capixabas – e dos brasileiros –, reúne relatos e reflexões sobre fauna e flora, usos e costumes dos povos indígenas, cotidiano das famílias que abriam suas casas à comitiva da autora e presença dos primeiros imigrantes europeus em nosso território. O empenho da princesa na observação dos tipos humanos e do ambiente em que viviam, o rigor científico na descrição das características naturais e a disposição de superar diferenças culturais para compreender melhor os sentimentos e a alma daquela sociedade em construção, faz dessa narrativa uma importantíssima fonte de informações sobre o Espírito Santo do final de século XIX.

É claro que o relato produzido por alguém que traz, em suas reflexões e olhares, a formação cultural, as informações, as imagens e práticas do seu país de origem e da sua posição social deve sempre ser analisado com o devido cuidado. Mas nenhuma eventual diferença cultural e social entre a autora e as comunidades visitadas é capaz de reduzir o valor histórico dessa obra, originalmente intitulada *Meine Reise in den Brasilianischen Tropen*, e da qual foram traduzidos os três capítulos relativos ao Espírito Santo. Em seu percurso pelo território capixaba, enfrentando caminhos perigosos a pé e a cavalo ou desbravando regiões ribeirinhas a bordo de canoas primitivas, a princesa deslumbrou-se com a variedade de plantas e animais, coletou amostras para seus estudos em história natural, registrou com muita atenção a beleza dos diferentes cenários e se envolveu em vários encontros e desencontros com os índios botocudos.

As memórias e impressões de travessias de rios, florestas e vilarejos formaram o diário que agora está sendo publicado pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), com a colaboração do professor e historiador Júlio Bentivoglio e tradução de Sara Baldus. Além de revelar um estado ainda em fase de desbravamento, um território que começava a ser ocupado pelos imigrantes e alguns aspectos da resistência dramática dos povos nativos em defesa de suas terras e da própria sobrevivência, esta obra traz ainda elementos importantes para nos auxiliar no desafio que enfrentamos hoje, de promover no Espírito Santo um processo de desenvolvimento sustentável, que respeite o patrimônio cultural, o ambiente natural e o direito inalienável de todos os capixabas a uma vida plena, feliz e produtiva. É hora, portanto, de embarcar nessa verdadeira máquina do tempo, para acompanhar a princesa Teresa da Baviera em seu percurso pelo Espírito Santo do século XIX. Boa viagem a todos.

Renato Casagrande
Governador do Estado do Espírito Santo

Imagens e invenções do Espírito Santo nos relatos dos viajantes oitocentistas e na historiografia

Julio Bentivoglio

Quando, no início dos anos 1970 publicou-se *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo* surgia, de maneira explícita, a primeira obra que procurava compreender as imagens retratadas por alguns viajantes sobre a província no século XIX (ROCHA, 1971). Com uma preocupação sistemática, que retorna ao início da colonização, identificando franceses, ingleses, alemães e outros que passaram pelo Espírito Santo, Levy Rocha incorporava uma abordagem que desde meados dos anos 1950 aparecia na historiografia brasileira sobre o tema. Qual seja, a de que aqueles relatos eram usados não somente como fontes, mas sobretudo como espelhos do real. Várias passagens e trechos eram aproveitados por seu caráter referencial reproduzidos como se fossem expressão da verdade. E tudo aquilo que parecesse exagero, especulação ou imaginação era desconsiderado. Levy Rocha relacionou e comentou naquela obra narrativas feitas por alguns estrangeiros que passaram pela província, mas não dispunha de todos os relatos que haviam sido feitos, e aliás é bem provável que no futuro sejam encontrados mais textos de estrangeiros sobre o Espírito Santo. Embora tenha citado a presença tanto de Teresa da Baviera, em 1888, quanto de Paul Ehrenreich, em 1887, ele não teve acesso a esses textos, bem como ao de Paul Walle, de 1910, por exemplo.

Entre os anos 1960 e 1980 proliferaram estudos sobre os viajantes no Brasil, que localizavam seus objetos de investigação não tanto por período, nacionalidades ou temas, mas sobretudo pelo critério geográfico, ou seja, interessava saber por onde o viajante havia passado e qual a descrição que fazia dos lugares. Até então predominava na historiografia um esforço de compreensão das construções realizadas, subsumindo-as à questão das identidades, tão cara à história social imperante em sua busca pelas correspondências entre o discurso e a realidade. Em seguida,

a partir dos anos 1990, passaram a pesar mais as diferenças, os contatos (ou antes os choques) culturais, a alteridade e também os detalhes pitorescos, típicos da chamada História Cultural, ávida por novos objetos. A influência decisiva dos *Annales* se fazia sentir, mediante o diálogo mais estreito com a Antropologia. Nesse tipo de registro, eram buscadas as representações e as práticas culturais da terra e do próprio discurso dos viajantes. Acentuavam-se, portanto, suas pertencas e seus filtros, invariavelmente associados a um vago etnocentrismo europeu, que justificava os erros e as impropriedades existentes nos relatos.

Penso que outro tipo de questões seria oportuno para se pensar o estatuto daquelas narrativas de viagem e de seus regimes de escrita, que permitisse recuperar os mecanismos de construção daqueles discursos e suas imagens do Espírito Santo e pudesse compreendê-los como um conjunto de textos e de leitores específicos que dialogam entre si, tais quais artefatos literários (WHITE, 1999) integrados a um determinado universo de práticas de leitura (cf. RAMINELLI, 2006). A meu ver, aqueles textos trazem essas marcas, seguindo padrões discursivos, caracterizando-se por *tropos* e convenções de linguagem e não correspondendo exatamente a um retrato fidedigno do real. E que também apresentam dissonâncias entre si, caracterizadas pela origem e formação do viajante, mas também, em função do público para o qual ele escreve. Isso não significa reportar aqueles relatos meramente como peças de ficção, mas inferir que eles, mesmo reportando-se ao real e mantendo com ele vínculos de verossimilhança, certeza e pertença, valem-se da imaginação, da fantasia e, enfim, da *poiesis* como dimensões para seu funcionamento e existência, evidentemente que combinados à lógica da observação e da empiria que marcaram o nascimento das ciências e dos saberes durante o século XIX. É pelo caráter híbrido e multifacetado daqueles registros descritivos, mas também imaginativos, constituidores de imagens caleidoscópicas da terra e da gente capixaba, que se podem reconhecer traços de uma fisionomia do Espírito Santo - bem como de suas linhas de fuga - marcada pelo estranhamento da língua e dos saberes de origem dos lugares visitados no Brasil. Foi Michel Foucault quem levantou com pertinência esse rol de

questões em torno do problema da escrita, e mais especificamente, sobre o caráter complexo da relação entre as palavras e as coisas. As palavras seriam como a pintura, uma representação da representação, uma dispersão de seus elementos fundadores e ao mesmo tempo uma tentativa de elisão da autoria (FOUCAULT, 1999: 21). Cobrindo o mundo de signos e produzindo semelhanças, a narrativa em geral e as narrativas de viagem em particular, constituem e enunciam o real, produzem sentidos que procuram eliminar o tempo, as idiossincrasias e as diferenças (FOUCAULT, 1999: 51, 67), colocando em jogo a observação, a análise e o julgamento como um método universal definindo domínios empíricos que fizeram inicialmente nascer, por exemplo, as gramáticas, a história natural e a análise da riqueza (FOUCAULT, 1999: 79). Para Foucault (1999:134-5)

durante todo o século XIX, a linguagem será interrogada na sua maneira enigmática de verbo: lá onde ele está mais próximo do ser, mais capaz de nomeá-lo, de transmitir e fazer cintilar seu sentido fundamental, de torná-lo absolutamente manifesto.

É por isso que aqui se fala de *invenção*. Pois se reconhece que aqueles relatos não substituem a realidade observada, nem tampouco a ela equivalem, sem contar que eles capturam apenas aquilo que o olho do viajante viu, aquilo que lhe interessou, revelando metonimicamente uma totalidade impossível de ser recuperada. *Invenção* significa ainda a tentativa de produzir um conhecimento histórico que se afasta de tentativas de naturalização dos objetos de estudo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007: 19), que procura inventariar o passado por meio de imagens, seus discursos e seus sentidos. Esse procedimento analítico reconhece de antemão espaços de distinção entre o mundo das coisas e o mundo das representações e distingue os

polos da natureza, da coisa em si, do fato ou da realidade e o polo da cultura, da representação, do discurso, da subjetividade e do contexto social. A busca deste centro imaginário em que se produziria o conhecimento tanto pode ser feito partindo da coisa, da matéria,

da realidade, do objeto, do fato, como propuseram os positivistas, os marxistas, a fenomenologia, todos os considerados materialistas, objetivistas, realistas ou racionalistas, como pode partir da representação, da cultura, da sociedade, das idéias, do simbólico, do contexto social, da subjetividade, como propuseram os românticos, os idealistas, os existencialistas, ou a semiologia e a hermêutica, todos considerados idealistas, subjetivistas, nominalistas ou irracionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007: 23).

Deixando de lado uma centralidade fixa, de sujeito racional observador de fenômenos, parte-se de uma análise daqueles discursos e imagens vistos como invenção, cabendo ao conhecimento histórico

tentar dar conta dos agentes desta invenção, definindo que práticas, relações sociais, atividades sociais produziram um dado evento. Os documentos históricos são tomados como pistas através das quais se tenta rastrear o momento desta invenção, os interesses que estavam na raiz do dado acontecimento, os conflitos e as contradições que levaram à sua emergência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007: 24).

Assim, pressupõe-se que a realidade e os documentos devem ser entendidos como formas de enunciação, de construção de evidências ou realidades, inserindo-as em operações políticas e sociais de sentido e de formação de conceitos. Pois, para a história cultural,

a invenção do acontecimento histórico, de qualquer objeto ou sujeito da história se dá no presente, mesmo quando analisa as várias camadas de discursos que o constituíram ao longo do tempo, pois esta historiografia é atravessada pelo tropos da ironia que traz a participação do discurso do historiador na construção da realidade que narra para o centro da reflexão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007: 26).

Os relatos de viajantes e memorialistas sobre o Espírito Santo

durante o século XIX devem ser lidos e interpretados a partir das relações sociais e de força em torno das quais se constituíram, expressando uma dada organização da sociedade e do tempo, bem como de práticas individuais e coletivas de produção de saberes e de produções discursivas. Esses relatos nos remetem a questões decisivas em torno da autoria (FOUCAULT, 1999: 293) – da originalidade –, da observação participante e dos vestígios culturais europeus que são incorporados às narrativas, das regras e regimes de escritura – operação complexa em torno de um lugar, de uma disciplina e de uma compreensão do ato de escrever e sua institucionalização, vinculadas a tropos, gêneros, convenções e estilos (CERTEAU, 2004: 89). Essas marcas do social, de práticas coletivas que cristalizam palavras, expressões ou conceitos e dão substância aos escritos revelam seus vínculos à sociedade e ao tempo. Revelam, portanto, sua historicidade (KOSELLECK, 2006: 221).

Muitos daqueles viajantes tinham sua formação e seu interesse voltados para a história natural, para a geologia, a zoologia e o naturalismo. Assim, escreviam outra história sobre o Novo Mundo, descoberto quatro séculos antes, mas que naquele século XIX não deixava de motivar novos registros. E

os documentos dessa história nova não são outras palavras, textos ou arquivos, mas espaços claros onde as coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins; o lugar dessa história é um retângulo intemporal, onde, despojados de todo comentário, de toda linguagem circundante, os seres se apresentam uns ao lado dos outros, com suas superfícies visíveis, aproximados segundo seus traços comuns (FOUCAULT, 1999: 179).

É nessa lógica que se encontra a narrativa de Teresa da Baviera. Redigida no final do século XIX, ela reflete a busca por uma certa objetividade e a preocupação sistemática de inventariar, catalogar e arquivar, constituindo repertórios, com uma sensibilidade diferente, buscando redigir histórias verdadeiras devotadas ao universo científico e acadêmico

européu, embora não consiga despir-se das marcas da subjetividade. Ela realiza uma escrita que segue uma estrutura e um método, que deduzem a totalidade a partir das partes (FOUCAULT, 1999: 216s). Uma escrita que procura compreender, nas palavras de Robert Darnton, um novo olhar sobre o homem e a natureza e na qual

a expressão individual ocorre dentro de um idioma geral, de que aprendemos a classificar as sensações e a entender as coisas pensando na estrutura fornecida por nossa cultura. Ao historiador portanto deveria ser possível descobrir a dimensão social do pensamento e extrair a significação de documentos, passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro, até abrir caminho através de um universo mental estranho (DARNTON, 1990, p. 123).

A leitura do relato da viagem que a princesa Teresa da Baviera fez ao Espírito Santo em meados de 1888 pode, nesse aspecto, ser um exercício fecundo para compreensão de processos de significação do real, explicitando os mecanismos que pretendem ocultar intenções e valores, bem como dispositivos empregados na tentativa de estabelecer a objetividade analítica, evidenciadores de uma determinada consciência histórica que se encontra articulada nas experiências vivenciadas na Europa e foram reelaboradas nos trópicos pelas expectativas destinadoras da produção do texto e de sua leitura. Penso que essa poderia ser uma chave analítica sedutora a ser perseguida.

O livro clássico de Levy Rocha sobre os viajantes completou 40 anos de publicação em 2011. Não deixa, portanto, de constituir uma homenagem ao ilustre historiador de Cachoeiro de Itapemirim, que dedicou sua vida à história, aprofundar e complementar o quadro por ele registrado no início dos anos 1970, trazendo a lume esse relato que ele sabia existir, mas de que não tinha encontrado exemplar. Teresa da Baviera, neste *Viagem ao Espírito Santo*, recupera algumas histórias e lugares do Espírito Santo no final do século XIX e, ao falar mais da natureza do que das pessoas, acaba por reforçar imagens duradouras ainda hoje. De

fato, a insistência nos encantos da natureza é uma imagem resistente na historiografia e no imaginário popular capixaba. E ela aparece sempre reforçada por seu duplo: a rusticidade da vida material e simplicidade dos homens do lugar. Trata-se de um emblema da eficácia seja da história oficial, seja da memória popular, em preservar certos construtos capazes de estabelecer vínculos entre passado e presente, mantendo-se liames que consolidam certas tradições e preservam determinados valores da história capixaba e juízos sobre ela. Faz vínculos, sentidos e significados perenes no diálogo entre a tradição e a modernidade, ao iluminarem certos ângulos do passado, cujos filtros mantêm na opacidade certos objetos, não problematizando os procedimentos discursivos postos em ação, a fim de efetivarem um certo real, que passa a ser entendido como verdadeiro e fidedigno. Ou seja, no passado, como no presente, a província surge como sendo pouco opulenta, mas dotada de uma natureza exuberante. De fato, nas construções feitas sobre o Espírito Santo durante o oitocentos são comuns as referências ao abandono e à pouca riqueza. Localizado entre a Bahia e o Rio de Janeiro, o Espírito Santo teria permanecido eclipsado, com atividades econômicas inexpressivas e pequenos plantéis de escravos, marcado pela forte presença do indígena. Terra da qual foram expulsos os jesuítas, responsáveis pelo desenvolvimento econômico e cultural até meados de 1750; barreira verde para impedir o acesso às minas durante o século XVIII que se viu impedida de participar do desenvolvimento econômico vivido naquele contexto. Região de poucas vilas e prédios modestos no dizer de muitos viajantes, verdadeiro contraste face às imagens de pujança comercial e econômica do Rio de Janeiro no mesmo período. Essa imagem do atraso foi suplantada pela de progresso somente graças à introdução da cafeicultura na segunda metade do século XIX e, em seguida, no início do século XX, quando a vinda da ferrovia selou definitivamente a integração econômica do estado ao Brasil e marcou sua entrada no progresso e na modernidade. Curiosamente essas construções são muito parecidas com as de outros estados como São Paulo ou Paraná, por exemplo. E apesar do progresso, são preservados conteúdos do passado remoto e suas tradições, como os congos e a gastronomia em torno da moqueca

no imaginário e na história. Que o relato de Teresa da Baviera não venha reforçar esse hábito, corroborando a naturalização saudosista do passado capixaba. Que ele possa ser lido não somente como fonte, em seu caráter ilustrativo, mas, como objeto a ser analisado e discutido a fim de problematizar as imagens petrificadas pelos historiadores e memorialistas da geração desenvolvimentista defensora da modernização dos anos 1940 e 1950, imagens que alcançaram, *grosso modo*, toda a produção até meados dos anos 1980. E que sua leitura faça emergir as idiosincrasias ou não daquilo que ela descreveu, trazendo suas inquietações e seus silêncios, mais do que suas verdades sobre o passado. Só assim seria possível liberar novos sentidos daqueles que foram retidos da terra e da gente.

A partir de 1808, quando a chegada da família real portuguesa acabou com a proibição de estrangeiros pisarem em solo brasileiro, foram cada vez mais numerosas as visitas de viajantes ao Brasil. Tanto a curiosidade existente quanto as motivações científicas fizeram com que muitos naturalistas, botânicos, príncipes, princesas e pintores, dentre outros, viessem conhecer melhor a terra e a gente brasileira, e também o Espírito Santo. Foi um momento em que histórias e narrativas de viagem, bem como estudos de história natural, ganharam apreço e estimularam expedições intercontinentais e a produção de escritos. Segundo Naxara, o contato daquela sensibilidade romântica com a paisagem

parece sempre, por mais que se conheça e a desvende, reservar um mistério, revelando somente alguns de seus aspectos e guardando uma imagem vinculada à expectativa de novas descobertas, constituindo algo enigmático, por se conhecer e entender. Fica patente a insuficiência do intelecto, que procura vê-la de fora e dominá-la, subdividindo-a e sistematizando-a em partes como forma de tentar alcançar o seu entendimento como um todo (NAXARA, 1999:34).

Ao lado dessa sensibilidade romântica, nesse espetáculo da alteridade, havia também o olhar que descreve, avalia e calcula, de uma racionalidade moderna que pretendia conhecer e desvendar o mundo que sur-

ge em muitos relatos de brasileiros e estrangeiros. Partindo de motivações científicas, administrativas ou diletantes, é necessário distinguir nesse conjunto de narrativas suas descontinuidades, a fim de localizar diferenças e iluminar determinadas imagens que persistem não somente nas falas cotidianas e no tratamento conferido pela imprensa, mas também nos livros didáticos e na produção acadêmica. Pela resistência de uma escrita fundadora que representou um Espírito Santo com sua natureza exuberante, seu cotidiano bucólico e sua vida rústica, urge compreender melhor a produção daquelas narrativas e suas motivações, que expressam o ponto de vista de seus narradores sobre o inventário da pobreza e do isolamento, signos que caracterizam a província no passado. Tomando aqueles relatos, é preciso estabelecer um diálogo entre olhares nativo e estrangeiro em seus espaços epistemológicos (FOUCAULT, 1999: 493).

Preparar a viagem, conseguir recursos, aportar no Rio de Janeiro, obter autorização do governo para começar a expedição, encontrar algum guia confiável e que dispusesse do conhecimento prático necessário para o alcance dos lugares desejado assim como a existência de um contato ou planejamento prévio, feito muitas vezes a partir de relatos anteriores, eram quesitos necessários para a empreitada. A procura por esses lugares isolados levava o viajante e o administrador ao topo de montanhas, a lagos, florestas, enfim, a lugares intocados pela civilização (THOMAS, 1989: 317). Segundo Mary Louise Pratt,

assim como a cristandade havia inaugurado um trabalho global de conversão religiosa que se verificava a cada contato com outras sociedades, assim também a história natural iniciou um esforço em escala mundial que, entre outras coisas, tornou as zonas de contato um local de trabalho tanto intelectual quanto manual, e lá instalou a distinção entre estes dois (PRATT, 1999: 58)

O livro de Teresa da Baviera inscreve-se nesse universo, pois interessou tanto a curiosos sobre a gente e a natureza nos trópicos, quanto aos círculos científicos germânicos. Ele ocupa um espaço intermediário,

pois ao mesmo tempo em que é relato de viagem, performa uma análise geográfica, naturalista e etnográfica. Ele permanece numa zona intermediária ao que postula José Eustáquio Ribeiro, para quem,

o significado do gênero livro de viagem, como texto, tem variado muito de interpretação de autor para autor. O certo é que existia no século XIX uma clara distinção entre a escrita estritamente científica e uma outra, dedicada a um público mais amplo, nem todo ele constituído por leitores especialistas (RIBEIRO, 2004: 49).

Para Miriam Leite,

a denominada literatura de viagem passa a ter um status diferenciado no mercado editorial, sobretudo o europeu. Essas obras destacam-se dos ensaios históricos e da literatura ficcional, sobretudo pelo fato de serem também consideradas um produto da vivência direta, sem a intermediação dos documentos e principalmente por revelar produtos das descobertas recentes, o novo, o inédito (LEITE, 1996: 40).

Sobre o caráter da escrita, Flora Süssekind ressalta que predominava o narrativo, com destaque para o trajeto e os encontros, marcado por descrições do caminho, tratando-se sobretudo daquilo que acontece, seja a rotina da viagem, sejam os acidentes do caminho (SÜSSEKIND, 1996: 118). É provável ainda que essa curiosidade pelo cenário natural ou ainda pela natureza intocada dos índios tenha obliterado as descrições do homem comum que vivia na região. Afinal ganhavam destaque apenas os anfitriões e as autoridades nos relatos. Era muito comum os moradores se diluírem na generalidade, na indistinção da *gente do lugar*. Esse é um traço marcante na narrativa da princesa da Baviera, interrompido apenas no momento em que fala dos índios ou quando narra a história engraçada da criança que fugiu ao vê-la com seus instrumentos de coleta de espécimes.

Teresa da Baviera: um breve perfil biográfico

Julio Bentivoglio
Levy Soares da Silva

A região onde se localizava o Reino da Baviera, muito antes de receber essa denominação, foi se constituindo com o povoamento feito por celtas e romanos no decorrer dos séculos V e VI d.C, quando uma etnia de origem germânica denominada baiovarii passou a habitá-la, legando-lhe seu nome. Posteriormente aquele território foi dominado pelos francos, quando a dinastia dos Wittelsbach passou a governar a Baviera ininterruptamente. Em 1806, o então ducado da Baviera foi transformado em Reino da Baviera (Königreich Bayern), após a ocupação napoleônica e, no ano de 1864, Luís II ascendeu ao trono como seu quarto rei. Depois da Unificação Alemã, em 1871, a Baviera passou a integrar o Império Alemão e atualmente, faz parte da República Federal da Alemanha, sendo o maior estado em extensão territorial.

Teresa era filha do rei Luitpold, que assumiu o trono do reino em 1886 e governou até 1912, e de Augusta Ferdinand (1825-1864), arquiduquesa da Áustria e princesa da Toscana, que se casaram em 1844. Eles tiveram quatro filhos: Ludwig (1845-1921), Leopold (1846-1930), Arnulf (1852-1907) e Therese Charlotte Marianne Auguste, que nasceu em Munique no ano de 1850. Sua mãe morreu quando ela tinha 14 anos, e a partir de então Therese foi criada pela tia Marie, esposa do rei Maximiliano II que a menina chamava de rainha-mãe. Nesse período ela estabeleceu uma grande amizade com seu primo Otto, ao qual se referia como “lindo, pequeno e encantador (ROSSBECK, 1998, p. 36). A presença de um grande círculo de intelectuais na corte de Maximiliano, que até mesmo contou com as conferências do grande historiador Leopold von Ranke, certamente estimulou sua sede de conhecimentos, tendo ela recebido os primeiros estudos em casa, com a mãe. Desde a infância a jovem princesa demonstrava enorme paixão por geografia, biologia e pela cultura de países não europeus. Autodidata, “ela adqui-

riu amplo conhecimento nas ciências naturais, porque as universidades alemãs estavam fechadas para o sexo feminino”, tendo contado com a ajuda de algumas aulas particulares (BUSSMANN, 2011, p. 34). Estudou zoologia, geografia, botânica, história natural e idiomas (PANZER, 1997, p. 137). A jovem princesa da Baviera¹, assim como os irmãos, recebeu uma educação fortemente católica (PANZER, 1997, p. 28) em criança já demonstrava inclinação para os estudos sobre a natureza e as línguas, chegando a estudar 12 idiomas. Russo e grego eram as línguas que ela mais apreciava e, ao estudá-las, Teresa procurava penetrar “nas sutilezas das estruturas da língua, mas também na mentalidade de um povo, lendo toda a literatura disponível do país na língua original, as obras literárias e, sobretudo, trabalhos científicos da geografia e da etnografia, botânica e zoologia” (HILDEBRANDT, 1993, p. 45), campos que estudou com afinco. No lazer, dedicou-se a caminhadas, canoagem, natação, ginástica, patinagem no gelo e equitação por quase toda a vida. Somente aos 53 anos rendeu-se “ao conselho do médico para aliviar o seu joelho afetado pela gota”, evitando excessos nas práticas esportivas (HUBER, 1998, p. 143).



Figura 1. Therese von Bayern, criança.

¹ A princesa não chegou a ser rainha, mas o seu irmão mais velho foi rei com o título de Luís III da Baviera.

Em 1871, quando completou 25 anos de idade, Teresa da Baviera começou a viajar pela Europa, na companhia de um grupo de excursão composto por sete membros, incluindo seu irmão Leopold e a esposa Gisela, tendo percorrido o norte da África, de Argel a Túnis. Em seguida voltaram pela Itália e Ilha de Malta, tendo visitado, no regresso, Portugal, Espanha e França. Dessa viagem surgiu seu primeiro relato, um ensaio sobre Túnis publicado em 1880 (HUBER, 1998, p. 145). Seu sonho era conhecer a América do Sul, lugar para onde ela realizou posteriormente três expedições, registrando 23 tribos indígenas, visitando lugares como o Chaco, a bacia do rio da Prata e a Amazônia. Cruzou ainda a Cordilheira dos Andes e atravessou mais de 600 km entre o deserto do Atacama e os pampas argentinos (PANZER 1997, p. 99). Nessas viagens científicas que empreendeu ao longo da vida, deu início à coleta e catalogação de vários tipos de materiais que formariam posteriormente um fabuloso acervo exposto em uma coleção particular na Universidade de Munique e, também, a redação minuciosa dos seus livros, que configuram hoje importantes documentos históricos.

Com uma inegável e aguçada capacidade de observação, a princesa fez inúmeras outras viagens, sempre de maneira incógnita, da Escandinávia ao Mediterrâneo, Oriente Próximo, ilhas britânicas, Rússia, México, França, Portugal, Espanha, territórios balcânicos, Itália, ilha de Malta, Argélia, Tunísia, América Central, Estados Unidos, Canadá, Bolívia, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Equador, Panamá e Brasil. É possível perceber, pela quantidade de lugares onde esteve, a predileção pela América do Sul, como atestam os livros que lhe foram consagrados, algo que provavelmente se deve ao fato de que o continente americano era uma região ainda pouco conhecida pelos alemães e para onde muitos compatriotas tinham emigrado. Um território pouco explorado e um mundo inteiramente novo, com fauna e flora ricas e variadas, um lugar privilegiado para os naturalistas, com tribos indígenas, objetos variados e muitos espécimes para serem vistos e coletados.

Dedicada às suas pesquisas e sempre em busca de novos conhecimentos sobre bichos e plantas, envolvida com o planejamento e a realização de viagens, estudos e redação de seus livros, a princesa da

Baviera nunca chegou a se casar, e portanto, não teve filhos. Devotada exclusivamente à ciência, seria possível descrevê-la como uma das mulheres de maior erudição de seu tempo, dotada de “grande sede de saber [...] férrea disciplina e grande sentido do dever [...]”. A princesa sentia-se uma pessoa estranha em seu próprio círculo” (SCHINDLER, 2001, p. 1092). As suas viagens seguiam quase sempre o mesmo padrão, com a princesa sendo auxiliada por três serviçais, como quando em 1888 chegou ao Brasil: uma dama de companhia, um mordomo e um criado taxidermista. Não abria mão da máquina fotográfica, algo que, além de inovador, confere um caráter singular aos registros feitos durante as viagens. Além disso, também costumava fazer alguns desenhos à mão que posteriormente eram aperfeiçoados em reproduções feitas por pintores.

Quando se fala nos estrangeiros que passaram pelo Espírito Santo durante o século XIX, pensamos em nomes como Saint-Hilaire, Biard, Maximiliano e Wilbeforce. Mas pouca gente conhece esses três capítulos redigidos em 1888, com as impressões de Teresa da Baviera. O livro da princesa-cientista é extraordinário, por sua riqueza de informações. Munida, como ela mesma diz, de apenas “uma pequena câmera fotográfica, meus binóculos, mapas e cartas necessárias; sacos de papel e pinças para coleta, remédios e ataduras para picada de cobra [...] uma arma de aves e uma rede para capturar borboletas” (BAVIERA, 1897, p.13) a jovem princesa reuniu informações valiosas sobre o passado da província. Ela obteve de D. Pedro II, a quem dedicou a obra, autorização para percorrer várias províncias brasileiras. De 26 de agosto a 13 de setembro de 1888 esteve no Espírito Santo e passou por Cachoeiro, Vitória, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Mutum, Linhares, Anchieta, Santa Cruz, Carapina, Vila Velha e outros povoados. Percorreu rios, matas; descreveu índios, costumes, imigrantes, geografia, clima, fauna, flora, atividades econômicas, enfim constituiu um rico panorama da terra e da gente capixaba do final do século XIX. Também coletou, fotografou, desenhou e catalogou materiais etnográficos, espécies de plantas, insetos e animais integrados à sua coleção particular em Munique, que causariam sensação na Alemanha e na Europa.

No conjunto das viagens dos estrangeiros ao Brasil, desde a abertura dos portos, além de comerciantes, nobres, militares e diplomatas, vieram também muitos cientistas, missionários, pintores, paisagistas e aventureiros (GOMES, 2007). À primeira vista seria lógico localizar a princesa Teresa da Baviera no primeiro grupo, por ser integrante da nobreza europeia. Entretanto, dado o caráter científico de suas viagens e do rela-



Figura 2. Therese von Bayern na juventude.

to que ora se traduz, sua narrativa deve ser inserida no segundo grupo, ao lado de Auguste de Saint-Hilaire, Karl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix. No decorrer do século XIX, além dos homens, muitas mulheres, nobres ou não, por motivos diversos, realizaram viagens², mas a produção que resultava de suas observações não era especificamente destinada à publicação, uma vez que eram escritas como cartas familiares ou diários íntimos. Mas no caso de Teresa da Baviera ocorreu justamente o contrário: todas as viagens eram registradas em seus diários com a finalidade de publicação devotada ao ambiente científico, muito embora as narrativas acabassem interessando também os curiosos em conhecer aquelas regiões distantes. Adentrar nesse espaço até então dominado exclusivamente pelos homens implicava também aceitar determinadas normas e modelos da produção da literatura de viagens, mas ela demonstrou senso crítico a respeito de tais escritos. Afinal, dentre as mulheres viajantes,

apenas uma delas, exatamente a que já era uma naturalista profissional, no final do século XIX, é que se atreve a discutir as desvantagens do modelo de diário. Trata-se de Teresa, princesa da Baviera [...]. É esta cientista, a única das viajantes que pôs em questão a forma de diário, no Livro de Viagem [ao Brasil], como pouco adequada para o seu trabalho. Essa forma impede uma visão de conjunto das impressões e de utilizar experiências recebidas ou completadas posteriormente. Quando tomou consciência das desvantagens da forma, a obra já avançara demais para ser recomeçada e permaneceu como começara (LEITE, 2000, p. 134-135).

O resultado dessas viagens foi a criação de uma coleção particular impressionante de cerca de 2.500 objetos, a maioria de cunho etnográfico, e como resultado das observações uma vasta produção escrita. Em *Meine Rei-*

2 Para ficarmos com o exemplo apenas do Brasil podemos citar Isabel Arundel Burton, Langlet Dufresnoy, Marianne Moore e Adèle Toussaint-Samson, mas em meados do século XIX algumas viajantes estrangeiras já destinavam os seus escritos de viagem para a publicação na Europa como Maria Graham e Ida Pfeiffer.

se in den Brasilianischen Tropen, redigida em 1888, parte no Brasil e parte na Europa, a princesa da Baviera, prima distante de D. Pedro II, menciona que o objetivo da viagem era conhecer o país, visitar tribos indígenas, colecionar elementos da flora e da fauna, além de reunir materiais etnográficos. O livro

contém dois mapas, quatro tabelas, 18 quadros completos e 60 reproduções de fotografias e desenhos da autora. Mas só foi publicado em Berlim em 1897, pois precisou de cinco anos após a viagem para a verificação das plantas e animais vistos e coletados e para a comparação dos objetos etnográficos com os dos diferentes museus europeus, após estudos minuciosos de cada objeto na literatura referente. Para completar esses estudos esteve em Paris, numa exposição de cerâmica antiga do México e na América do Norte para conhecer tribos diversas de índios do Canadá ao sul do México. Declara que foi ainda prejudicada pelos novos pontos de vista sobre as Ciências da Natureza, que a obrigaram a novas e detidas revisões (MOREIRA, 2000, p. 135).

Além disso,

Na sistematização e análise dos materiais coletados, a autora recebeu o apoio de instituições e estudiosos de vários países. A sua lista de agradecimentos é uma impressionante prova de colaboração científica entre os estudiosos que se dedicavam a assuntos brasileiros na Europa. Do Brasil, cita Orville A. Derby, de São Paulo, e Goeldi, do Pará. Os museus que mais colaboraram foram o de Munique, sobretudo através dos especialistas dos departamentos de zoologia, paleontologia, mineralogia e pré-história, o de Viena, principalmente através dos especialistas da seção de história natural, de Berlim, respectivamente do museu de história natural e do museu de botânica, e, por fim, do Museu Britânico. Entre os especialistas consultados, salientam-se botânicos, tais como Weiss, de Freysing e Dingler de Aschaffenburg, Schenk, de Darmstadt,

Köhne, de Berlim, Mez, de Breslau, Cogniaux, de Verviers, Stajf, em Kiew e Petersen, em Kopenhagen. Entre os zoólogos, recebeu apoio de Otting, de Munique, de Berlepsch, de Müندن, de Forrel, de Zurique, e do Barão de Sélys-Longchamps, de Liège (BISPO, acesso em fev. 2011).

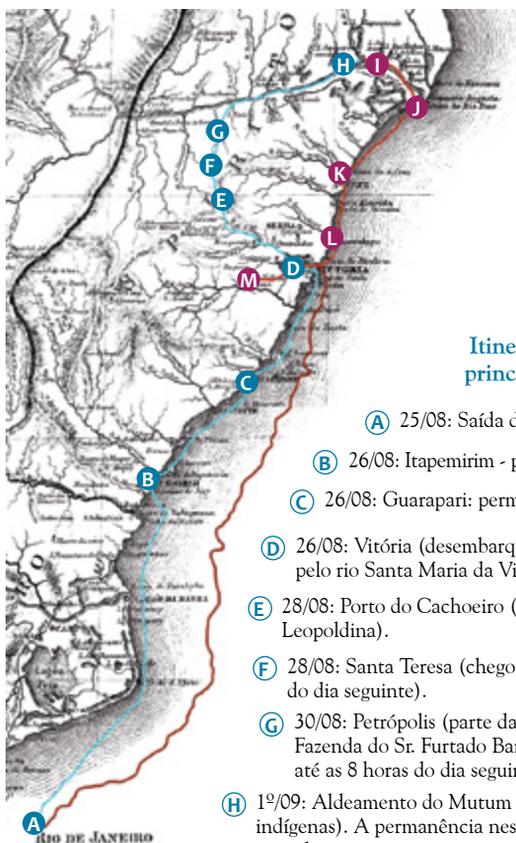
Todo o engajamento e a dedicação da princesa da Baviera não passaram despercebidos e mesmo com alguma demora, o reconhecimento ao seu trabalho de pesquisa, desenvolvido em diversos países, veio entre os anos de 1897 e 1909. Cumpre ressaltar que naquele momento em que a ciência era dominada pelos homens, Teresa assinava suas obras como Th. von Bayern para evitar represálias ou discriminação. E descobriu novas espécies, bem como teve seu nome dado a um lagarto. Sua contribuição à história natural foi tanta que em vida tornou-se sócia ou membro de várias entidades científicas como a Sociedade Geográfica de Munique e a Real Academia de Ciências da Baviera, em 1892 (foi a primeira mulher aceita nessa associação). Foi também correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1897, da Sociedade Geográfica de Viena em 1898, da Sociedade Antropológica da Áustria em 1900, da Sociedade de Americanistas de Paris entre 1908 e 1909, da Federação de Cientistas Alemães em 1910, da Sociedade Alemã de Antropologia, Etnologia e Pré-História de Berlim em 1913 e da Sociedade de Antropologia de Munique em 1920. Recebeu honrarias em reconhecimento ao seu trabalho, como a medalha da Áustria-Hungria para a Ciência e Arte (1908) e o título de *Officier de l'Instruction Publique* pelo ministério francês da educação (1909). Por fim, em 1897, recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Munique. Ela foi ainda uma ativista, defensora do ensino acadêmico para as mulheres e promoveu a Liga Católica das Mulheres, tendo realizado várias palestras na Alemanha, onde dissertava sobre a fauna e a flora tropicais, bem como discorria sobre os dialetos indígenas sul-americanos. No final da vida passou a se dedicar a projetos sociais, realizando exposições e bazares para angariar fundos revertidos para instituições de assistência e caridade. Durante a Primeira Guerra Mundial organizou em sua

casa de campo, às margens do lago Constança, um pequeno hospital para socorrer feridos. Ela havia se mudado para lá, perto da Vila Amsse, nas proximidades de Lindau no início de 1914 (MOREIRA, 2000, p. 134), onde residiu até sua morte, em 1925, quando faleceu aos 75 anos de tuberculose. Aproveitava o tempo correspondendo-se com diversos estudiosos da Alemanha e do exterior, bem como cultivando um bosque onde reproduzia árvores raras de diversas partes do mundo. Com sua morte, sua magnífica coleção passou a enriquecer o acervo do Museu de Etnologia de Munique.

Em 1997, completou-se um século do seu doutoramento e como mais uma merecida homenagem à sua memória foi erguida a Fundação Therese von Bayern para promover o incentivo das mulheres na carreira científica. Além disso, nesse mesmo ano, foi instituído e outorgado pela primeira vez o Prêmio Therese von Bayern³ e a Academia Brasil – Europa da Cultura e da Ciência organizou na cidade alemã de Colônia a Exposição Pedro II e as Ciências em comemoração aos 100 anos de *Minha viagem aos trópicos brasileiros*. Essa mesma entidade continua a promover exposições, colóquios e seminários de estudos dedicados a Teresa da Baviera. Apesar do importante caráter científico e histórico, sua obra ainda é, infelizmente, pouco conhecida nos meios acadêmicos brasileiros. Nenhuma parte de *Meine reise in den brasilianischen tropen*, dedicado à memória de D. Pedro II, até agora tinha sido traduzida ou publicada em português. Em 2009 um raro exemplar desse livro foi digitalizado e colocado à disposição aos interessados pelo Projeto Brasiliana Digital da Universidade de São Paulo – USP, juntamente com os dois volumes de *Reisestudien aus dem westlichen Südamerika*, de 1908⁴. É nessa difícil e eterna luta travada entre a memória e o esquecimento que se engajam estas breves linhas, a fim de preservar um pouco de sua história, parte de sua obra e um relato precioso sobre o Espírito Santo.

3 A primeira a receber o prêmio, no campo das Ciências Naturais, foi a zoóloga Barbara Fruth.

4 Ambos os volumes tratam, conforme demonstra o próprio título, de estudos de viagem à América do Sul. No primeiro volume o relato se refere à viagem empreendida pela América do Sul e Central, passando pelo Equador, Colômbia e Panamá, e o segundo volume, à América do Sul, passando pelo Peru, Bolívia, Chile e Argentina.



Itinerário percorrido pela princesa no Espírito Santo

- (A) 25/08: Saída do Rio de Janeiro.
- (B) 26/08: Itapemirim - permaneceu apenas duas horas.
- (C) 26/08: Guarapari: permanência não informada.
- (D) 26/08: Vitória (desembarque no dia seguinte). Seguiu de canoa pelo rio Santa Maria da Vitória.
- (E) 28/08: Porto do Cachoeiro (sede da antiga colônia de Santa Leopoldina).
- (F) 28/08: Santa Teresa (chegou às 23 horas e ficou até as 12 horas do dia seguinte).
- (G) 30/08: Petrópolis (parte da ex-colônia de Santa Leopoldina) - Fazenda do Sr. Furtado Barboza (chegou à noite e permaneceu até as 8 horas do dia seguinte).
- (H) 1º/09: Aldeamento do Mutum (assentamento governamental para indígenas). A permanência nesse local foi do dia 1º ao dia 3 de setembro.

Retorno

- (I) 04/09: Linhares
- (J) 05 e 06/09: Regência, permaneceu nesse local durante dois dias à espera do vapor *Rio São João*, que a conduziria de volta a Vitória.
- (K) 07/09 : Porto de Santa Cruz (em terra firme durante todo o dia).
- (L) 08/09: Desembarcou em Vitória pela manhã, cavalgou até Carapina na parte da tarde.
- (M) 09/09: Visita ao mosteiro Nossa Senhora da Penha em Vila Velha. Em Vitória frequentou as missas matinais. No dia 13/09, às 16 horas, embarcou no vapor *Mayrink*. No dia 14/09, às 10 horas, a princesa Teresa da Baviera desembarcou no porto da capital do Rio de Janeiro.

Figura 3. Mapa do itinerário da viagem de Teresa da Baviera pelo Espírito Santo em 1888.

PREFÁCIO

Realizei minha viagem ao Brasil na companhia de uma dama, um cavalheiro a serviço e um criado que havia adquirido habilidades taxidérmicas⁵. A finalidade da minha viagem foi conhecer os trópicos e, sempre que possível, visitar povos indígenas, coletar plantas, animais e objetos etnográficos. Como resultado dessa viagem deve ser mencionada, entre outros, a descoberta de algumas espécies de animais e variedades de plantas, bem como a constatação de alguns locais de novos achados.

O primeiro objetivo, de contribuir com alguns complementos sobre a geografia animal e vegetal, me moveu a elaborar os resultados da viagem e pensar numa publicação. Enquanto eu estava ocupada com essa atividade, ocorreu o evento da grande virada política no Brasil⁶. Logo depois o nobre casal de regentes desse país foi sepultado para seu descanso eterno. Fizeram parte de um período histórico encerrado as coisas que eu vi e vivenciei na corte brasileira e muito disso ganhou mais interesse pelo fato de que posteriormente não foram mais observadas. Foi isso que me motivou a submeter também essa parte da minha viagem à redação, fato que não estava previsto para ser tornado público, adicionando-a às explicações geográficas.

Infelizmente não foi possível entregar estas folhas para a impressão mais cedo, pois foram necessários cinco anos para determinar as plantas e os animais coletados e fazer as comparações dos objetos etnográficos por mim trazidos com os existentes nos diversos museus etnográficos. Está certo que muitos homens de boa vontade tiveram a bondade de verificar a maior parte dos objetos, mas não me contentei com isso, trabalhando eu mesma em cada objeto isolado e, para esse fim, tive que me familiarizar detalhadamente com os materiais da literatura pertinente. Outro atraso na publicação foi devido ao fato de que me

5 Arte de empalhar animais. Nota da Tradutora (NT).

6 A autora se refere à derrubada da monarquia no Brasil e à instalação da República, em 1889. Nota do Organizador (NO).

vi obrigada a realizar várias viagens para complementar meus estudos. Assim, estive em Paris em 1889 para ver os objetos de cerâmica dos índios do antigo México e de vários países da América Central e Latina, expostos numa transparência até aquele momento ainda não vista, visando compará-los com os objetos brasileiros. Depois estive na América do Norte em 1893, com o objetivo de obter uma visão do maior número possível de materiais etnográficos para comparação. Tive êxito nisso, pois, além de visitar as coleções, pude ver pessoalmente indígenas de 17 nações diferentes, desde o Canadá até o sul do México.

Fui aconselhada a registrar as vivências das minhas viagens em forma de diário. Segui o conselho. No entanto, quanto mais eu avancei na escrita do meu livro, tanto mais me tornei consciente de que essa forma não seria a mais adequada. Por exemplo, ela me impediu de resumir as impressões e aproveitar as experiências complementares adquiridas posteriormente. Mas, se mesmo assim eu aproveitasse essas experiências, resultaria o mal-entendido de que aparentemente eu sabia de coisas numa época em que teria sido muito difícil ou até impossível saber delas. Quando tive certeza dessas e muitas outras desvantagens do livro em forma de diário, a obra já havia avançado demais para ser retomada desde o início numa forma diferente.

Além dessa situação desagradável, também fui impedida de trabalhar no livro de acordo com minha vontade pela falta de literatura. Para citar apenas algumas coisas, diversas das mais importantes famílias de plantas ainda não apareceram na *Flora brasiliensis*, de Martius⁷. Do mesmo modo, o volume do catálogo ornitológico que trata das garças, editado pelo Museu Britânico, ainda não foi publicado. Visto que muitos novos pontos de vista das Ciências Naturais passaram a valer durante os longos anos do meu trabalho, fui obrigada a fazer muitas alterações posteriores na obra já dada por concluída. Sendo assim, pode ter acontecido que fiz uma retificação em algum ponto, mas tenha deixado de introduzi-la num outro, resultando disso algumas contradições no meu

7 MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Flora brasiliensis*. Stuttgartiae et Tubingae: Sumptibus & J. G. Cottae, 1829.

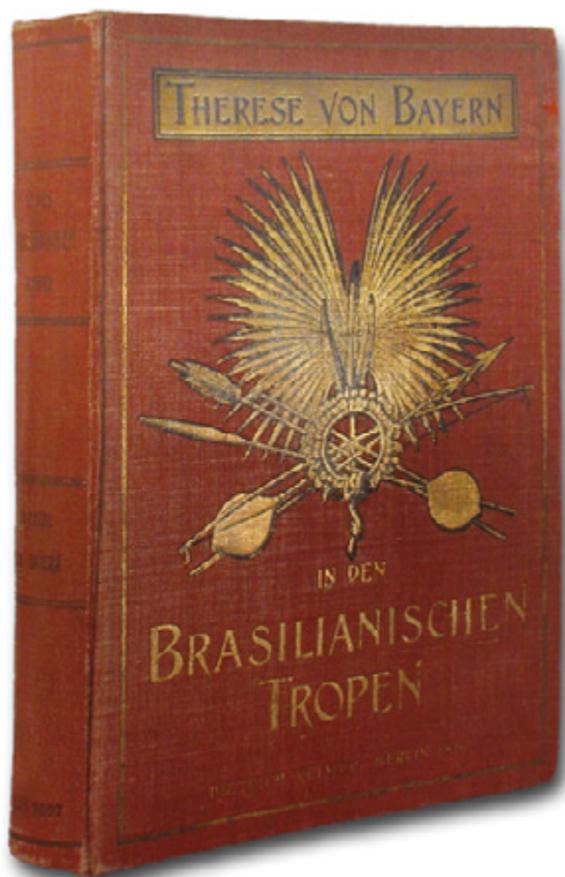


Figura 4. Capa original do livro *Meine reise in den brasilianischen tropen*. Disponível em: <http://www.dutraleiloes.com.br/2008/1105/images/lote180.jpg>. Acesso em 6 jun. 2011.

livro. De qualquer maneira, apesar de repetidas e trabalhosas revisões do todo, devem ter ocorrido várias falhas.

Antes de terminar esta introdução, não posso deixar de agradecer a todos os que me auxiliaram com tanta amabilidade na definição dos materiais naturais por mim coletados e trazidos para fins de estudos e em outras tantas coisas. Pertencem a esses os senhores das áreas de zoologia, paleontologia, mineralogia e botânica do Museu de Munique, vários senhores do Museu de História Natural de Viena, do Museu de Ciências Naturais e do Museu Botânico de Berlim, bem como do Museu Britânico de Londres; os botânicos Dr. Weiss, von Freysing, Dr. Dingler, von Aschaffenburg, Schenk, de Darmstadt, Köhne e de Berlim, Mez de Breslau, Cogniaux, von Verviers, Stapf, von Kew e Petersen, de Copenhague, os zoólogos Conde Otting de Munique, Berlepsch de Munique, Forel de Zurique, Barão de Sélys-Longchamps de Lüttich e Dr. Goeldi do Pará e, finalmente, o geólogo, prof. Orville A. Derby de São Paulo.

Munique, 1897

A AUTORA

Espírito Santo

A bordo do *Maria Pia*,
sábado, 25 de agosto.

Hoje de manhã nós três saímos do Rio de Janeiro a bordo do vapor *Maria Pia*, da Companhia Espírito Santo Campos, em direção a Vitória, a capital da província do Espírito Santo. Nosso único criado permaneceu no Rio, pois a viagem que tínhamos a nossa frente teria sido muito dificultosa para ele. No início, o nosso curso ia na direção leste, a seguir na direção nordeste e, para chegarmos à meta, tivemos que percorrer mais uma vez um trecho do caminho que já havíamos percorrido há duas semanas da Bahia ao Rio.

Mas não foi possível evitar isso, pois, em primeiro lugar o nosso navio naquela ocasião não aportou em Vitória, e em segundo lugar, naquela data ainda não estávamos pensando neste projeto da viagem atual. Essa ideia só amadureceu no Rio de Janeiro e tinha a finalidade de visitarmos tanto a mata virgem costeira quanto os índios botocudos⁸ que ali vivem. Essa nossa excursão devia nos servir de substituição para a cavalgada de Santo Amaro e para a viagem pelo rio Negro, que tinha como objetivo visitar a tribo dos crichanás⁹, e que não se realizou.

Antes do meio-dia, viajamos ao longo da costa sul e ficamos extasiados pela visão de suas cadeias de montanhas. Mas na parte da tarde a névoa, muito frequente nesta costa nesta época do ano, tirou-nos toda a visão. O nosso navio *Maria Pia* balançava muito, pois era menor do que o vapor do Bodensee¹⁰ e nós não tínhamos somente um estreito à nossa frente, mas também as ondas se tornaram muito fortes ao retornarem

8 Botocudos é nome genérico dado pelos portugueses a índios de diferentes nações que integram o tronco macro-jê, grupo não tupi, que habitavam regiões da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, e eram também conhecidos como aimorés. (NO).

9 Índios uaimiris-atroaris, também conhecidos como crichanás, uma etnia do tronco karib, cujos territórios se localizavam nas regiões sul de Roraima e norte do Amazonas. (NO)

10 Lago de Constança atravessado pelo rio Reno na fronteira entre Áustria, Suíça e Alemanha. (NO).

da terra próxima. Muitos dos passageiros não conseguiam ficar em pé, e um deles, que foi jogado ao chão, engatinhou até o seu assento. Amanhã deveremos ver a costa do Espírito Santo.

Essa província, a segunda menor do Brasil, ainda assim abrange uma superfície de 44.839 km¹¹ e, sendo assim, tem mais ou menos o tamanho da Suíça. Ela se situa entre 18° 5' e 21° 18' na latitude sul e apresenta uma extensão costeira de 428 km. A sua extensão de leste a oeste é pequena. O Espírito Santo representa o território litorâneo para Minas Gerais não banhado pelo mar, mas a deficiência das estradas ainda não permite que seja reconhecido como tal. Toda a extensão da província recai na Zona da Mata virgem costeira e não há nenhuma espécie de campo. As partes mais belas da mata virgem brasileira que se estendem ao longo da costa se situam dentro de seus limites, ou seja, ao sul e ao norte, ao passo que os trechos da parte central não possuem essa vegetação de mata abundante. A característica dessa terra é predominantemente montanhosa. Ela é fechada principalmente em direção ao centro e, ao longo de todo o limite oeste, de sul a norte, se estende a serra do Mar. A parte norte desse trecho leva o nome de serra dos Aimorés. A leste, na costa e nas margens dos rios maiores, mais precisamente aos 20° na latitude norte, estendem-se grandes planícies. Mais ao sul, segue a cadeia de montanhas costeiras que distende suas extremidades finais até perto da costa.

Até o momento ainda não foram feitas muitas observações, nem publicados muitos estudos sobre o clima do Espírito Santo que pode ser considerado como quente em seu todo, úmido e insalubre nas costas e nas baixadas dos rios, mas agradável e saudável no interior da província e nas camadas mais elevadas. A provável isoterma anual, ou seja, a temperatura anual média dos trechos costeiros¹² é de 24° C. No rio Doce, na época quente do ano, o calor se eleva com frequência para 35° C. Santa

11 O quanto estas informações são incertas fica comprovado pelo fato de que, por exemplo, um autor brasileiro, Silva Coutinho, em *Breve notícia* descritiva sobre a Província do Espírito Santo, p. 2, informa uma área de 39.000 km², ao passo que um segundo autor Carvalho Daemon, *Província do Espírito Santo*, p. 472, informa uma área de 79.000 km².

12 Nas fontes não é dito se se trata da temperatura média anual das faixas costeiras, mas, pela comparação com as isothermas anuais de faixas costeiras vizinhas, é de se supor que seja isso.

Isabel, que pertence à região montanhosa do interior, tem uma média de temperatura anual de 22,5° C, e em Santa Leopoldina, que apresenta uma situação semelhante, o termômetro nunca baixa de 15°C¹³. Na costa são registradas chuvas ao longo de todo o ano, entretanto e no verão chove bem mais do que no inverno. Os meses mais secos em toda a província são junho, julho e agosto. Com relação à agricultura, o Espírito Santo ainda está muito atrasado, pois somente poucos trechos de seu solo muito fértil estão cultivados. Das culturas, encontramos principalmente os cafezais, para os quais a constituição do terreno é muito adequada, e que estão aumentando cada vez mais. Além disso, são cultivados cana-de-açúcar, algodão, mandioca, milho, diversos tipos de batatas e outras plantas úteis. Nessa terra constituída praticamente apenas de mata, pouco se pode falar em agropecuária. Em contrapartida, as matas são exploradas para uso na construção e outras utilidades, entre as quais as conhecidas paliçadas¹⁴.

O lento desenvolvimento da província, que em si é bastante rica, deve ser atribuído ao baixo número de estradas, que não permitem, ou permitem com muita dificuldade, o transporte de produtos do interior para a costa e dali para os locais de exportação.

Em decorrência disso, também o comércio ainda não conseguiu se desenvolver muito bem. Em 1885-1886, o valor do faturamento de mercadorias em toda a província atingiu somente cerca de 6.400.000 marcos¹⁵. Dessa soma, a maior parte se refere à importação de outras províncias, enquanto o valor das transações comerciais com o exterior foi apenas um pouco acima de um terço da soma total.

A população do Espírito Santo é pequena, contando com apenas 121.562 habitantes. Sendo assim, não vivem mais do que três pessoas num quilômetro quadrado. Os brancos não estão representados em grande número, somando apenas 32% da população, e também os mes-

13 A temperatura mínima informada em Sellin (*Das kaiserreich brasilien*, II, p. 94) para o Espírito Santo, de 0°C, é questionável.

14 A autora não deve estar se referindo exatamente ao uso militar das estacas de madeira, mas sim ao uso da madeira para a construção de cercas, no caso, os mourões. (NO).

15 A autora não indica de onde extraiu essas informações, provavelmente de algum relatório dos presidentes de província. (NO)

tiços, com 33%, não são muitos em comparação aos que vivem na maior parte das outras províncias. Os negros, 27%, somados em números relativos, ficam apenas atrás dos do Rio de Janeiro. Também é notável o número relativamente alto de índios civilizados, que é superado somente pelos que vivem nas províncias do Amazonas e do Mato Grosso. Oito por cento (8%) da população referente a esses indígenas dividem-se em três grupos de povos: os goitacás, os gês (ou tapuias) e os tupis¹⁶. Além disso, ainda existem muitos indígenas selvagens no Espírito Santo. Eles vivem livres nas matas virgens das regiões oeste e norte, em parte ainda completamente inexploradas, ao passo que os brancos e os outros civilizados dominam apenas as costas, avançando lentamente pelas margens dos rios para dentro da interminável mata virgem. Os silvícolas pertencem a dois grupos diferentes. Aqui encontramos os cotoxós, os botocudos e outros do grupo dos gês, bem como puris do grupo dos goitacás. Os botocudos se assentaram no oeste e no norte, e os puris mais ao sudoeste. De todas essas tribos, os botocudos são a mais importante e também a que mais nos interessa, pois a nossa visita aos indígenas do Espírito Santo deve-se principalmente a esta tribo.

Os botocudos, que antigamente eram conhecidos sob o nome de aimorés (eles mesmos se denominavam burus), são contados em número aproximado de 7.000 e se dividem em diferentes tribos. Essas tribos portam diversos nomes e vivem em constantes conflitos entre si. Possuem ocas muito distantes uma da outra. Ao norte, nós os encontramos espalhados até perto de Ilhéus, na província da Bahia; no oeste, até o centro de Minas Gerais, onde se estendem as extremidades da mata virgem costeira, ou seja, quase na serra do Espinhaço; ao sul, no Espírito Santo, no mínimo até o rio Doce; e a leste, em trechos isolados até perto da costa. Antigamente eram encontrados ao sul, no rio Preto, a 22° da latitude sul. Estudiosos brasileiros citam também alguns nas províncias

16 Provavelmente os tupis originam-se, além das tribos dos tupinambás, também dos tupiniquins e de qualquer modo, dos papanazes. Veja Martius. *Zur ethnographie Amerikas, zumal Brasiliens*, p. 172, 174, 191 e 302, e Moura. *Diccionario geographico do Brazil*, I, p. 463.

do Paraná e Santa Catarina¹⁷. No rio Doce, os botocudos ainda ocupam algumas das ocas, onde foram encontrados pela primeira vez há centenas de anos. Eles estão muito próximos da raça original, no mínimo próximos ao homem pré-histórico do Brasil¹⁸. O tipo de seu crânio é baixo, a sua capacidade craniana também é baixa, aproximando-se da dos australianos e dos habitantes da Nova Caledônia. Os homens, em sua média, são autênticos prognato-dolicocefálicos, com um índice de largura de 73,75¹⁹, ao passo que as mulheres, com um índice de largura de 75,36, fazem parte dos mesocefálicos²⁰.

As testas dos botocudos são estreitas, baixas e inclinadas para trás, o rosto é largo e achatado, a base do nariz se situa bem abaixo,

17 Veja *Guia da exposição brasileira*, p. 18 e p. 41. E Peixoto. *Novos estudos craniológicos sobre os botocudos* (Arquivos do Museu do Rio de Janeiro VI. 233. 235) e Ladislau Netto, *Investigações sobre a archeologia brasileira* (Arquivos etc., VI, p.415, 504 e 505.), Martius *Zur Ethnographie*, etc. e Ehrenreich (die eintheilung und verbreitung der völkerstämme brasilien [Petermann's Geographische Mittheilungen, XXXVII, p. 116]) não citam nenhum. Mas em seu todo, parece que ainda existem poucas afirmações seguras sobre esses botocudos do sul. Constata-se, no entanto, que os estudiosos brasileiros dão um significado muito maior para o conceito "botocudos" que os alemães, supostamente porque os respectivos silvícolas das províncias do sul apresentam cavilhas nos lábios, de modo semelhante aos selvagens geralmente conhecidos como botocudos.

18 Quatrefages, *L'homme fossile de Lagoa-Santa et ses descendants actuels* (Comptes rendus de l'Academie des Sciences, XCIII, p. 882). Mas Ehrenreich (p. 115 em *Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes, Os botocudos das províncias brasileiras do Espírito Santo e Minas Geraes* [Zeitschrift für Ethnologie, XIX, p. 79] diz que os crânios de Lagoa Santa seriam idênticos aos dos botocudos e não os considera como diluviais, ao contrário de Quatrefages.

19 Média de 19 índices de largura de crânios masculinos citada em Archivos etc. (I. 55. e VI. 212), Hartt (*Geology and physical geography of Brazil*, p. 586), Rey (*Étude anthropologique sur les Botocudos*, p. 24s.), Virchow (*Crania ethnica americana, e Verhandlungen der berliner gesellschaft für anthropologie*, ano 1875, p. 161). Exceto dois, esses crânios são todos dolicocefálicos, sendo o menor índice de largura 70,8, e o maior, 79,3. Ver Ehrenreich (*Ueber die Botocudos*, p. 67) que obteve um índice de largura média de 74,5, a partir de nove crânios que se encontram em Berlim.

20 Média de nove índices de largura de crânios femininos citada in Archivos etc. (I, p. 57 e VI, p. 233s.), Rey (p. 1 e p. 37) e Verhandlungen etc. (1875, p. 161). Três desses crânios são dolicefálicos. O índice de largura mais baixo é 71,02, e o mais alto, 79,86. Ehrenreich (*Ueber*, p. 67) calculou uma relação entre comprimento e largura do crânio em média de 78,4 a partir de quatro crânios que se encontram em Berlim. – 12 outros crânios de botocudos que apresentavam uma relação entre comprimento e largura média de 74,49 (Archivos, VI, p.243) e um crânio citado por Virchow (*Verhandlungen der berliner*, 1874, p.262; 1875, p.161) de 72,4, não foram considerados aqui, tanto pelo fato de não terem sido classificados pelo sexo, quanto por não serem, em parte, de raça pura.

tendo geralmente um perfil dobrado para dentro, às vezes curvo, às vezes reto; os olhos são pequenos e pretos, com fenda enviesada, às vezes também horizontal; a boca é grande, os lábios, bastante grossos, os ossos malares, salientes; os cabelos lisos são quase sempre pretos, a barba é rala e a cor da pele é muito variada. Encontramos tanto indivíduos de cor amarelo-tostada como também avermelhados ou bronzeados, mas a cor amarelo-tostada é a predominante. De qualquer modo, os botocudos são mais claros do que os tupis, pertencendo ao grupo dos indígenas com a pele de cor mais clara. Sua estatura é mediana, têm pescoço curto, ombros largos e horizontais e suas extremidades chamam a atenção por serem pequenas²¹.

Os botocudos ou aimorés usam um disco de madeira nos lábios, tendo por isso recebido dos portugueses a alcunha botocudos, palavra originada de botoque, ou melhor, batoque, ou rolha de tonel. Eles dividem esse costume com outras tribos indígenas, embora esteja desaparecendo aos poucos. São principalmente as mulheres que se desfiguram com essas estacas nos lábios, ao passo que os homens se contentam com discos de madeira nas orelhas. Os de maior tamanho cerca de 9 cm de diâmetro. Apesar de os botoques serem produzidos com madeira da paineira-rosa (*Chorisia*), que pesa um pouco menos do que a rolha, geralmente nos velhos o lábio inferior se rasga quando extremamente distendido. Além desse “enfeite” questionável, as mulheres usam colares e pulseiras de seementes e dentes de animais, e os homens, quando em luta, diademas de cascas de árvores. Antigamente os caciques usavam algumas penas na cabeça, mas isso era exceção. Os botocudos se pintam com tintas azuis, vermelhas e pretas. Na mata, eles andam completamente nus. Os poucos semicivilizados se cobrem um pouco quando trabalham nas fazendas. Os botocudos se encontram num nível de desenvolvimento muito baixo,

21 Lacerda filho e Peixoto, *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil* (Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, I, p. 49); Lacerda, *Craneos de Maraca* (Archivos etc., IV, p. 40); Peixoto: *Novos etc.* (Archivos etc., VI, p. 212, 218, 229, 246 e seguintes); Rey. *Etudes etc.*, p.70-71; Mello Moraes. *Revista da exposição anthropologica brasileira*, p. 2-94; Neuwied, *Reise nach Brasilien*, II, p. 3; Hartt. *Geology etc.*, p. 579; Ehrenreich. *Ueber etc.*, p. 14.

talvez o mais baixo de todos. Eles ainda vivem na Idade da Pedra e não conhecem o uso das canoas²², nem o uso de utensílios de barro; mesmo redes e às vezes também ocas lhes são estranhos. Seus utensílios consistem de hastes de bambu e cascas de frutos da calabauça, ou árvore da cuia (*Crescentia Cujete L.*), porongos (*Lagenaria vulgaris Ser.*) e da sapucaia (*Lecythis Pisonis Camb.*). Pânelas para cozinhar raramente são encontradas entre eles e as poucas encontradas são muito primitivas. Geralmente aquecem a água em bambus ou em folhas novas de palmeiras, aquecendo pedras de cascalho na brasa e jogando-as no vasilhame contendo a água. Além dos utensílios domésticos acima citados, eles possuem machados de pedra e facas de bambu e recentemente também machados e facas de ferro, trazidos pelo contato com os brancos. Eles igualmente possuem tubos feitos de rabos de tatu e flautas de bambu, sopradas pelo nariz. Cestas, clavas e recipientes de madeira raramente são encontrados entre eles. Para transportar os seus parques pertences em suas andanças, eles usam redes de malha larga, feitas de fibras vegetais, chamadas cacaiú. Estas redes são amarradas nas costas das mulheres através de uma tira vegetal que passa pela testa. Às vezes ainda carregam uma criança sentada em cima da carga. As suas armas consistem de arcos e flechas, raramente usam clavas. As flechas nunca estão envenenadas e suas pontas são sempre de um material retirado do reino vegetal. As clavas são pequenas e fabricadas de uma madeira muito dura. Os botocudos se alimentam de caça, mamíferos, aves e pássaros, jacarés, lagartixas, cobras e peixes, que geralmente são abatidos a flechadas²³, bem como de vários tipos de insetos. Também ovos de pássaros, mel e várias frutas silvestres lhes servem de alimento. O preparo das refeições é feito sem utensílios de cozinha, pois, como já vimos, praticamente não os possuem, e a carne - a sua carne predileta é a de macaco - eles a comem crua. Não possuem ocas próprias e, em suas andanças constantes, se contentam com acomodações noturnas baixas,

22 Ver Ladislao Netto, *Investigações etc.* (Archivos etc., VI, p.414). E Martius. *Zur Ethnographie*, I, p.324) que, por sua vez, menciona o uso de canoas, embora estas sejam extremamente precárias.

23 No original geschossen: abatidos a tiros. (NT)

feitas de galhos, ramos e folhas. Somente quando pretendem permanecer por mais tempo num mesmo lugar, eles conferem a essas acomodações primitivas um pouco mais de firmeza, apoiando-as com estacas. As suas camas consistem de pedaços de fibras estendidas sobre o solo. Intelectiva e espiritualmente, os botocudos pertencem às raças de níveis de desenvolvimento mais baixos. Ainda praticam a antropofagia, antigamente muito propagada entre eles²⁴; é o inimigo abatido na luta que eles comem, ou por desejos de vingança, seja porque é justamente ele quem lhes oferece a refeição apropriada para o momento.

A sua índole é indolente, são famintos, inclinados a roubar e facilmente irritáveis, porém também podem ser bondosos, e se forem tratados com gentileza, pode-se esperar o mesmo deles. Ainda praticam a poligamia, no entanto, predomina a monogamia. Tão facilmente quanto se casam, também desfazem o casamento. Enterram seus mortos em cemitérios que depois são abandonados. A sua língua, que pertence ao grupo das línguas aglutinantes e apresenta variações dialéticas, é mal desenvolvida, possuindo muitos sons linguais e palatais e relativamente poucos sons labiais. Em algumas tribos, os números só vão até dois, e em outras, até cinco, mas com os dedos das mãos e dos pés os botocudos conseguem fazer uma ideia do que representa o número vinte. A religião dessa tribo indígena é muito simples e não inclui nenhum tipo de culto, não existindo, portanto, nem mesmo os pajés dos povos tupis. Não se sabe se os botocudos creem num ser bondoso e superior, mas a crença em espíritos maus está presente. A tribo que queremos visitar é a que está assentada no rio Doce, nos limites entre Espírito Santo e Minas Gerais, pertencente ao grupo dos Nak-nanuk²⁵. Parece que já sofreram um cruzamento com a raça branca, mas fora isso, ainda conservam nitidamente o tipo dos botocudos.

Também os Nak-nanuks cruzados ainda se caracterizam como nitidamente dolicocefálicos com prognatismo marcante.

24 REY, Phillipe Marius. *Etude anthropologique sur les Botocudos*, p.79. Hartt. Geology etc., p. 600.

25 Talvez a autora se refira aos m'byás. (NO)



Figura 5. Foz do rio Itapemirim - Natureza esquematizada pela autora e reproduzido por R. Wiegandt.

A bordo, sábado, 26 de agosto.

Hoje de manhã, às 10 horas, o nosso vapor estava ancorado na latitude 20° 50', defronte ao emboque do rio Itapemirim²⁶. Depois que atravessamos o emboque do rio Itabapuana, navegamos ao longo da costa do Espírito Santo, ladeada de diversas montanhas que iam até 30 a 40 km terra adentro até Vitória.

O rio Itapemirim é um rio litorâneo de bela aparência, em cujas margens do lado sul, a aproximadamente 3 km acima do desemboque no mar, se eleva a vila de mesmo nome. Na foz propriamente dita, situa-se um pequeno vilarejo chamado Barra, formado somente por uma igreja e algumas casas, mas possuindo nada menos do que uma biblioteca com jornais em alemão e revistas alemãs. A provável explicação poderia ser a

²⁶ Itapemirim é uma palavra da língua tupi, que significa pequeno caminho de pedra.

colônia próxima, Rio Novo, da qual o rio Itapemirim é a via de saída, onde também moram alemães. As montanhas de gnaiss²⁷ se agrupam de forma muito linda por detrás das margens do rio cobertas de floresta fechada. Em grande parte trata-se de cadeias de montanhas de formação fantástica, que se elevam na serra de Itapemirim até uma altura de 1.400 m, das quais a montanha do Itacolomi²⁸, localizada em Cachoeiro, se sobressai em forma de um dedo gigantesco apontando para o céu.

A barra do Itapemirim é de difícil acesso e somente navios de baixo calado conseguem chegar ao rio, que se torna navegável a cerca de 70 km antes da embocadura. Chegamos em terra com uma lancha, atravessando uma forte ressaca e passando pelo meio de uma série de recifes que haviam adquirido forma arredondada pela ação do movimento das águas e eram ocupados por muitas gaivotas. Alguns veleiros e canoas vagavam sobre a superfície do rio estreito.

Depois de duas horas, as quais aproveitamos para inspirar um pouco do ar da biblioteca da Barra, o nosso vapor prosseguiu viagem ao longo da costa, em direção ao norte. Depois de mais duas horas, em que contávamos sempre com a visão da terra firme, o *Maria Pia* atracou numa pequena baía no emboque do rio Guarapari. A vila de mesmo nome, que deve sua origem a uma missão tupinambá e que ainda conta com muitos moradores indígenas, situa-se em grande parte atrás das rochas das margens, escondida no meio de uma bela paisagem montanhosa. Passando no meio de diferentes recifes, chegamos até o local conhecido pelo clima insalubre, cujo porto, no entanto, é um dos melhores da costa, permitindo a entrada de navios de 5 m de calado. Diante de Guarapari, nas margens da silenciosa e pequena baía, encontram-se as casas de barro vermelho cobertas de palha da aldeia de Muquiçaba.

As modestas moradas são sombreadas por árvores e atrás delas estendem-se elevações de gnaiss e argila, cobertas de vegetação. A baía é fechada em sua volta por montanhas que apresentam uma configuração como a dos Alpes e, nesse lugar, chegam até bem perto

27 Formação rochosa das mais antigas do mundo resultado da deformação de sedimentos arcóscicos ou de granitos encontrada, por exemplo, no Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro.

28 Itacolomi é um nome de montanha que se repete com frequência.

da costa, formando um arco. Em Guarapari, que exporta peixes salgados, um pouco de algodão, madeira para construção e muito bálsamo, não permanecemos por muito tempo, de forma que tivemos que ver a paisagem pitoresca desaparecendo aos poucos diante dos nossos olhos. À nossa direita, um cinturão de recifes achatados; a costa próxima, ao longo da qual se localiza a bela serra de Guarapari, que se estende até 30 km em direção ao interior do território.

Navegamos, portanto, para o norte, em direção à cidade de Vitória. Ao anoitecer abria-se, a oeste, a baía de Vitória ou do Espírito Santo²⁹, que na entrada tem uma largura de algumas milhas marinhas, e a seguir, três milhas terra adentro. Essa baía certamente é a mais importante de toda a província, não, porém, a melhor para os navios. Em sua parte externa, em direção ao mar, ela oferece pouca proteção, e a entrada de navios, principalmente para o canal de Vitória, é muito difícil. Além disso, somente navios com calado de 3,5 m podem ancorar nela³⁰.

Na ponta sudeste do território que envolve a baía, eleva-se o morro do Moreno, dominando a entrada. Trata-se de uma elevação cônica de gnaiss, de 210 m de altura. Ligada a esta, na direção oeste, segue-se uma pequena elevação de 80 m de altura, em cujo cimo está situado o antigo mosteiro Nossa Senhora da Penha, literalmente formado de rocha. A oeste da última elevação, a linha da costa é profunda, formando a baía de Vila Velha. Tanto aqui como na baía externa, ornadas de grandes e pequenas ilhas, a água mede apenas 5 m em suas partes mais profundas. Entre a Ilha do Boi e a costa sul da baía, situa-se a entrada para o canal que conduz a Vitória, estendendo-se terra adentro na direção oeste. Aqui o território se projeta em ambos os lados, à esquerda, com a terra firme, à direita, com a ilha do Espírito Santo³¹. A passagem pela água afunila-se para aproxi-

29 Mesmo fontes brasileiras citam a baía de modos diferentes. Veja Carvalho Daemon, *Província do Espírito Santo*, p. 474; Silva Coutinho, *Breves notícias sobre a província do Espírito Santo*, p. 3; Ayres de Casal, *Corographia brasílica*, II, p. 58.

30 Fontes brasileiras, ao contrário (Carvalho Daemon, *Província etc.*, p. 474 e Silva Coutinho, *Breves etc.*) descrevem a baía como uma das melhores do mundo, ou seja, bem protegida e também suficientemente profunda mesmo na maré baixa.

31 Também essa ilha tem diversos nomes. Macedo, *Corographia do Brasil*, p. 133, a denomina de Ilha do Espírito Santo, Carvalho Daemon, *Província etc.*, p. 479 de Ilha da Vitória.



Figura 6. Muquiçaba - A natureza esquematizada pela autora, desenhado por B. Wiegand.

madamente 180 metros. Recifes e ilhas íngremes de gnaisses cobertas de bromélias representam um perigo para a navegação. No lado sul, eleva-se o Pão de Açúcar³², com cerca de 130 ou 140 m de altura, perpendicular ao fluxo das águas, onde a água atinge uma profundidade considerável. A seguir, o canal alarga-se novamente, formando o excelente e espaçoso porto de Vitória, cuja água é salobra, atingindo de 6 a 10 m de profundidade. Na margem norte do porto, na Ilha do Espírito Santo, a cidade se estende morro acima, banhada pelo fluxo das águas não somente ao sul como também a oeste. A oeste de Vitória, ou seja, no ângulo norte em relação ao canal de entrada, estende-se uma laguna denominada de Lameirão, na qual desembocam diversos rios, dos quais o mais importante é o rio Santa Maria.

Já estava escuro quando nosso vapor finalmente conseguiu passar pelo longo e estreito canal de entrada, ancorando diante de Vitória. Assim sendo, fomos obrigados a passar a noite a bordo, embora centenas de luzes brilhassem nas casas, acenando de modo convidativo.

32 A autora se refere ao Penedo. (NO)

Vitória - Fazenda no Mangaraí, segunda-feira, 27 de agosto.

De manhã bem cedo nos dirigimos para a terra firme, onde fomos recebidos hospitaleiramente na casa do Sr. Peschier, um rico comerciante. A primeira coisa a fazer foi largarmos a bagagem supérflua e nos preparar de modo simples e prático para a viagem pela mata virgem costeira para visitar os botocudos.

Aqui pedimos para guardar nossas roupas de corte europeu e passamos a usar um vestuário apropriado, tanto para cavalgar como para andar a pé pelo matagal. Não levamos nenhuma muda de roupa para não tornar a bagagem muito pesada, mas não recusamos de ficar em abrigos quentes para nos proteger da chuva e do frescor da noite.

Às 11h30min, as nossas duas barracas, as três camas de campanha extremamente simples, nossos parques utensílios de cozinha, vários tipos de conservas, duas lanternas e um estoque de velas estavam acomodados na canoa que nos foi destinada. Além disso, havíamos tomado um reforçado café da manhã, talvez por algum tempo, pela última vez. Então seguimos mata adentro, sem ter a certeza de que realmente chegaríamos ao nosso destino. Nossa canoa era feita de um enorme tronco de madeira amarela³³ e tinha seis bancos. Esses bancos não eram destinados a nós, mas ao pessoal que remava a canoa. Essa equipe era composta de quatro remadores, sendo dois deles negros, um índio e um branco, mais o piloto, igualmente um negro parado em pé, que comandava a canoa com um remo. Para nós estava reservado um lugar comprido, sem banco, acima do qual havia uma cobertura, um meio-cilindro de folhas de palmeira, que servia para nos proteger dos raios do sol. Sobre a madeira do piso havia uma esteira e um colchão. Aqui nós tivemos que ficar sentados

33 Supostamente a madeira da sucupira amarela (*Ferreirea spectabilis* Allem.) uma enorme árvore do Brasil central (Martius, *Flora brasiliensis*, XV, p. 311 e *Das kaiserreich Brasilien*, na exposição mundial de 1876 na Filadélfia, p. 50). Veja também Costa Rubim. *Vocabulário brasileiro*, p. 69 e Martius. *Beiträge zur ethnographie und sprachenkunde Amerikas*, II (Contribuições sobre a etnologia e linguística), p. 405-406. No entanto, em *Flora brasiliensis* (XIII, 2, p. 73-74) ela é denominada de pau-amarelo, principalmente a madeira da *Vochysia obscura* Warm, restrita à região do Alto Amazonas, p. 20.

no chão durante todo o dia, à moda oriental, as costas mal apoiadas pela nossa bagagem de mão. No início, a viagem seguia na direção norte, Lameirão acima, e depois de percorridos 18 km, na extremidade norte, entramos no rio Santa Maria. Esse rio, que deve ter um comprimento de pouco mais de 100 km, é navegável ao longo de 54 km também por canoas e vapores pequenos. Nas duas primeiras horas da viagem, a canoa foi conduzida pelos remos, depois empurrada para frente com paus compridos. As margens da Laguna Lameirão eram emolduradas em sua maior parte com vegetação de *mangrove* (*Rhizophora mangle*) que, tanto aqui como provavelmente em outras partes do Brasil, se compõe de mangue preto (*Avicennia L.*) e mangue branco (*Languncularia racemosa*). Nas poucas rochas das margens que interrompiam o cinturão da vegetação de manguezal³⁴ estavam aderidas inúmeras ostras, provavelmente *Ostrea spreta* d'Orb. Pelo menos a última espécie de ostra citada é a que melhor combina com a descrição do pesquisador naturalista Hartt³⁵, relativa a ostras que aparecem nesse lugar e servem de alimento para os habitantes de Vitória. Por detrás das margens ladeadas de *mangroves*, tornaram-se visíveis, a certa distância, as mais belas montanhas, a do Frade Leopoldo e principalmente, a nordeste, a do Mestre Álvaro. Esta última, uma pirâmide de gnaiss de contorno elegante, com três pontas de mesmo tamanho, medindo 980 m, sobressai da planície de forma solitária e majestosa. Quem uma vez chegou a ver essas montanhas costeiras mais importantes da província, muito dificilmente apagará da lembrança tal formação característica, quase clássica.

Ao meio-dia, a temperatura do ar era de 26°C com ventos fortes, e a da água, de 22,5°C. Agora a nossa via de navegação era dividida por baixas ilhotas cobertas de *mangroves*. Ela se tornava cada vez mais rasa, gaivotas baixavam com voos rasantes sobre as presas e maçaricos pescavam escondidos nas margens. Bem-te-vis, possivelmente *Pitangus lictor* Licht., voavam sobre o rio Santa Maria para lá e para cá.

34 A autora usou a palavra em inglês *mangrove* no original. (NO)

35 Hartt. *Geology and physical geography of Brazil*, p. 73.

Na vegetação das margens voavam tranquilos os tiês-sangue, pássaros de maravilhosas plumas cores vermelho-escarlata e preta (*Ramphocaelus brasilius* L.)³⁶, que estavam entre as mais belas aves do Brasil. De tempos em tempos, uma piroga igual à nossa vinha navegando silenciosamente rio abaixo. Era ocupada ou com mulheres de cor escura e crianças, ou com fazendeiros que transportavam sacos de café até a costa. Assemelhavam-se a uma aparição essas canoas pitorescas, remadas por índios e mais frequentemente por negros, passando por nós e desaparecendo logo em seguida aos nossos olhos na primeira curva do rio. O cinturão de *mangroves* havia ficado para trás. Agora os dois lados das margens vinham acompanhados de uma vegetação fechada e árvores baixas, por entre as quais mui raramente sobressaía uma árvore mais alta. Nesse lugar não havia trepadeiras, nem epífitos, ornando a orla da mata, que não nos parecia bela, nem densa. Sentimos falta das fantásticas cenas de vegetação das margens do Amazonas. Lembramo-nos então de que nos encontrávamos numa região da mata costeira do Espírito Santo, que só apresenta plantas magras, semelhantes à capoeira. No rio, que se tornava cada vez mais estreito, juncos cresciam formando um grupo, e plantas de folhas carnudas, quase redondas, certamente aguapés ou pontedeiras, apareciam em grande quantidade por sobre o espelho d'água. Ora num, ora noutro ponto do rio Santa Maria oferecia-se uma bela cena idílica, produzida pelas elevações cobertas de mata ou de montanhas, fechando o horizonte. Essa foi a paisagem que se apresentou na pequena aldeia de Porto da Pedra, de onde se avista o monte Mestre Álvaro, de aparência maravilhosa. Alguns quilômetros mais acima, bem no alto de uma elevação coberta de grama, apareceram algumas casas da comunidade São José do Queimado.

As fazendas dessa região de criação de cavalos e gado permaneciam mais ou menos ocultas atrás do arvoredo das margens. Durante algum tempo, um certo fazendeiro a cavalo, acompanhado de dois garotos negros, cavalgava num cavalo de passo lento pelas margens do rio acima, permanecendo sempre à mesma distância em relação à nossa

36 Também conhecidos como sangues-de-boi, tiês-fogo ou tapirangas. (NT)

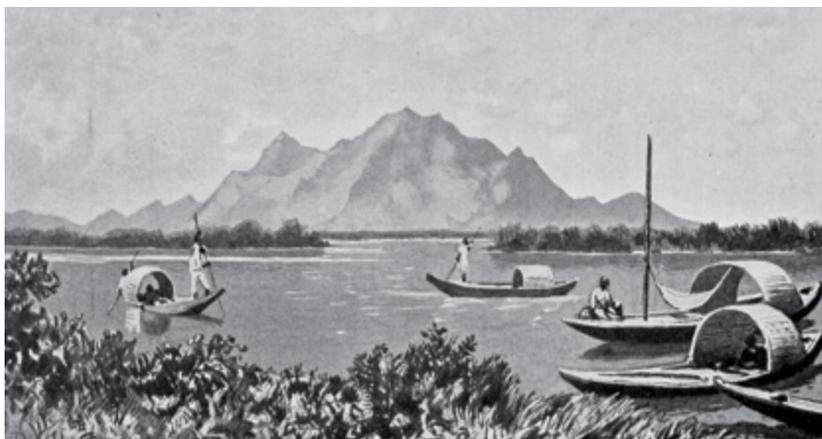


Figura 7. Rio Santa Maria da Vitória com o monte Mestre Álvaro. Natureza esquematizada pela autora e reproduzida por E. Berninger.

canoa. Logo em seguida, o pequeno grupo de cavaleiros chegou bem perto das margens, desaparecendo novamente por detrás dos arbustos. Não sabíamos ao certo o que isso significava, até que um fazendeiro de barbas brancas apareceu, saltou para dentro do rio e gritou, nos perguntando se vínhamos do Rio de Janeiro. Ele só desejava saber se o seu imperador havia retornado bem e feliz do estrangeiro. Depois que recebeu a notícia satisfatória, troteou rapidamente dali e logo desapareceu das nossas vistas. Essa manifestação tão espontânea de lealdade num lugar tão distante do mundo deixou em nós uma impressão muito benfazeja, ao pensarmos no monarca que merecia tão alto apreço.

Uma garça de cor cinza, denominada de socó, possivelmente *Nycticorax violaceus* L., levantou voo e um outro pássaro cinza, branco e preto, que nosso pessoal chamou de soldado, saltitava com pequenos passos nas margens do rio. Suponho que esse pássaro, que se assemelhava mais ou menos a um meiro aquático, devia ser um “anunciador de chuva”³⁷, possivelmente o *Ochthodromus wilsoni* Ord.³⁸ Depois que conse-

37 Tradução literal de *Regentpfeifer*. (NT)

38 Spix descreve em sua obra: *Avium species novae*, II, p. 77, apenas um pássaro jovem;

guimos navegar facilmente por algumas curvas do rio - o rio Santa Maria não tem muita descida - passamos finalmente pelo lugarejo de Queimado propriamente dito, que se estendia ao longo das duas margens.

Não paramos ali, pois ansiávamos seguir adiante, sem parada, em direção ao lugar previsto para o pernoite.

Durante toda a tarde o sol não brilhou, deixando a temperatura mais amena. À noite, às 17h15min, o termômetro marcava 24,5°C, e durante a tarde não havia soprado vento algum. À nossa direita saltava uma elevação coberta de coqueiros, que ostentavam apenas algumas poucas folhas em leque curvadas. Esses foram os primeiros coqueiros que vimos na nossa viagem pelo rio hoje. A tripulação da canoa denominava-os de cocos de quarto, mas como em parte alguma é mencionada essa denominação, tratar-se provavelmente dos cocos-da-quaresma (*Cocos flexuosa* Mart.), não somente pela denominação semelhante, mas também porque de acordo com o seu *habitat* e a forma de seu aparecimento, são os que mais se aproximam desses coqueiros. As margens se encontravam cobertas com lindas plantas de ubá (*Gynerium parolium* Nees ab Esenbeck) e atrás delas havia algumas árvores, de onde pendiam inúmeros trançados em forma de barba cinzenta, as chamadas “barbas-de-velho” (*Tillandsia usneoides* L.).

Prosseguimos silenciosamente a viagem até que novamente uma canoa veio em nossa direção. Os homens das duas canoas se cumprimentaram e casualmente ficamos sabendo que a outra canoa estava levando para Queimado as selas destinadas à nossa cavalgada de amanhã.

E pelo que descobrimos através dos homens da outra canoa, também os nossos cavalos já estariam a caminho. Mas em Vitória haviam nos dito que os cavalos estariam à nossa espera numa fazenda perto do emboque do rio Mangaraí³⁹, que se encaixa a sudeste no rio Santa

Wilson (*American ornithology*, IX, Tafel 73, N.5) retrata um exemplar adulto. (NT: nas pesquisas não foi encontrada a tradução para *Ochthodromus*, somente um *Charadrius wilsonia*, ou Wilsons Plover = tordeira-do-mar.)

39 O nosso pessoal denominou esse ponto de Mangaraí, mas pelo mapa específico em Silva Coutinho (*Breve noticia descritiva sobre a provincia do Espírito Santo*) a fazenda denomina-se José Cláudio de Freitas e Mangaraí é um povoado que se situa mais acima do rio Mangaraí e

Maria, num trajeto um pouco acima de Queimado. Ou seja, sem esse encontro casual, teríamos continuado tranquilamente a viagem com a canoa, enquanto as selas e os cavalos, que facilmente ficariam despercebidos na escuridão, teriam passado e esperado em vão por nós no povoado de Queimado, situado rio acima. Tratava-se de um mal-entendido, que se não fosse solucionado tão rapidamente teria nos custado todo um dia de viagem. Não nos restava outra coisa a não ser ficar aguardando pelos cavalos naquele ponto do rio, onde necessariamente teriam que passar. Já era noite. As duas canoas foram amarradas nas margens e em seguida os remadores acenderam uma grande fogueira em terra firme para preparar o jantar. Nós permanecemos na canoa e preparamos nós mesmos o nosso lanche modesto, que era ao mesmo tempo almoço. De tempos em tempos olhávamos para fora, para as figuras estranhas que se agrupavam em torno das chamas ardentes.

Após longas horas de espera, chegou, finalmente, a tropa de mulas de carga, cavalgada por homens que vinham do interior. Eles pretendiam continuar usando os nossos cavalos para chegarem até Queimado. Conseguimos nos entender com eles sobre isso e também ficou combinado que nos devolveriam os cavalos para que pudéssemos chegar em tempo hábil ao emboque do Mangaraí. Às 9 horas da noite prosseguimos viagem com a canoa. A escuridão era total. A pequena lanterna emitia um brilho fraco debaixo da cobertura, o movimento silencioso do barco causava sonolência e o lugar onde havíamos sentado com tanto desconforto durante o dia nos parecia agora maravilhoso para dormir.

Por volta das 11 horas da noite, chegamos finalmente à referida fazenda, para cujo proprietário levávamos uma carta de recomendação. Primeiramente tivemos que escalar o barranco lodoso no meio da escuridão impenetrável, correndo o risco de escorregar para dentro do rio, em seguida continuamos Tateando para frente até chegar à moradia, onde todos já se encontravam em profundo sono. Sem uma palavra de desagrado, os brasileiros nos receberam muito amigavelmente, arranjaram as salas, arrumaram as camas até então ocupadas e se agruparam

fica bem fora da nossa rota.

num pequeno cômodo sem camas pelo resto da noite. Nós duas dividimos uma cama dura e passamos muito frio. Visto que os quartos não tinham teto nem paredes que subissem até o alto, bem à moda brasileira, o frescor da noite atravessava desimpedidamente a casa toda. Tivemos que deixar a bagagem com os abrigos quentes na canoa, já que era muito difícil carregá-la no meio da noite escura.

Fazenda no Mangaraí - Santa Teresa, terça-feira, 28 de agosto.

O dia mal havia amanhecido quando levantamos, e ficamos impacientes com a dificuldade de nos orientar quanto à posição do nosso alojamento noturno. Encontrávamo-nos numa região relativamente montanhosa, a casa que nos hospedou se localizava perto do rio, numa margem alta, e todas as elevações em volta estavam cobertas de árvores. Aqui a natureza não nos oferecia nenhum atrativo. Às 6 e meia da manhã já estávamos montados na sela para cavalgar até o Porto do Cachoeiro, o porto da Colônia de Santa Leopoldina. Nosso caminho seguia pela serra do Mangaraí e seguimos na maior parte das vezes pela margem direita do rio Santa Maria, subindo na direção noroeste. Aqui as margens estavam cobertas por uma bela e abundante vegetação em comparação ao curso inferior do rio.

A paisagem não tinha nenhum caráter marcante e elevações cobertas de plantas acompanhavam os dois lados do caminho estreito em que cavalgamos. O modesto arvoredo dos declives era composto de uma mistura de indaiá (*Attalea indaya* Dr.) e coqueiros com folhas realmente enormes. Um jenipapeiro (*Genipa americana* L.), rubiácea arbórea que fornece aos indígenas um corante preto-azulado, chamou a nossa atenção. Lantanas (*Lantana camara* L.)⁴⁰ de flores amarelo-avermelhadas, cuja altura era muito superior à dos nossos cavalos, elevavam-se sobre

40 Coletada no meu herbanário.

o caminho. Buganvílias ou primaveras (*Bougainvillea spectabilis* Willd.)⁴¹ que se erguiam entre os arbustos, jogavam suas exuberantes folhas involucreais, de cor vermelho-escuro sobre o verde das plantas de apoio, como se fossem um manto de cor púrpura. Em lugares onde não havia mata, os temidos cupins construíram ninhos em forma de cones amarelados, que mediam mais de um metro.

Algumas fazendas isoladas se grudavam nas costas das montanhas e cafezais isolados se estendiam ladeira abaixo. As pequenas plantas de café estavam maravilhosas em suas inflorescências brancas como a neve ou no vermelho das frutinhas que apareciam por debaixo da folhagem escura. Inúmeras laranjeiras cobertas de flores nos enviavam de longa distância o seu aroma. Anus (*Crotophaga ani* L.), pássaros de um preto-azulado reluzente, chamados de cucos, de rabos longos em forma de leque, voavam de árvore em árvore. Canários (*Sycalis flaveola* L.), os machos de plumagem mais amarela, as fêmeas de plumagem com mistura de marrom e verde, saltitavam para lá e para cá no solo. Grande quantidade de bem-te-vis, de plumagem marrom, cinza e amarela, que, pelo modo de aparecimento provavelmente eram *Pitangus sulphuratus* L., estavam afoitos à procura de alimento. No meio dos arbustos havia um pássaro muito bonito, com bico comprido e preto, asas com brilho verde-dourado, dorso de mesma cor, barriga marrom-avermelhada e o peito coberto parcialmente de uma plumagem de cor azul brilhante. A mim me pareceu se tratar de um *Galbula rufoviridis* Cab., que me interessava particularmente, pois foi o primeiro representante da família dos pássaros brilhantes, cujo aparecimento se restringe à América do Sul, que se apresentou diante dos meus olhos.

Ao fundo podia ser vista, ora aqui, ora ali, uma serra. Várias vezes tivemos que cavalgar por rios e pequenos córregos, pois aqui as pontes eram um luxo desconhecido. No momento da divisão dos cavalos, coube-me um troteador e consegui me acertar muito bem com seus movimentos. Mas a sela, ao contrário, era insuportável. Na parte da tarde, troquei-a por uma sela melhor, mas a dor muscular que ela me causava certamente ainda sentirei por alguns dias. Depois de duas

41 Coletada no meu herbanário.

horas, talvez um pouco mais, chegamos em Porto do Cachoeiro, que se agrupa em volta dos declives, à semelhança de um povoado do Tirol. Essa vila é sede do município de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Ela se situa a 52 km de Vitória, na corredeira inferior do rio Santa Maria. Até esse ponto o rio pode ser navegado de canoa, mas, na verdade, ele se torna maior somente algumas horas mais para baixo do emboque do rio Mangaraí. Em épocas em que o nível das águas esteve alto, até navios a vapor chegaram a navegar por suas correntezas.

Com a chegada a Porto do Cachoeiro, havíamos chegado à antiga colônia de Santa Leopoldina. Era uma das colônias fundadas em 1856 pelo governo, em cujo território vivem atualmente 11.000 pessoas⁴². Essa população é constituída de tirolezes, alemães, suíços, holandeses, belgas, franceses, italianos, poloneses e luso-brasileiros. Depois que os primeiros camponeses tiveram que lutar contra muitas adversidades, parece que as pessoas do lugar usufruem agora de uma vida no mínimo modesta, sendo para alguns até mesmo confortável. Com o apoio do governo da província, ocorrem contínuas imigrações. No ano passado, em 1887, foram demarcadas algumas centenas de porções de terra na ex-colônia de Santa Leopoldina, destinadas em parte a novos imigrantes ou a filhos de antigos camponeses, luso-brasileiros, e outros lotes para camponeses, cuja porção de terra já não era suficiente para a família que havia se tornado muito numerosa.

Em Porto do Cachoeiro paramos na residência de um comerciante alemão e sua esposa, que nos receberam calorosamente e não queriam que prosseguíssemos viagem hoje. Mas como estávamos com muita pressa, não houve como aceitar o convite hospitaleiro. Ao contrário do clima de Santa Leopoldina, conhecido como muito bom, não tivemos o mesmo conceito em Cachoeiro. Por volta das 13 horas, o termômetro marcava 27°C e, apesar da falta de sol, do temporal e da chuva, o calor dessa tarde foi opressor.

Finalmente, depois de pedirmos muito, saímos às 16h30 min em

42 Se não for incluída a parte denominada de Santa Cruz como pertencente à colônia de Santa Leopoldina, como considerado por alguns autores, então o número de habitantes se reduz em mais ou menos 1.400.

direção a Santa Teresa. O nosso hospedeiro, o sr. Hess, não deixou por menos e quis nos acompanhar até lá. Tínhamos à frente uma cavalgada de seis horas e meia, cinco das quais, em virtude da saída tardia, tivemos que percorrer à noite. Em pouco tempo, o rio que espumava sobre as rochas e a localidade situada entre as encostas das montanhas ficaram na baixada atrás de nós. No início, a trilha subia íngreme, seguindo para as montanhas. Palmeiras de folhas emplumadas, inúmeros pés de café marrom-escuros carregados de frutos ressequidos e centenas de outras espécies de plantas cresciam em ambos os lados do caminho. Olhando da parte alta para baixo, a visão do vale montanhoso era ainda muito bonita. A seguir, chegamos a um terço da altura de uma encosta íngreme, diante da qual descia um declive igualmente íngreme. Os dois declives se uniam num ângulo pontudo, não permitindo que entre eles se desenvolvesse nenhum trecho de planície. A vegetação se tornava cada vez mais abundante. Árvores de fetos, das quais existem três espécies no Brasil, principalmente da espécie alsofila (*Pteridóferas arborescentes*), abanavam as folhagens graciosas e abundantes nas laterais do caminho. Parecia que havíamos voltado milênios no tempo, tendo diante de nós uma paisagem da época do carvão de pedra. As enormes folhas das palmeiras de indaiá (*Attalea Indaya Dr.*)⁴³ se sobressaíam no meio da abundância das plantas que ali vicejavam. Taquarais, ou seja, uma vegetação de bambus⁴⁴ cobriam os declives. Grandes troncos de cipós retorcidos semelhantes a cordas para navios, possivelmente da família das *Aristolochiaceae*, aspiravam ao alto. Aqui nos encontrávamos numa verdadeira mata virgem, a autêntica mata virgem costeira, que se diferencia da Hi-

43 Não tenho mais certeza se se trata da *Attalea Indaya Dr.* ou da *Attalea humilis Mart.*, pois, somente encontrei o nome vulgar e pelo seu *habitat* a denominei “leque gigante”. Mas parece que o nome vulgar serve tanto para a *A. Indaya* como para a *A. hum.* Wied menciona como Ndaya-assu = indaiá grande a *A. Ind.* (Wied, *Reise nach Brasilien*, I, p. 271), no entanto eu citei no dia 31 de agosto o nome Indaya para a *attalea* sem tronco, portanto a *A. hum.*, que possui folhas em forma de leque de 5 m de comprimento, iguais às do *A. hum.*. Estas podem parecer gigantescas no meio da mata fechada, mas presumivelmente as plantas da indaiá desse lugar eram realmente as *A. indaya Dr.*, que desenvolvem folhas de até 10 metros de comprimento.

44 Talvez *Nastus barbatus Ruprecht*, o único tipo de bambu citado em Martius. *Flora brasiliensis* (II, 3, p. 163) como existente nesta região.

leia⁴⁵ pela riqueza em fetos (pteridóferas) e bambuzais. Pois embora ali, pelo menos no caetê⁴⁶, não faltem nem os fetos arboríferos (*Cyatheaceae*), nem as gramíneas de bambus (*Bambusaceae*), estes não contam para a característica da paisagem por haver menos espécies e indivíduos. Em contrapartida, nessa parte da mata virgem as ramagens de cipós de beleza singular e as fantásticas ramagens de outras plantas que encantam o olhar na Hylaea geralmente nem são encontradas e, se encontradas, apenas em quantidades muito discretas. E nossa viagem prosseguia cada vez mais mata adentro. Ora os bambuzais se fechavam sobre nós à semelhança de um teto, ora aparecia um pequeno desfiladeiro com vegetação fechada, ora à nossa direita o terreno se estendia barranco abaixo num verdadeiro caos de folhagem verde. Da miscelânea de plantas erguiam-se, majestosas, algumas árvores gigantescas, praticamente despidas de galhos. Nos cantos dos galhos haviam bromélias de flores vermelhas. Aroides⁴⁷ semelhantes a tarros⁴⁸ com folhas tão grandes como jamais havíamos visto nessa família de plantas, presumivelmente alguns tipos de caládios⁴⁹ sobressaíam da vegetação fechada. Bem no alto, no cimo de uma árvore, aglomerava-se uma trepadeira extremamente graciosa com flores cor-de-rosa, certamente uma das bignoniáceas tão frequentes nessa parte do Brasil. No declive à nossa esquerda, avistava-se uma casinha solitária. Dizia-se que o morador dessa casinha, um brasileiro, havia sido muito rígido com os seus escravos, tendo mandado trancafiá-los e torturá-los. De acordo com a crendice do povo, a sua mãe o havia amaldiçoado por causa de seus atos e o infeliz havia decaído totalmente e, além disso, fora acometido da elefantíase (*Elephantiasis Graecorum*)⁵⁰.

45 Hylaea americana: floresta equatorial úmida que abrange parte da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Expressão utilizada para se referir à floresta amazônica (NT)

46 Região da mata amazônica que só se inunda nas grandes enchentes do período das chuvas.

47 Ordem botânica da classe dos *monocotyledones* que possuem estames hipogínicos abaixo da raiz. (NO)

48 Recipientes para transportar alimentos.

49 Plantas ornamentais de folhas gigantes.

50 Ou filariose, uma moléstia tropical, causada pelos parasitas *nematoides Wuchereria bancrofti*, *Brugia malayi* e *Brugia timori*, que se alojam nos vasos linfáticos e provocam a doença que, segundo a autora, seria semelhante à lepra. (NO)



Figura 8. Ponte na Província do Espírito Santo.

A trilha estreita, que permitia apenas a cavalgada em fila, era, às vezes, indescritivelmente ruim. O solo estava muito lamacento e muitas vezes tivemos que passar por verdadeiros atoleiros. Foi aqui que conhecemos pela primeira vez os malfadados pilões, que representam para os viajantes uma verdadeira tortura de esforço e cansaço. Esses pilões são rachaduras no solo que atravessam o caminho, como sulcos feitos pelo arado, cujas partes mais altas consistem de degraus arredondados e valas atravessadas, sendo as mais profundas semelhantes a valas de esgoto sem base de apoio. Esses tipos de escada na terra são produzidos pelas próprias mulas de carga, as chamadas tropas. Cada animal de carga mantém exatamente a trilha feita pelos animais antecedentes e, desse modo, nas épocas de chuva, em pouco tempo eles formam os mais profundos buracos no solo macio. Entre os buracos naturalmente se formavam elevações, valas atravessadas e escorregadias, que não eram pisoteadas pela tropa seguinte para que se unissem novamente, já que não oferecem nenhuma segurança para as patas dos animais. É desse modo que as patas dos animais somente entram nas valas, e as valas se tornam cada vez mais profundas e os degraus arredondados cada vez mais altos. É uma

situação sem perspectiva de melhoria. Os pobres animais escalavam, tropeçavam, escorregavam por cima desses pilões de modo que pensávamos a cada momento que cavalos e cavaleiros cairiam no chão. Nesses trechos nem se podia pensar em avançar rapidamente e ficávamos felizes cada vez que um deles era superado sem acidentes. Além disso, tivemos que passar por um grande número de pontes e pontilhões aos quais não estávamos acostumados no Brasil e muitos dos quais se encontravam em bom e outros em péssimo estado. Em alguns lugares as pontes haviam caído e tivemos que atravessar o rio, passando ao lado delas.

Na maior parte das regiões do Brasil praticamente nada é feito no tocante à construção de pontes. Ninguém pensa num reparo das relativamente poucas pontes existentes e, por isso, mesmo representando perigo de morte, elas são usadas até caírem. Então as tropas passam novamente por uma vala, como anteriormente, até que esta se torne inutilizável pelos atoleiros formados em ambos os lados, ou pelas poças profundas, enquanto se espera a construção de uma nova ponte.

Enquanto contávamos com a luz do sol, ainda era possível suportar esse estado primitivo das estradas. Mas a partir das 6 horas da tarde, já era noite escura. Então, tanto pessoas como animais se sentiam mais inseguros ainda a cada vez que o caminho oferecia mais uma vez os tais pilões ou pontes sem parapeito, atravessando vãos e ladeando precipícios. O guia, que cavalgava à nossa frente, havia acendido uma pequena lanterna, fixando-a em seu estribo. O fraco brilho nos mostrava mal e mal a trilha que devíamos seguir. Apesar dessa iluminação tão precária, o guia havia parado numa alta ponte de madeira, que só tinha o começo e o fim, e em cujo centro um nada muito escuro nos esperava. Mais um passo e nosso hospedeiro de Porto do Cachoeiro teria caído no rio. Agora se tratava de procurar pela passagem no meio da escuridão. O rio era fundo e largo, e a água respingava em volta dos animais, chegando até nossos corpos. Mas esses momentos não perturbaram o romantismo da cavalgada solitária no meio da mata virgem. Assim que escureceu, num repente, começou o concerto de mil vozes da mata virgem, que não havíamos mais ouvido desde o Amazonas.

*In dem Urwald tönt der Ruf der Nacht,
Grillen zirpen, heulend brüllt der Affe,
Hammerschmied und Klöppler sind erwacht,
Klagend schreckt der Frosch aus tiefem Schläfe
Ein Konzert wie Geisterspuk wird laut
Und begleitet mich auf meinen Wegen*⁵¹.

Várias espécies de anuros afinavam suas ferramentas vocais. Aqui era uma rã das moitas, possivelmente a *Hyla marmorata* Laur.⁵², que podia ser ouvida, acolá um batráquio choraminguento, possivelmente o sapo cornudo comum (*Ceratophrys dorsata* Wied), que se esforçava para fazer a segunda voz no coro⁵³. Na baixada do vale eram outros anuros que trocavam perguntas e respostas entre si em alto som. Mas acima de todas as vozes sobressaía a do sapo-ferreiro (*Hyla faber* Wied), cuja voz vibrava incansavelmente através da alta floresta de modo cíclico e metálico como as batidas de um funileiro. Essa rã das moitas, ou rã verde, costuma revezar nas horas noturnas com o pássaro sineiro, chamado ferrador (*Chasmorynchus nudicollis* Vieill), que vivifica a mata, cantando desde cedo até a noite com um chamado sonoro tão semelhante que ambos os animais poderiam ser confundidos. O coro dos sapos era acompanhado pelo estridular de incontáveis grilos. As aves noturnas começavam a piar e as vozes de outros animais entravam isoladamente ou em grupos na sinfonia geral da mata virgem.

Depois de passadas as primeiras horas da noite, os sons foram se

51 Kaiser Maximilian von Mexico, *Aus meinem Leben*, VII, p. 275. (NT: “Na mata virgem soa o chamado da noite, /Os grilos estridulam, o macaco urra, / O ferreiro e a rendeira despertaram, / Com queixas, a rã desperta do sono profundo./ Começa um concerto fantasmagórico. / E me acompanham em todos os meus caminhos”).

52 Dessas rãs que aparecem tanto no Rio de Janeiro como no Suriname, portanto certamente também nas matas do Espírito Santo, são mencionados principalmente os sons estrepitantes (Burmeister. *Erläuterungen zur Fauna Brasiliens*, p. 95). As demais vozes de pererecas, que são mencionadas por Burmeister e podem ser ouvidas na costa leste (1. c., p. 113), têm som estalado de acordo com sua descrição.

53 Wied, *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*, I, p. 589 ouviu esse sapo muitas vezes nas matas da costa leste.

acalmando na floresta. Alguns cantores pararam totalmente, mas então eram outros que começavam a treinar as cordas vocais. Os musicistas que ainda haviam estado de fora do grande concerto passaram a ser ouvidos com muito mais clareza no silêncio que então passou a reinar. Bem perto do caminho soou uma voz como a de uma criança chorosa, pedindo ajuda. Também esse som era de uma rã⁵⁴ que parecia querer nos comover de forma enganadora. Ao nosso lado, no meio da vegetação, um animal silvestre gritava, acordando assustado de seu sono. Um roedor, possivelmente um coelho dourado, passou correndo por nós, entrando nos arbustos, um veado se embrenhou pelo matagal e uma criatura invisível emitiu ruídos à nossa esquerda, no solo da mata coberto pela vegetação. Uma pequena rã atravessou apavorada e aos saltos a nossa picada estreita.

As impressões que nos invadem numa tal cavalgada pela noite escura, num país desconhecido, numa mata virgem longe de seres humanos são de uma natureza muito peculiar. Não se vê nada, pois o olho apertado não consegue atravessar a escuridão em que está mergulhada toda a natureza. Mas, ao mesmo tempo, ouvem-se centenas de vozes e lamentos, sons estranhos que entram nos ouvidos tensos e atentos, sem que se saiba a sua origem, ou se possa ter uma explicação do seu significado. Mais de uma vez, a impressão que se tem é de que de um dos paredões negros da mata, que fecham ambos os lados do caminho, se abrirá e dali sairá uma figura estranha e sinistra. Ou então que seria hora de ajudar algum irmão em sofrimento, ou que no meio dos arbustos devia haver um ferido de morte precisando de ajuda – mas como achá-lo nesta escuridão impenetrável, como ajudá-lo? Em seguida se constata que eram apenas criaturas bem pequenas que procuravam um lugar para

54 Trata-se aqui de um dos anuros denominados pelos indígenas de cutagoá ou inigoá. Ver Wappäus, *Das Kaiserreich Brasilien*, p. 1354; Canstatt. *Brasilien, Land und Leute*, 67; Näher, *Land und Leute in der brasilianischen Provinz Babia*, p. 150. Sob o nome comum de Gutaca, Spix cita em *Animalia nova sive species novae Testudinum et Ranarum*, p. 29, 42, e 43 a *Rana palmipes Spix e Phyllomedusa bicolor Bodd.*, mas não foi possível descobrir se essas duas espécies de rãs aparecem na mata virgem costeira. Algumas espécies de sapos (*Bufo*) são chamadas de *inigoa*. Não pude constatar se a espécie *Bufo crucifer* Wied, que aparece com frequência no Espírito Santo, pode ser considerada aqui, nem mesmo pode ser esclarecido quais espécies de *bufo* são conhecidas como *inigoa*.

ficar antes da chegada do viajante tardio, ou vozes desconhecidas de animais que faziam macaquices para o viajante ainda inexperiente.

Mas também as essas impressões nos tornamos por fim insensíveis. O caminho à nossa frente parecia alongar-se sem ter fim, pessoas e animais andavam meio adormecidos, a passos sonolentos. Fazia tempo que os cavalos não troteavam mais. De vez em quando um chuvisco fininho caía sobre nós e vapores úmidos subiam dos banhados da mata. Às 7 horas da noite havíamos feito a única parada. Isso foi na venda de um saxão, localizada no meio das montanhas. Mais tarde passamos por vários povoados poloneses e de imigrantes de outras nacionalidades, cujos espaços de terra ocupada foram tomados da mata. Porteiras, exatamente como são comuns nas nossas montanhas, identificavam a entrada e a saída de cada propriedade. Elas nos barravam o caminho, uma situação que atrasava ainda mais a nossa marcha, pois abrir as porteiras, estando montado num cavalo, levava algum tempo. Depois que essas dificuldades eram superadas, a trilha nos conduzia novamente por longos trechos de mata virgem, que se fechava muito alto acima de nós e da qual só podíamos distinguir algumas árvores gigantescas, que se erguiam fantasmagóricas em direção ao céu. Finalmente, em torno das 11 horas, alcançamos a aldeia de Santa Teresa, habitada por italianos. Visto que, por um mal-entendido, éramos esperados apenas para o dia seguinte, a família de comerciantes belgas, que deveria nos hospedar, já havia ido dormir. Assim como havia sido no dia anterior, também tivemos que tirar o nosso hospedeiro de seu profundo sono, batendo várias vezes na porta, antes que esta se abrisse e recebêssemos os nossos quartos. Não avistamos em parte alguma os nossos animais de montaria, que carregavam a bagagem, de modo que tivemos que nos jogar sobre nossos sacos de palha de milho, sujos do jeito que estávamos. Mas um sono restaurador, depois de uma cavalgada de oito a nove horas, nos fez esquecer bem logo esse pequeno desconforto.

Santa Teresa–Petrópolis, quarta-feira, 29 de agosto.

Como ao amanhecer os animais de carga ainda não haviam chegado e não tínhamos conosco nem mesmo um pente, a toailete daquela manhã deixou tanto a desejar quanto a da noite anterior. Também não podíamos pensar em continuar a cavalgar, pois primeiro teríamos que ter certeza de que a bagagem realmente chegaria. Aí o lema era: esperar, paciente ou impacientemente.

Aproveitamos a parada forçada para conhecer um pouco de Santa Teresa. Isso foi rápido. A localidade, que pertence a Timbuí, ex-colônia de Santa Leopoldina, se situa entre montanhas de altura média, muito próximas umas das outras, bem perto do riacho Timbuí. Ela consiste de apenas alguns casebres feios com muros em volta, e de uma igreja que ainda não conta com sacerdote. As casinhas têm telhados cinza e, sem contar as janelas e as portas, lembram um pouco as casas dos camponeses do Tirol, de modo que daria até para pensar que estávamos lá. Bem de acordo com o costume italiano, a torre da igreja com o sino se encontra à parte; ali o sino não é tocado através de batidas, como é o nosso costume, mas puxando-se por uma corda a ele amarrada. Mais do que pelo povoado sem graça, eu me interessei por uma sarigueia, isto é, um gambá que, para alegria do dono da casa, havia caído numa ratoeira na noite anterior. O animal, um ladrão de galinhas, semelhante à fuinha, devia medir no mínimo 45 cm de comprimento sem a cauda, tinha pernas curtas e pelo ralo com grandes manchas de malhado preto e branco. Pela sua aparência, imaginei que se tratasse da *Didelphys marsupialis* L. var. *typica* Oldf Thom, ainda usando a pelagem do inverno.

Foi somente no decorrer da manhã que nossas três mulas de carga chegaram. Uma delas havia se perdido durante a noite na mata e podemos dizer que ficamos muito felizes por ela não ter se perdido para sempre, juntamente com nossos pertences. Por causa desse acidente perdemos meio dia de viagem. Em Santa Teresa formava-se nesse meio tempo a nossa caravana definitiva. O Sr. Meier, de Porto do Cachoeiro,

que havia nos acompanhado até aqui, retornou para casa e, como guia, nos foi destinado um autêntico tropeiro. Entende-se por tropeiro o guia de tropas de cavalos que realizam o transporte de mercadorias pelo interior do país. Os tropeiros são pessoas honestas e confiáveis e assim devem ser, caso contrário não lhes seriam confiadas as preciosas cargas. Nos países de língua espanhola, seriam chamados de *arrieros*, na Grécia, de *agoiatos*. Cada tropeiro conta, por sua vez, com peões, que, montados a cavalo, vigiam cada uma das partes da tropa, sendo o tropeiro o líder de todos. Os cavalos mais fortes e mais bem tratados lhe pertencem – são seu capital – e com eles trabalha. Selas bem apropriadas para a finalidade, denominadas cangalhas, facilitam ao animal o transporte da carga. Distribuir corretamente a carga para evitar que ela escorregue facilmente nessas más estradas, essa é a arte do bom tropeiro. Geralmente os tropeiros são mestiços que têm sangue de índio correndo nas veias. Mas o nosso guia é um tirolês italiano de nome Ferrari, um ex-caçador imperial e quando perguntei se ele teria se nacionalizado no Brasil⁵⁵, respondeu orgulhoso: “Austriaco sono nato, Austriaco voglio morire⁵⁶”. Os dois peões cavaleiros também são tirolezes italianos, mas se comunicam entre si em português. Interpelado por que todos os italianos entre si falavam o idioma estrangeiro, ele disse que isso vem de forma muito natural quando alguém ouve sempre esse idioma estrangeiro perto de si. Essa facilidade de deixar a língua materna para trás, segundo minhas observações, só acontece no caso de imigrantes cujo idioma está próximo do idioma do novo país. Desse modo, romanos não portugueses adaptam-se facilmente ao português no Brasil, ao passo que os imigrantes alemães conservam o uso de seu idioma por toda a vida em sua comunicação pessoal⁵⁷. De modo inverso, acontece com os imigrantes alemães nos Estados Unidos

55 Desde então, ou seja, desde o decreto do governo de 15 de dezembro de 1890, “todos os estrangeiros que em 15 de novembro de 1889 estavam residindo no Brasil serão considerados cidadãos brasileiros, exceto se, dentro de seis meses após a publicação deste decreto, declararem o contrário diante da câmara municipal”. Visto que Ferrari, pela profissão de viajante, talvez não tenha tido conhecimento desse decreto e, se tivesse, dificilmente teria tido tempo de prestar a declaração necessária, ele certamente deve ter sido naturalizado.

56 “Como austríaco eu nasci, como austríaco quero morrer.”

57 Nas colônias alemãs, a língua alemã se conserva até mesmo durante gerações.

da América, pois quando se encontram em círculos alemães muitas vezes fazem uso do idioma inglês, muito próximo do próprio idioma, ao passo que as nacionalidades mais distantes da raça inglesa não largam tão facilmente o próprio idioma, conservando-o mais puro.

Os peões a cavalo nos deram motivo para estudos não somente no que se refere ao idioma falado, mas também quanto à sua socialização. Entre eles se encontra um peão, cuja consciência está pesada há alguns meses por causa de um assassinato. Na época da ocorrência, o assassino teve que evitar a região por algum tempo. Agora ele havia retornado sem ser molestado e fora aceito silenciosamente no seu círculo, o braço da justiça não o havia alcançado. Esse tipo de acontecimento é bastante comum por aqui. Nessas regiões pouco habitadas, nas quais, durante vários dias de viagem, não pode ser encontrado nenhum funcionário público, as pessoas não contam com a proteção do Estado e precisam arranjar-se sozinhas e por conta própria, da melhor maneira possível. Se, desse modo, entre duas pessoas se cria uma relação de hostilidade, cada parte afetada fará de tudo para tirar o inimigo de seu caminho, para não ser ele mesmo tirado do caminho. Esse tipo de ato é considerado no Brasil como legítima defesa e assim é julgado. No entanto, nada se ouve falar de assassinato por latrocínio nessa redondeza pouco civilizada. É assim que um estranho, que se encontra afastado das inimizades dos colonos entre si, pode viajar com toda a segurança, talvez com maior segurança ainda do que em muitos lugares da civilizada Europa.

Pouco tempo depois do meio-dia, nos apuramos para sair de Santa Teresa e alcançar a casa de um morador tirolês. Isso levaria aproximadamente quatro horas e meia. Esse lugar pertence à parte da ex-colônia Santa Leopoldina denominada Petrópolis, e forma um agrupamento de povoados, estendendo-se ao longo de um vale relativamente largo que leva horas para ser percorrido. Nosso trecho de cavalgada ia às vezes montanha acima, outras, montanha abaixo. Às vezes era plano, nunca, porém, extremamente íngreme. Pequenos trechos de mata virgem se alternavam com roças, trechos desmatados e plantações de café, cujos pés estavam em plena florescência. Em ambos os lados havia elevações

cobertas de mata e também diante de nós parecia que o vale era fechado por montanhas repletas dessa vegetação.

De vez em quando passávamos ao lado da cabana de um colono. Os moradores eram em sua maioria poloneses. O cabelo amarelado como palha, a tez clara, os malares salientes e os olhos claros e amorosos indicavam indubitavelmente o tipo eslavo. No meio do caminho tivemos a alegria de encontrar um conhecido da Baixa-Baviera, igualmente um colono assentado na região.

Na mata virgem havia árvores de altura gigantesca. Entre outros, ficamos conhecendo o pau d'alho (*Gallesia Gorazema Moq.*), um gigante da mata virgem que, como o nome indica, se caracteriza pelo forte cheiro de alho. Buganvílias cobriam as copas das árvores mais baixas com folhas involucrais de cor violeta. Ramos de cipó muito retorcidos, pertencentes ao mesmo tipo de planta que vimos ontem⁵⁸ e patas-de-vaca (*Bauhinias*), trepadeiras com tronco em forma de tira ondulada, como as que vimos pela primeira vez no Pará, saíam do solo e cresciam em direção à alta cúpula da mata virgem. Bem mais acima na encosta da montanha cresciam palmitos (*Euterpe edulis Mart.*) e açazeiros. Estes se desenvolvem bem mesmo em terreno pobre e seus frutos e folhas encontram muita aplicação. Duas araras, cujos gritos já havíamos ouvido havia muito tempo pela floresta, voaram por cima de nossas cabeças. Nas bordas da mata, por debaixo dos arbustos, passou um belo pássaro que brilhava em azul-claro como uma pedra preciosa, possivelmente uma cotinga de colar (*Cotinga cincta Kuhl*), uma das aves mais coloridas do Brasil. Ao cavalgarmos ao longo de um declive da floresta, ouvimos, de repente, um enorme estrondo e estalos bem acima de nós, à esquerda. Não sabíamos o que isso significava e ficamos atentos ao barulho. Parecia que uma parte da mata acima de nós havia se quebrado e escorregado e agora as gigantes árvores estavam tombando, arrastando tudo consigo para o vale, com estrondos semelhantes a trovões. Um enorme tronco sem folhas e sem galhos ainda estava em posição ereta ao deslizar, depois cambaleou, caiu e foi jogado para as profundezas de ponta-cabeça, arrastando con-

58 Tal como na nota da p. 314 do original.

sigo todo o emaranhado de plantas que se encontrava no caminho. Foi uma cena sobremaneira espetacular e poderosa. Poucos minutos antes havíamos passado pelo trecho que agora se encontrava sob os escombros da vegetação. Mais tarde nos disseram que a visão que tivemos era consequência do desmatamento. Várias fileiras de árvores haviam sido semicortadas, mas somente a fileira de cima havia sido derrubada totalmente e foi essa que causou a queda das demais. Logo depois que vimos essa avalanche de árvores cair no vale, chegamos à meta prevista para hoje. Foi a primeira vez, durante a nossa viagem pelo Espírito Santo, que alcançamos o local do pernoite ainda em dia claro. No caminho até aqui, chegou um segundo guia, natural de Brandenburgo, que, aos sete anos, juntamente com os pais, havia trocado a pátria alemã pelo Brasil. Ele é um colono dos arredores, um exímio caçador, e usufrui, segundo ele, de uma renda aceitável, porém de forma alguma é rico.

A casa que nos foi destinada num vale solitário e sério, é bem isolada, afastada de qualquer outra moradia. O proprietário é um tirolês alemão, sua esposa é da Baixa Baviera e ambos descendem de círculos de camponeses muito simples. Nessa casa modesta que, no entanto, foi preparada carinhosamente pelos donos para que ficássemos confortáveis, nós mesmos providenciamos o jantar com as provisões que trouxemos. Estendemos as mantas, cobertores e todas as peças de roupa das quais podíamos prescindir para que secassem. É que na cavalgada até aqui passamos por um temporal e durante praticamente todas as quatro horas e meia apanhamos chuva forte. Finalmente ainda consegui me dedicar um pouco à botânica e pude trazer do campo que havia diante da casa, amostras de *Dipteracanthus Schauerianus* N. ab E., provavelmente da variedade *nanus*, que são pequenas e lindas acantáceas⁵⁹.

Para passarmos a noite foi-nos destinado um quarto espaçoso, sem forro, sem porta e que, em vez de janelas com vidro, tinha janelas de madeira. As camas eram autênticas camas do Tirol ou da Alta Baviera, com colchão de mola, e não sacos de palha de milho como as de Santa Teresa.

59 Uma linda planta ornamental

Petrópolis - Fazenda do Sr. Barboza, quinta-feira, 30 de agosto.

Durante toda a noite a chuva batia no telhado, cujo vigamento podíamos ver da cama. Ainda era escuro quando partimos, pois tínhamos à nossa frente um longo dia de viagem. Nossos hospedeiros haviam preparado uma surpresa para nós. O dono nos presenteou com uma bela pele de lontra que, pelo pequeno tamanho e cor saturada de marrom-acinzentado, julguei se tratar de uma *Lutra solitaria* Natt.⁶⁰. A mulher havia ficado acordada a noite toda para assar alimentos autenticamente bavários para seus compatriotas: bolinhos e uma espécie de empada doce⁶¹, de que tivemos que levar o quanto possível na cavalgada. Um pouco depois das 6 horas, nos despedimos calorosamente dos leais hospedeiros. Na ponta do grupo dos cavaleiros, encontrava-se o brandemburguês Karl Frank que, como pode ser visto com frequência, havia afivelado as esporas diretamente nos pés descalços. A retaguarda foi feita por Ferrari, com a espingarda atravessada sobre o botão da sela. Cavalgamos um atrás do outro, em fila indiana, pois o caminho era muito estreito para cavalgar de outro modo. As mulas de carga com os peões saíram independentemente de nós. Normalmente nós os avistávamos poucas vezes durante o dia e geralmente só tínhamos acesso aos nossos pertences à noite, e isso nem sempre era agradável por causa dos objetos coletados durante o dia.

Saindo do alojamento noturno, ficamos montados nas selas durante seis horas ininterruptas. A neblina que havia sobre o vale pela manhã evaporou-se à medida que o sol ia se erguendo e só podemos agradecer pelo tempo suportável porque na maior parte cavalgamos por

60 Visto que nesse couro preparado está faltando o nariz, a cauda etc., fica difícil determinar a que espécie se refere. No entanto, as comparações feitas entre o couro da *Lutra brasiliensis* Ray e da *Lutra solitaria* Natt. no Museu de História Natural de Viena indicam que se trata do couro de uma *L. solitaria*. Mas como até agora era admitido que a *L. solitaria* somente apareceria no Sul do Brasil e no Brasil Central, embora na obra de Pelzern (*Brasilische Säugethiere*, p. 53), seja citado um exemplar da Bahia e isso ainda com ponto de interrogação, pode-se admitir que o couro que recebi em Petrópolis poderia ser um importado, mas este último, não.

61 No original: *Hasenöhreln* (NT).

dentro da mata virgem. A vegetação densa ao lado e acima de nós nos dava proteção e não deixava passar absolutamente nenhum raio de sol, de modo que nos encontrávamos, o dia inteiro, na sombra mais profunda que se possa imaginar, exceto nos trechos em que havia roças. Horas e horas a fio passamos ao lado de paredões impenetráveis da floresta, que se estendiam a nossa esquerda. Também acima das nossas cabeças fechava-se um teto de plantas, que a visão não conseguia atravessar. Desse modo, víamos sempre apenas o que se encontrava mais perto, ou o que estava dependurado mais perto de nós; a alguns passos para o lado, para dentro da mata, ou um pouco acima, qualquer visão estava embotada por um véu de ramagem verde. Somente nas orlas da mata e nas clareiras artificiais era possível ter uma visão da vegetação. Aqui o ditado “De tantas árvores não se pode nem ver a mata” estava literalmente cumprido.

Hoje encontramos várias espécies de árvores gigantes e plantas estranhas na mata virgem. Havia, por exemplo, um bálsamo, cuja madeira machucada tinha um cheiro peculiar⁶², depois uma chorisia barriguda (*Chorizia crispiflora* H. B. K.), uma bombácea (*Bombacee*), cujo tronco claro é repleto de pequenos espinhos cônicos e cuja base é arredondada como se fosse um tonel⁶³. Depois apareceram enormes paus-d´alho (*Gallezia Gorazema* Moq.) com troncos lisos, sem nenhum galho até grandes alturas, e ramagem verde-clara com folhas relativamente pequenas. Um seu parceiro que havia tombado e estava largado na estrada preenchia o ar a longa distância com o insuportável cheiro de alho⁶⁴. Também uma “árvore-cebola”, certamente assim denominada pelo seu cheiro ou porque seu tronco na direção das raízes apresenta

62 De acordo com as partes do tronco que eu trouxe comigo, essa árvore de bálsamo não pertence a nenhuma das espécies fornecedoras de bálsamo como as *Humirium*, *Protium*, *Myroxylon* e *Copaifera*. Anatomicamente ela combinaria muito mais com a *Simaruba amara* Aubl. Mas para pertencer a essa espécie de árvore faltam-lhe algumas características importantes.

63 A *Cavanillesia arborea* Schumann = *Pourretia tuberculata* Mart., igualmente denominada de barrigudo, não pode ter sido o barrigudo que vimos, já que não está protegida por espinhos e seu abaulamento se localiza mais acima, no meio da altura do tronco.

64 A análise anatômica das amostras de madeira que eu trouxe resultou que essas árvores eram sem dúvida da espécie *Gallezia Gorazema* Moq.

bulbos como os de uma cebola⁶⁵, encontrava-se perto no matagal. Num trecho cavalgamos embaixo de um grupo de sapucaias (*Lecythis Pisonis Camb.*). Os seus troncos sem galhos, eretos como velas, suportavam a copa ramada verde-clara do mesmo modo como as colunas suportam a abóbada de uma igreja. No chão, havia dúzias de frutas enormes dessas árvores gigantes, meio lenhosas e semelhantes a buchas. Essas frutas, que se abrem na direção do início do galho, possuem uma tampa que cai por si mesma e têm peso tal que, se caírem da altura em que se encontram, podem até matar uma pessoa. Entre as árvores mais modestas, as que formam a camada da mata de altura média, não faltava a jabuticaba (*Myrciaria Jabuticaba Berg*) com suas massas de folhagens arredondadas. No meio dos arbustos, chamaram a nossa atenção alguns mamoeiros (*Carica papaya L.*) pelos troncos isentos de galhos e folhas de disposição muito regular aglomeradas nas copas. Algumas samambaias arbóreas, uma das quais atingia altura considerável, estendiam suas graciosas folhas em leque sobre o tronco lenhoso que as suportava. Num ponto, várias palmeiras airi (*Astrocaryum Ayri Mart.*) haviam se aglomerado, e num outro havia muitos palmiteiros (*Euterpe edulis Mart.*), cujas coroas tinham poucas folhas. No meio dos gigantes do mato cresciam inúmeras plantas diferentes, que se asfixiavam mutuamente na luta por ar e luz, numa fartura de espécies que não dava trégua ao olhar atento. Lianas envolviam as árvores e se entreteciam em torno delas. Um cipó, cujo tronco se alastrava em forma de coroas de rosas dispostas a distâncias bem regulares, formando entumescimentos arredondados, certamente algum tipo de *Micania*, ansiava pelas alturas, esgueirando-se através da abundância de ramagens; plantas trepadeiras de tronco torcido seguiam para o alto na direção do teto formado de folhas da mata virgem e uma *Bauhinia*, a jabuti-mutá-mutá, havia dado voltas espiraladas para cima e para baixo no mínimo uma meia dúzia de vezes, uma ao lado da outra, deixando-se quedar agora ali dependurada. Um entrançado de cipós e raízes aéreas da mata virgem se encontrava tão emaranhado que,

65 Quanto ao cheiro, poderia ter sido *Crataeva tapia L.*, mas, não consta na literatura se essa árvore-cebola também confere com a configuração do tronco da *Crataeva tapia*.



Figura 9. *Tillandsia usneoides*.

quando o cavalo teimoso da minha companheira de viagem arriscou dar um salto para dentro da vegetação fechada, tanto ela como o cavalo só puderam ser libertados desse abraço de emaranhado de plantas pelas facas muito úteis dos dois guias. Também não faltavam flores de cores exuberantes na mata de hoje e ficamos estranhamente emocionados ao encontrar aqui, em estado silvestre, muitas das plantas cultivadas em nossos jardins. Begônias de flores cor-de-rosa, (*Begonia angularis Raddi*)⁶⁶, vicejavam nas orlas da picada, amarílis (*Amaryllis L.*), - a maioria só tinha uma única flor⁶⁷ - brilhavam num vermelho-fogo no meio da

66 Colhido nesse lugar para o meu herbanário.

67 Não foi possível descobrir de qual espécie se tratava, pois existem várias espécies de uma ou duas flores de cor vermelha nessas regiões do Brasil.

escuridão da mata. A *Pavonia multiflora* A. Juss.⁶⁸, um tipo de malva em forma de arbusto, intercalava com flores igualmente vermelhas o eterno verde dos paredões de plantas. Begônias lutavam para também viver no meio da ânsia geral por uma existência digna e barbas-de-velho (*Tillandsia usneoides* L.) deixavam os trançados em forma de barbas branco-prateadas caírem suspensos nos galhos das árvores.

Uma araponga (*Chasmorynchus nudicollis* Vieill.), um daqueles pássaros brancos como a neve e muito ariscos, que preferem os galhos mais altos das árvores gigantescas e preenchem a floresta com cantos semelhantes ao tanger dos sinos, aterrissou diante de nós, mas, deteve-se, assustada, na frente das patas dos cavalos. Belos tucanos, de peito bem amarelo e asas pretas, supostamente *Andigena bailloni* Vieill.⁶⁹, afiavam os típicos bicos enormes nos galhos densos. Num lugar mais claro, algumas araras enormes de asas verdes (*Ara chloroptera* G. R. Gr.) passaram voando com gritos agudos por cima das nossas cabeças. Mais tarde, num lugar de vegetação de capoeira, passamos ao lado de um arbusto alto que estava repleto de cima a baixo com periquitos de cor verde e testa laranja (*Conurus aureus* Gm.), que mudavam sem parar de um lugar para outro.

A nossa trilha era indescritivelmente ruim. Novamente tivemos que passar por inúmeros pilões, as tais escadarias de terra como se fossem feitas com arado e em cuja profundidade os animais tiveram que afundar as patas. Em seguida, havia subidas e descidas tão íngremes que às vezes tínhamos que segurar nas crinas das mulas, em seguida apelar novamente para as relhas para não cairmos da sela. De vez em quando o trajeto passava por povoados totalmente isolados num trecho desmatado, localizados no meio da mata e frequentados por anus (*Crotophaga ani* L.).

68 Colhido nesse lugar para o meu herbanário.

69 Nos meus apontamentos de viagem não anotei com mais detalhes o mesclado do amarelo dos tucanos vistos. Peito amarelo, mas de mesclado mais claro do que o *A. Bailloni*, também apresentam os *Pteroglossus wiedi* Sturm, comuns nas florestas costeiras, mas como não notei nenhuma faixa vermelha em torno da barriga, possivelmente a última espécie citada deve ficar excluída, a não ser que eu não tenha percebido essa tira vermelha por causa da densidade da vegetação.

Exceto um prussiano, encontramos aqui somente colonos brasileiros. A cada dia de viagem para dentro do território, os trechos cultivados e habitados diminuam visivelmente e cada vez mais a mata virgem usufruía de seus direitos ainda não questionados. Percebia-se nitidamente como a cultura avançava, vindo da costa e seguindo passo a passo para dentro da floresta virgem. Chegamos às margens de um rio denominado Santa Maria do Rio Doce, que flui de sul a norte para o rio Doce; dali prosseguimos rio acima, do mesmo modo como acompanhamos o curso do rio quando saímos de Vitória de canoa. As margens do rio cobertas de mata virgem, que imitavam em alguns trechos as margens de um lago florestal, eram muito idílicas, mas se for considerada a abundância, não são comparáveis às margens de lagos nas baixadas do Amazonas. Pode-se afirmar que a abundância de vegetação da mata virgem daqui fica atrás da abundância da Hileia⁷⁰. Especificamente lhe falta o crescimento sobremaneira intenso dos troncos e raízes de bombáceas, que se desenvolvem à semelhança de escoras; formações de raízes tabulares só estavam representadas em pequeno número. Bromélias terrestres e epifíticas, com folhas terminais em forma de flor vermelha ornavam o interior da floresta. Enormes folhas de aráceas em forma de lanças e de corações, possivelmente folhas de antúrios e de caládios, revestiam profusamente o solo. Gramas de bambus se agrupavam, formando sebes cerradas. Sobre as copas de algumas árvores, as plantas trepadeiras haviam jogado flores coloridas, formando belos mantos.

O caminho nos levava agora a uma montanha, à esquerda da qual avistamos montanhas ainda mais altas, denominadas Serra da Desgraça. A partir do nosso ponto de observação agora mais elevado, tínhamos uma bela visão para baixo, para um vale amplo, coberto de mata virgem e banhado pelo rio Doce. No meio do vale elevava-se um monte em forma de cone e a sua parte de trás limitava-se por uma elevação coberta de mata. A primeira parada curta depois da cavalgada de seis horas nós fizemos numa cabana habitada por tiroleses italianos, onde o som agradável da língua italiana veio ao nosso encontro como se fossem sons da

70 Amazônia. (NO).

pátria distante. Mas o almoço só aconteceu depois de mais meia hora de cavalgada e foram tirolezes do sul que nos receberam hospitaleiramente.

Dividimos com eles a sua refeição nacional, risoto e polenta, que nos apeteceu muito mais do que os pratos brasileiros, geralmente deficientes. Tratava-se de um povoado maior, com plantações de milho, cana-de-açúcar e café, e criação de belos e grandes exemplares de gado. Uma faixa de mata desmatada e queimada bem perto dali desmoronava com ruídos e sob estalos do fogo, confirmando que o solo a ser cultivado ainda devia ser ampliado.

Como teríamos que trocar algumas mulas por novas, a nossa permanência aqui se alongou por algumas horas contra a nossa vontade. Embora na sombra a temperatura já fosse de 29,5°C - já eram duas horas da tarde - aproveitei a pausa forçada para caçar borboletas na pradaria ensolarada. Havia daquelas que pareciam ser bem vermelhas, possivelmente pertencentes às *Dione*, as espécies mais representadas no Brasil. Ao lado delas, vojavam borboletas de um azul intenso, talvez a *Thecla Gabriella Cram.* E ali esvoaçavam, no meio de suas irmãs coloridas, as danaínas, com asinhas transparentes semelhantes a flores, e outras com asas listradas e, às vezes, manchadas de marrom, amarelo, preto e branco. Mas não consegui pegar nenhuma delas com a rede. O resultado da minha caça foi uma *Callicore Clymene Cram.*, uma pequena *Ninfaline*, cujas asas, na parte superior, têm uma faixa verde-dourada sobre um fundo preto, ao passo que a parte de baixo apresenta desenhos de um vermelho vibrante, em parte branco com tiras pretas. Também consegui caçar alguns exemplares das *Catagramma Hydaspes Dru.*⁷¹, caracterizadas pela aparência colorida, bem como uma *Eurema Albula Cram. var. Sinoe Godt.*, uma pequena piéride, que usa vestimenta completamente branca, exceto nas bordas e nas pontas das asas dianteiras, de cor preta.

Das antas frequentemente encontradas nessa região (*Tapirus americanus L.*), até agora não conseguimos ver nenhuma, mas em diversas casas de colonos vimos couros delas, dos quais infelizmente não pudemos trazer nenhum pelo seu tamanho e rigidez. Principalmente aqui,

71 Ver página 256 no original.

nas proximidades do povoado dos tiroleses italianos, onde almoçamos, já haviam sido abatidos dezessete desses grandes animais do Brasil. São caçados também por sua carne deliciosa e especialmente pelo couro valioso, que encontra várias aplicações diferentes.

Somente no fim da tarde a troca das mulas estava concluída e pudemos retomar nossa cavalgada. Até o próximo local de pernoite, a fazenda do brasileiro Sr. Fortunato Barboza de Menezes, ainda tínhamos três horas de viagem pela frente. A trilha conduzia geralmente pela mata virgem e raramente era interrompida por trechos desmatados. Nesses trechos quase nunca havia casas, mas se houvesse, deveriam ser chamadas de cabanas de barro. Por isso, imaginamos que as cabanas desses trechos desmatados eram construídas pelos colonizadores que, longe de suas moradias, cuidavam da qualidade do solo desmatado.

Mais uma vez araras cruzavam nosso caminho. Uma revoada de periquitos verdes (possivelmente *Brotogerys tirica* Gm.) passou voando com gritos estridentes ao nosso lado, à procura de um lugar em alguma árvore para pousarem. Da mata espessa chegaram aos nossos ouvidos o arrulhar de uma pomba⁷² e o forte resmungo de um mutum (*Crax carunculata* Temm.). Mais pássaros diferentes puderam ser ouvidos e vistos. Era principalmente a araponga que deixava soar incansavelmente o seu chamado estridente e metálico pela solidão da mata, anunciando a chegada da noite. Muitas palmeiras nativas (*Astrocaryum Ayri* Mart.) se encontravam dispersas na vegetação fechada. Uma copaibeira (*Copaifera trapezifolia* Hayne), um gigante da mata virgem de tronco e folhas claras sobressaía dominando a área em sua volta. Lianas entrançadas estavam dependuradas, caindo das alturas. Bem no alto, sobre a copa de uma árvore de folhas escuras em forma de sombrinha, e largada sobre esta, encontrava-se uma planta de muita ramagem, com folhas delicadas semelhantes a uma penugem verde-clara, como se fosse uma boina enorme. Na vegetação de ervas e meio-arbustos da mata virgem, sobressaíam belas flores vermelhas e brilhantes, consideradas venenosas (*Erythrina* ?)⁷³.

72 Pode ter sido a voz da *Columba rufina* Temm., ouvida muitas vezes pelo Príncipe Wied nas matas do Brasil Central. Ver Wied. *Beiträge zur Naturgeschichte Brasiliens*, IV, p. 455.

73 Wied (*Reise nach Brasilien*, I, p. 44) menciona eritrínias (*Erythrina*), plantas baixas de

A mesma região da mata se encontrava enfeitada por uma florescência semelhante à da nossa avenca (*Vinca minor*), exceto pelo fato de essas flores serem um pouco maiores e lilases. Eu as teria considerado como pertencendo àquela espécie de avencas, caso em alguma parte do Brasil já tivessem sido encontradas tais flores lilases⁷⁴. Bem no meio dessa vegetação da mata, fomos surpreendidos por alguns ninhos de cupim, provavelmente da espécie que constrói montes (*Termes cumulans* Koll.), pois se admite que essa espécie muito alastrada também pode ser encontrada em florestas.

Aos poucos, a noite ia descendo, envolvendo tudo com suas asas negras. Foi então que, como por encanto, começou a sinfonia noturna dos animais da floresta, uma formação de sons cuja grandeza toca a alma humana e não pode ser descrita em palavras. Entraram no coro pássaros, cigarras, grilos e o coral dos sapos (*Hyla faber* Wied), cujas vozes semelhantes a sinos ecoavam pelo pavilhão majestoso formado por todas essas árvores.

Mas bem logo os nossos sentidos, que estavam tomados pela poesia dessas melodias da mata virgem, foram chamados duramente de volta para a prosa de uma situação muito desconfortável. Não havíamos trazido nenhuma lanterna conosco, como dois dias antes, que poderia ter iluminado pelo menos um pouco do caminho. Nossos equipamentos de iluminação se encontravam empacotados bem no fundo de um saco, inacessíveis no momento, pois estavam afivelados numa das mulas de carga. A picada em que andávamos estava tão escura que não se podia ver nem mesmo a cabeça do próprio animal de carga, muito menos o solo. Como linha de orientação, havia somente a cobertura branca da cabeça da pessoa que cavalgava diretamente na frente, que, no meio de toda essa escuridão, parecia ser apenas um ponto. O cavaleiro da frente fixava com força o olho na faixa não tão preta, onde ele podia

flores vermelhas que se desenvolvem na mata costeira, ao passo que Martius em *Flora brasiliensis*, XV 1, p. 172 não cita nenhuma espécie de eritrínia como existente no Brasil. Exceto a *E. Corallodendron* L. as eritrínias não contêm substâncias venenosas.

74 De qualquer modo, parecem ser apocináceas, talvez a *Amblianthera leptophylla* Müll. Arg. Esta, no entanto, é uma trepadeira das matas da caatinga.

supor que se encontrasse a trilha nessa escuridão da mata. Assim, muitas vezes descíamos pela encosta íngreme na escuridão impenetrável, sem mesmo saber para onde estávamos indo. Mas as nossas mulas eram maravilhosas no que se refere à segurança do trote. Atravessamos o rio Santa Joana, que não é nada raso, um rio paralelo ao Santa Maria, que já havíamos visto na parte da manhã. Depois disso entramos mais uma vez na noite da mata virgem. Aqui perdemos um estribo, procurado com muito esforço, à base de palitos de fósforo, e finalmente encontrado.

Nesse meio tempo, o nosso guia Frank tinha se afastado, apressando-se a ir à fazenda para providenciar alojamento. Parece que o fazendeiro não é homem muito tratável e se o pedido para passar a noite não for feito com muita humildade, corre-se o risco de dormir na floresta. Mas agora se tratava de conseguir que ele fosse favorável ao alojamento para sete pessoas, incluindo o guia e os peões, e mais dez mulas de carga.

Nós, que ficamos no grupo, prosseguimos a esmo o caminho desconhecido pela mata escura como breu. Repentinamente, num lugar mais aberto, perdemos a direção e acabamos entrando num banhado. Nossos animais ofegavam de pânico e, como se estivessem enraizados, firmaram as patas com toda a força contra qualquer tentativa de guiá-los para frente. Essa recusa instintiva era compreensível, pois cada passo a mais poderia significar o nosso fim. Seguiram-se alguns minutos de perplexidade, acompanhados da sensação de estarmos pregados no local. Finalmente um dos peões que havia descido da mula encontrou os rastros do caminho perdido na grama do banhado e deixamos a baixada perigosa, tomando o rumo perpendicular ao caminho que havíamos errado. Superamos com êxito um dos momentos mais desagradáveis de toda a viagem até agora. Mais uma vez a trilha nos conduziu ao trecho escuro como breu na mata virgem, e então a fazenda do Sr. Barboza estava diante de nós, convidativamente. Encontramos ali uma família abastada, com muitos filhos e criadagem. A aparência geral da casa era muito mais distinta do que a de todas as outras casas de colonizadores em que havíamos pernoitado até o momento. A desvantagem para nós

é que, ao invés de podermos descansar e escrever calmamente as notas da viagem, tivemos que nos sentar na sala junto com o fazendeiro e sua esposa e conversar com eles em português. Isso foi difícil. Mas nessa conversa descobrimos muitas coisas sobre as condições de vida desse colonizador, que não tinha vizinho por perto, sendo necessárias horas de viagem para encontrar alguém. Desse posto perdido no meio da floresta, o sacerdote mais próximo ficava distante quatro dias de viagem e era necessária a mesma distância, se não mais, até o próximo médico. Conta-se que o Sr. Fortunato Barboza só manda batizar os filhos quando estes estão em idade de ir sozinhos a cavalo até o sacerdote. E não é somente isso. Conta-se também que, para simplificar, ele espera para que os sacramentos só sejam ministrados quando dois ou três de seus filhos estiverem crescidos para cavalgarem juntos para o batismo. Quando perguntei o que acontece quando o médico não pode ser alcançado a tempo, quando uma criança adoecer, a mãe me respondeu laconicamente: “Eles não adoecem”.

A senhora mesmo não dera nenhum passo para fora da fazenda havia cinco anos.

Num quarto pequeno, muito simples, nos foram dadas duas camas autenticamente brasileiras para dormir, duras como pedra. Para os nossos membros cansados de tanto andar a cavalo, isso não foi nada agradável. Mas, mais desagradável do que isso foram as muitas baratas (*Blattidae*)⁷⁵, que andavam para lá e para cá no meio do quarto e não sabíamos como resguardar a preciosa bagagem do seu ataque.

75 Ver texto na p. 293 do original.

Fazenda do Sr. Barboza - Rio Doce, sexta-feira, 31 de agosto.

Como foi necessário colocar ferradura em alguns dos nossos cavalos, só foi possível sairmos às 8 horas da manhã. Aproveitamos para conhecer um pouco do lugar. A cultura principal era o café. Além disso, plantavam milho, cana-de-açúcar e criavam gado. Também havia sido feita a tentativa de uma pequena plantação de cacau, e assim tínhamos novamente a visão dos pés de cacau de cor escura que não víamos desde o Pará. No pátio espaçoso havia cachorros, galinhas ciscando, máquinas faziam ruídos e um pomar de laranjeiras bem perto dali nos enviava o seu odor delicioso. Não se tratava de nenhum sítio pobre como os tantos que vimos nos últimos dias, mas de uma verdadeira grande fazenda. Nas proximidades da casa, o que me interessou foram algumas enormes árvores de pita (*Fourcroya gigantea* Vent.) cujas longas hastes de inflorescências mediam de 6 a 7 m de altura. Trata-se das agáveas que na província do Espírito Santo são encontradas numa altitude de 900 m e das quais havíamos notado algumas na nossa marcha de ontem.

A nossa cavalgada de hoje começou às 8 horas e foi até às 5 e meia da tarde, com apenas meia hora de parada. Nesse tempo, percorremos o restante dos 158,5 km que é a distância de Cachoeiro até Tatu, no rio Doce. Para percorrer todo esse trajeto, levamos 28 horas e meia, distribuídas em três dias e meio. É necessário mencionar que este é um desempenho notável dos cavaleiros, principalmente se se considerar o péssimo estado das estradas e a interminável e cansativa tentativa de fazer as mulas andarem, que se tornara necessária desde o primeiro momento.

A trilha de hoje nos conduziu o tempo inteiro através da mata virgem e durante todo esse longo dia não vimos uma única moradia humana. Era uma solidão completa e sem fim nessa mata que nos envolvia e ela foi interrompida somente na parte da manhã, quando encontramos duas tropas no caminho. Para que a última tropa pudesse passar, tivemos que nos embrenhar na vegetação fechada nas laterais da trilha, pois não havia outro espaço. Depois que essas tropas passaram, estávamos

novamente envolvidos pela majestade da natureza tão distante, ainda não desbravada pelo ser humano. O caminho a ser percorrido era igual ao do dia anterior ou pior, como se fosse um torrão de terra jogado para o meio do mato, ou como uma passagem através da vegetação cerrada. À direita e à esquerda, paredões de plantas densamente fechados e impenetráveis cercavam o espaço livre, cuja largura não ultrapassava a de um pé. Sobre nossas cabeças havia um teto horizontal de plantas igualmente impenetrável, e chegando até esse teto havia raízes aéreas que, aparadas por baixo pelas facas do mato, tinham uma altura de cem pés ou mais, e estavam dependuradas no meio da vegetação fechada como se fossem amarras ou cordas. Às vezes, os paredões de mata chegavam tão perto um do outro que os animais, em trote um a um, quase não conseguiam passar e, com frequência, o teto de mata estava tão baixo que durante longos trechos tivemos que cavalgar inclinados sobre a sela. E mesmo assim, ora um chapéu, ora outra peça de vestuário ficavam presos num galho ou num cipó, outras vezes os animais indomáveis empurravam nossos ombros, cabeça ou joelhos com toda a força contra a árvore à frente.

Pela manhã, a picada nos conduziu por um terreno montanhoso até uma clareira, de onde víamos uma montanha próxima. Na paisagem montanhosa, digna de ser pintada, reinava a magia de uma calma silenciosa.

Um pouco mais tarde, ouvimos a voz exótica de uma saracura, isto é, de um raleiro que, pela região em que nos encontrávamos e pelo chamado contínuo naquela hora da manhã, poderia ser uma *Aramides chiricote Vieill.* Incontáveis borboletas voejavam no nosso caminho. Em sua maior parte tratava-se das mesmas espécies que vimos ontem, hoje estavam faltando somente as *Thecla* e as *Catagramma*. Mas em vez destas, havia as *Apatura Laurentia Godt.*, ninfálicas de asas pretas, enfeitadas com uma linha longitudinal de um azul intenso. No meio dessas asas silenciosas também havia *Megaluren*⁷⁶, borboletas que, como o nome indica, têm caudas bem longas. Das lepidópteras havia as amarelas, igualmente de caudas longas, certamente *Papilio Thyastes Dru.* ou *Papilio Lycophron Hübn.*, difíceis de serem identificadas durante o voo.

76 *Megalura Chiron Fabr.* ou *Megalura Themistocles Fabr.*

Ao meio-dia fizemos meia hora de parada no Ribeirão da Lage e nos acomodamos no chão da mata. Ao som dos gritos de papagaios, comemos o lanche que havíamos levado na sela. Completamos o lanche frugal com um pouco de água do riacho, à qual misturamos um pouco de cachaça para desinfetá-la. Então reunimos todas as forças para chegarmos ao destino.

Na parte da mata virgem que atravessamos hoje à tarde não vimos as árvores de fetos tão frequentes na região montanhosa, e mesmo no chão quase não cresciam samambaias. Essa característica, bem como as helicônias de folhas grandes, as palmeiras baixas e a parte lenhosa da vegetação densa constituída de palmeiras baixas, que nos lembravam a hileia, indicava que havíamos entrado nas matas virgens do vale do rio Doce.

As palmeiras baixas com folhas de duas fendas me pareciam ser espécies de *geonoma*⁷⁷ e as demais poderiam ser *Attalea humilis* Mart., que, quase sem tronco, se dividiam desde o chão com o seu raque foliar de inúmeras pinas em cada lado. Das espécies de coqueiros altos, existiam muitos patiobas (*Cocos botryophora* Mart.).

Além das espécies de árvores que já vimos nos últimos dias, ou seja, paus-d'alho gigantescos (*Galezia Gorazema* Moq.) e chorizias barbigudas (*Chorizia crispiflora* H. B. K.) com a característica marcante do entumescimento do tronco e raízes grossas em forma de cilindros, que podiam ser vistas a florando da terra, ainda vimos outros gigantes da floresta, cuja espécie não conhecíamos. Ora se elevava uma árvore sangue-de-dragão (*Croton*)⁷⁸, ora uma euforbiácea da família das bombáceas, (que, como o nome indica, fornece um líquido vermelho) com raízes tabulares, semelhantes às da lupuna ou da paineira-barriguda (*Ceiba Samauma*).

Num lugar percebemos um imponente jacarandá, que, de acordo com informações do nosso guia, tem uma madeira preciosa de cor ver-

77 O surgimento de carludovicás com suas folhas em leque cobertas de penugem não fica excluído desse lugar.

78 Tanto a espécie de cróton (*Croton Urucurana* Baill.), quanto o cróton semelhante a este (*Croton salutaris* Casaretto) são denominados de sangue-de-dragão, e as duas árvores aparecem no Brasil central, de modo que não pode se dito com toda a certeza de qual das duas espécies se tratava.

melha malhada. Portanto, devia ser um jacarandá-pitanga (*Machaerium firmum* Benth). Mais em direção às baixadas do rio havia algumas figueiras, ou gameleiras-brancas (*Urostigma dolarium* Miq. [?]), que se destacavam sobremaneira pela formação de suas raízes tabulares⁷⁹. Das árvores de menor tamanho ou de troncos mais modestos desenvolviam-se nesta república de plantas, algumas cecrópias e araçás (*Psidium* L.), tipos de mirtácea de casca lisa e vermelha⁸⁰.

Também não faltavam as catalpas, da espécie das begoniáceas (*Tecoma speciosa* DC.⁸¹), cujas flores ainda não estavam bem desenvolvidas. Do fundo verde da mata sobressaíam flores vermelhas e lilases e também as delicadas flores azuis da *Dipteracanthus Schauerianus* N. ab E, uma planta da família das acantáceas⁸². Inúmeras espécies de aroideae (da classe *monocotyledones*), incontáveis ananases (*Ananas sativus*) e bromélias terrestres de flores vermelhas revestiam o solo. Também havia bromélias de tamanho considerável nas árvores e bem acima, num galho, pensei distinguir as flores vermelhas de algumas orquídeas. Cipós de todos os tipos, cujos troncos cuja espessura variava de finos fios até a medida de cabos para navios, vicejavam no alto, onde um se enfiava no outro e um deles estava agarrado numa árvore, tendo que sustentar ainda um segundo e um terceiro tronco. Várias vezes cavalgamos por um verdadeiro bosque de palmeiras e nos alegramos com a luz maravilhosamente bela e delicada formada pelos raios solares que caíam pelo teto de folhas verde-claras, incidindo sobre o interior da orla da mata protegida do sol. Pombas, possivelmente *Columba plumbea* Vieill., ouvidas com frequência

79 Em sua *Tabulae physiognomicae*, p. LXX, Martius descreve três raízes da figueira *Pharmacosycea grandaeva* Miq. e as retrata na figura XVI. Será que as árvores por nós denominadas de gameleiras teriam sido as espécies de figueira acima referidas e não *U. dolarium*?

80 Das diversas espécies de *psidium*, que portam o nome de araçá possivelmente entra em consideração aqui a *Psidium coriaceum* Mart.

81 Em parte alguma é mencionado que a *Tecoma speciosa* (da família das begoniáceas) floresce antes do desabrochar das folhas, mas isso também não é dito das outras espécies de tecoma que florescem em amarelo nessa região e, desse modo, num primeiro momento, não existe impedimento para que não possa ser admitido que as tecomas por nós vistas eram da espécie *Tecomen T. speciosa*.

82 Colhido nesse lugar para o meu herbanário.

em matas virgens altas de úmidas, arrulhavam na vegetação. Falcões (*Ibicter americanus* Bodd.)⁸³, grandes e escuras aves de rapina seduziam-se mutuamente nas mais altas copas das árvores. Das espécies de jacus, alguns mutuns (*Crax carunculata* Temm.) deixavam ouvir suas vozes e um deles largou seu curto grito ao anoitecer⁸⁴. No meio desses sons durante uma grande parte do dia, ecoava o canto regular, semelhante ao soar dos sinos, da araponga, através da região inóspita. E de longe chegou aos nossos ouvidos o urro selvagem de um macaco urrador (*Mycetes ursinus* Wied⁸⁵), que lembrava o urro de um leão ou de um tigre. Dos incontáveis sons dos animais da mata virgem, esse é com certeza o mais poderoso e ao mesmo tempo o mais aflitivo. Dos animais e cujos sons não pudemos ouvir, foram citados como existentes nesses trechos da mata muitas pacas, tamanduás, tatus e outros.

E assim ficamos cavalgando por horas e horas a fio, atentando a todas as plantas chamativas e diferentes, ouvindo todos os sons a nós estranhos. Mas por fim, essa eterna monotonia nos cansou, esse interminável labirinto de plantas que não nos concediam uma vista livre, essa proximidade asfixiante da vegetação desordenada e entranhada. Assim como as plantas da mata virgem aspiram ao alto, assim também nós ansiávamos por ar e luz. Para encurtar o caminho, o nosso guia escolheu, ao cair da noite, uma picada que ia numa subida lateral. Depois de andarmos

83 Sob os nomes comuns Caucams = pakakang = ganga = rancanca = gakão somente é citado o *Ibicter americanus* Bodd = *I. formosus* Lath., que aparece somente na mata costeira (ver Pelzeln. *Uebersicht der Geier und Falken* (Vista geral sobre gaviões e falcões), [*Verhandlungen der zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien*, XII, p. 176] (Tratativas da Sociedade Zootônica em Viena); Pelzeln. *Zur Ornithologie Brasiliens*, p.2; (Da ornitologia do Brasil), *Wied, Beiträge zur Naturgeschichte Brasiliens* (Contribuições para a História Natural do Brasil), III, p. 153, 158, 161; Spix, *Avium species novae*, I, 11). Goeldi (*As Aves do Brazil*, I, p. 49) registrado sob o nome comum um pouco diferente Cauá, o *Unubutinga brasiliensis* Pelz. = *U. zonura* Shaw.

84 Nessas regiões das matas brasileiras aparecem, da espécie dos tatus, tanto a espécie jacupemba (*Penelope superciliaris* Illig.) quanto a jacutinga (*Pipile jacutinga* Spix) e possivelmente também a jacupeba (*Penelope jacucaca* Spix).

85 Pelzeln (*Brasilische Säugethiere*, 3, 4) (mamíferos brasileiros) e Burmeister (*Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, I, p. 22) (Vista Geral Sistemática dos Animais do Brasil) consideram o micetes *Mycetes ursinus* Wied como idêntico ao *Mycetes fuscus* Geoffr.; Schlegel (*Museum d'Histoire naturelle des Pays-Bas*, VII, Simiae, p. 154 et s.) e Goeldi (*Os Mammíferos do Brazil*, p. 36) separam-nos em duas espécies.

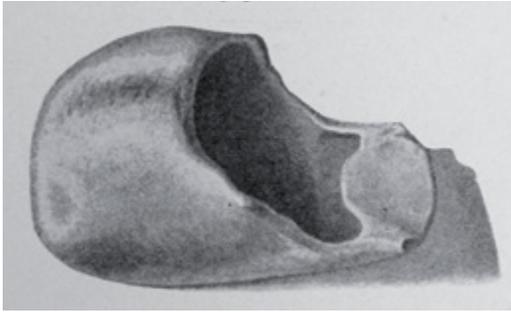


Figura 10. Ventrículo da glote⁸⁶ do *Mycetes ursinus* Wied. (Tamanho natural - Recolhido no Espírito Santo pela autora).

a cavalo durante uma hora, nos encontramos diante de um trecho de mata derrubada, uma roça de árvores vitimadas, largadas desordenadamente umas por cima das outras, um lugar impossível de atravessar.

Para voltar todo o trajeto e continuar a cavalgar pela picada principal, o dia já estava muito avançado e, como já havia acontecido algumas vezes, a noite que caía muito rapidamente nos teria pegado de surpresa no meio da floresta. Assim, depois de pensarmos rapidamente, decidimos abrir nós mesmos um caminho pela mata. Apeamos. Frank foi na frente, dando fortes golpes para a direita e para a esquerda com o terçado ou facão, derrubando impiedosamente cipós, arbustos e árvores pequenas. Nós o seguimos acorados e passando pela parte baixada pela derrubada, puxando os animais pelo cabresto.

Desse guiar próprio dos cavalos na mata me fez pensar nas figuras das valquírias andando em seus corcéis, só que possivelmente nós tínhamos uma aparência menos poética e pitoresca do que as virgens mitológicas. No nosso caminho improvisado, incomodamos as saúvas (*Atta sexdens* [L.] Fabr.) e outras formigas no seu sossego até agora imperturbado por seres humanos. Por fim ainda travei um conhecimento indesejado com uma árvore de soro leitoso, cujo tronco estava repleto de agrupamentos de espinhos, como se fossem ouriços. Sem ter a mínima

86 No original *Stimmsack* (NT).

ideia disso, encostei-me ao seu tronco, sem nem mesmo olhar para ele, e então os espinhos se enfiaram dolorosamente nas minhas costas. Naturalmente eu quis saber o nome dessa árvore e Frank me disse que seria chamada de “Ai Diabo”⁸⁷ porque as pessoas que caíam na mesma armadilha que eu costumavam cumprimentá-la assim. Isso eu compreendi muito bem. Finalmente havíamos alcançado a orla da mata virgem, onde a temperatura estava um pouco fresca, já que o céu estava parcialmente encoberto e a meta da nossa viagem, o rio Doce, estava diante dos nossos olhares esperançosos.

87 No original: Ach, der Teufel! – Muito provavelmente essa árvore é algum tipo de euforbiácea.

Rio Doce

**Mutum,
sábado, 1° de setembro.**

O rio Doce, em cujas margens nos encontramos agora, é um dos rios mais importantes do Brasil central. O comprimento de seu curso é de aproximadamente 750 km e a área por ele banhada abrange em torno de 97.500 km². Suas fontes, em cujas proximidades estivemos há 14 dias, localizam-se no declive leste da serra do Espinhaço, na província de Minas Gerais. No início, o seu curso segue na direção nordeste, em seguida sudeste e, a partir do limite do Espírito Santo onde ele atravessa a serra do Mar, corre predominantemente na direção leste. No seu curso superior, o rio é praticamente inútil para a navegação por causa das correntezas, quedas de água e recifes. Somente cerca de 220 km antes do emboque as condições de sua navegabilidade começam a melhorar. Mas também por aqui trafegam somente canoas, já que as tentativas de navegação regular de vapores fracassaram por esse ou por outros motivos. A última tentativa nesse sentido foi em 1879 quando, durante alguns meses, um vapor de pequeno porte levava em média 18 horas para percorrer o trajeto navegável. O transporte de mercadorias pelo rio Doce é fraco e muito dispendioso. No curso rio acima é transportado sal e, rio abaixo, café, tabaco e banha. A importação anual de sal soma, em média, 20.000 sacas, e a do café, 381.000 kg⁸⁸.

O curso inferior do rio Doce, cuja largura varia entre 300 e 500 m, se move numa baixada cheia de banhados e lagoas, onde reside o perigo de transmissão da mal-afamada malária. O clima ali é quente e muito úmido. A chuva cai durante todo o ano, no entanto é mais intensa de outubro a abril. Os demais meses são considerados como período de seca. A enchente, durante a qual o rio sobe no mínimo 6 m, alagando as margens a partir de dezembro, começa em outubro e vai em média até

88 Soma do café exportado em 1888 conforme Silva Coutinho. *Navegação do Rio Doce*.

março⁸⁹. Grandes trechos da margem esquerda do rio Doce em direção ao território são completamente desconhecidos e nunca foram tocados pelo pé de um homem branco. Contando aproximadamente um dia de viagem a partir do emboque, toda a terra ao norte do rio se encontra de posse incontestada dos selvagens botocudos. Essas relações de propriedade nós encontramos ininterruptamente rio acima até bem longe no interior de Minas Gerais, chegando até o emboque do rio Sassui-grande, dois graus de latitude distante da costa.

A situação é um pouco diferente nas margens do lado sul, onde alguns povoados formados por não indígenas e alguns postos policiais começam a lutar com os autóctones pela propriedade das terras. Quando vimos pela primeira vez o rio Doce ontem, ao sairmos da mata virgem, não pudemos esconder certa decepção. Devido à vazante, o rio tinha a aparência de uma simples água insignificante, que mal cobria as rochas de seu leito, arredondadas pela ação da água ao longo do tempo. Cavalgamos durante um trecho na margem mais elevada e chegamos à fábrica Tatu, onde esperávamos encontrar hospedagem. Não nos foi dado abrigo para passar a noite na única casa mobiliada. Pudemos, no entanto, nos alojar numa construção completamente vazia e inacabada, localizada nas proximidades. O nosso modesto palácio de barro tinha apenas tapumes de madeira, em vez de janelas com vidraça e uma série de buracos por onde a luz do dia podia entrar.

Nessa construção também não havia sinal de um futuro quarto, não havia piso, apenas chão de barro socado, nem forro, nem paredes divisórias e, em parte, nem portas. O guia e os peões arrumaram seus lugares para dormir no chão, utilizando as selas e peças da bagagem como travesseiro. Nós abrimos nossas camas de campanha, acendemos as velas que trouxemos e preparamos o jantar, que era ao mesmo tempo almoço. Nosso pessoal dividiu conosco feijão preto cozido (*Phaseolus derasus*) e foi assim que conhecemos o famoso feijão preto, um dos principais alimentos do povo brasileiro. Quando já era noite e necessitávamos da água do rio Doce para os serviços da casa, Frank se recusou a ir buscá-la para

89 Ver também Hartt. *Geology and Physical Geography of Brazil*.

nós, visivelmente amedrontado. Ele alegou que poderia cair no rio, mas eu suponho que ele estava com medo de acabar sendo vítima de alguma vingança na escuridão da noite. Nossos cavalos ficaram soltos ao ar livre como nas demais noites, indo sozinhos em busca de água e pasto. O trato desses animais foi muito simples durante todo esse tempo. Sempre que chegávamos aos locais de pernoite, eles eram simplesmente amarrados em algum lugar e os peões lhes soltavam os arreios. Somente meia hora mais tarde, os peões lhes tiravam as rédeas e a sela e os deixavam andar soltos. Na manhã seguinte, uma hora antes de partir, eles eram atraídos pelo ruído do milho sacudido numa peneira, que lhes servia de forragem e então eram laçados. Enquanto os animais enfiavam as cabeças na foinheira, os homens aproveitavam o tempo para limpá-los um pouco e colocar-lhes novamente as selas. A última etapa não foi realizada hoje, já que a nossa turnê a cavalo estava encerrada, pelo menos por enquanto.

Às 8 horas da manhã de hoje, o termômetro marcou 26,5° C. Até as 9 horas finalmente conseguimos uma canoa para nos levar rio abaixo. Era uma piroga e o nosso assento foi a quilha de madeira, no fundo. O canoeiro estava muito atento, conduzindo a canoa com um remo, forçando passagem pela correnteza em redemoinho e passando por entre os recifes. O rio era estreito nesse ponto; rochas de gnaiss no fundo do leito perturbavam o curso tranquilo. As duas margens que nos acompanhavam eram acidentadas e cobertas de mata. Elas consistiam de deposições aluviais, ao passo que as colinas mais para dentro do território eram de gnaiss. Meia hora mais tarde atracamos na margem direita muito íngreme, na aldeia de Mutum. Mutum é um dos assentamentos criados pelo governo que visam à civilização dos indígenas. Das tribos selvagens, são conquistados alguns indivíduos, então reunidos numa espécie de povoados muito pequenos. Esses assentamentos se encontram sob a direção de um diretor-geral, que conta com um missionário, um tradutor, às vezes alguns trabalhadores brancos e, para proteção, alguns soldados. Esse é o quadro nominal de pessoas. Na verdade, na maioria das vezes falta o missionário, já que no Brasil, com a falta de sacerdotes, estes precisam logo abandonar a missão, largando-a ao próprio destino alguns

anos após a fundação. Nesse caso, cabe aos poucos soldados, em geral negros ou mestiços, ministrar o ensino aos indígenas. Não fica difícil imaginar como deve ser a qualidade desse ensino. Nesta terra selvagem praticamente inabitada, os diretores e seus ajudantes não estão sujeitos a nenhum controle e, assim, as somas anualmente destinadas pelo governo às aldeias nem sempre são aplicadas para os fins previstos originalmente. Também o objetivo de criar um núcleo através destas aldeias, em torno do qual os elementos ainda selvagens pudessem cristalizar-se a caminho da civilização, só é atingido em proporções bem baixas. Mesmo quando um ou outro selvagem que se encontra nas matas se sente atraído pelos irmãos semicivilizados e movido a largar a vida errante de até então, não é de se admirar quando, em contrapartida, um indígena já incorporado à aldeia retorna novamente à vida livre e sem amarras na mata virgem⁹⁰.

As poucas aldeias que se encontram sob a direção de um diretor geral representam apenas um substituto insatisfatório e, por isso, muito triste para as muitas missões jesuíticas que se desenvolviam antigamente e que tornaram o cristianismo e a civilização acessível para milhares e milhares de indígenas, isso se for considerado somente o Espírito Santo⁹¹. Mutum, a aldeia em que deveríamos colher pessoalmente experiências sobre tais tentativas do Estado, não se encontra em situação melhor do que as demais aldeias, sobre as quais ouvimos ou lemos alguma coisa. Aqui o quadro de pessoal é formado por um governador ou diretor de origem portuguesa, atualmente ausente, de um tradutor branco com uma doença no pé, que viveu durante alguns anos com os botocudos quando criança e que parece dominar muito bem a sua língua, dois ou três soldados negros e mulatos e um carpinteiro que há anos recebeu a tarefa de

90 O mesmo que nos contaram também é dito por Martius (*Spix e Martius. Reise in Brasilien*, I, p. 378), Wied, *Reise nach Brasilien* II, p. 49); Tschudi, *Reisen durch Südamerika*, II, p. 286 e Ehrenreich, *Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu santo und Minas Geraes*. In: *Zeitschrift für Ethnologie*, XIX, 36).

91 Wappäus, *Kaiserreich Brasilien, 1714- 1715*. Ver também Spix e Martius, *Reise etc.*, III, p. 927 e Wied I. c. II, p. 60. Haifeld e von Tschudi, *Minas Geraes; Petermann's Geographische Mittheilungen*. Ergänzungsheft, IX, p. 19). Ehrenreich, *Die Eintheilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stand unserer Kenntnisse*. (Petermann's Mittheilungen XXXVII, p. 81-82).

construir uma casa para os botocudos semicivilizados. Entretanto, apesar dos alguns milhares de mil réis que entraram todos os anos para essa finalidade, o carpinteiro ainda não conseguiu fazer mais do que o telhado e uma parte do madeiramento. Missionário não há nenhum, a capela mais próxima fica localizada a um bom trecho rio acima, em Guandu, e o sacerdote mais próximo pode ser encontrado em Queimado, por onde passamos há cinco dias na nossa viagem. E assim as pessoas daqui, do mesmo modo que os demais moradores do rio Doce, ficam muitas vezes um ou dois anos sem atendimento espiritual. Essa situação do atendimento espiritual precário é semelhante à encontrada no Amazonas, onde as crianças não são batizadas por anos a fio, casais não recebem as bênçãos do matrimônio e muitas pessoas à beira da morte têm que partir sem receber o consolo de sua sagrada religião. A igreja Católica no Brasil é pobre e depende totalmente do Estado e este não aplica muitos recursos para atender as necessidades religiosas de seus súditos. Isso explica o péssimo estado de muitas igrejas e, considerando o baixo salário pago aos sacerdotes, insuficiente para a subsistência, explica também a visível falta de clérigos⁹².

Os brancos e os negros de Mutum moram na única casinha ali existente, que consiste de apenas dois cômodos e se situa na margem direita, mais ou menos a 5 metros acima do nível do rio. Nessa casa, que seria mais certo denominar de choupana, encontraram abrigo o cavaleiro que nos acompanhava e o guia. Nós duas abrimos as barracas bem na frente da choupana.

Depois de um café da manhã bem à moda brasileira, com farinha e assado de veado⁹³, fomos de canoa para a margem esquerda do rio. Essa extensão pertence à área dos botocudos selvagens.

Nessa área também precisam passar os seus dias aqueles que já foram incorporados à aldeia. Destes últimos encontramos mais de

92 Veja também sobre isso em Canstatt, *Brasilien. Land und Leute*, p. 188.

93 Nessa região, dizem que aparecem com bastante frequência uma ou duas espécies de veados *Coassus rufus* F. Cuv. e possivelmente *Blastocerus paludosus* Desm., sendo este último o maior dos veados brasileiros.



Figura 11. Nosso acampamento no rio Doce. Desenhado por E. Berninger com base numa foto tirada no local.

vinte homens, mulheres e crianças em sua choupana inacabada e sem paredes. Na maioria deles, o tipo mongoloide ainda era evidente. Todos apresentavam malares mais ou menos salientes, boca grande, lábios carnudos e cabelos lisos, pretos como penas de corvos. A maioria exibia um perfil de nariz encurvado e vários deles tinham pálpebras enviesadas muito marcantes. A cor da pele dos indivíduos era muito variada, a de alguns era amarelada, a de outros, marrom-escura, porém a cor predominante era clara. A barba dos homens se limitava a uns fios de cabelo nos cantos da boca e abaixo do queixo. Seguindo a tendência dos selvagens botocudos de cortarem os cabelos em forma de calota, as mulheres



Figura 12. Mulher botocuda com base em uma fotografia que eu mesma tirei.

usavam os cabelos cortados em volta da cabeça, como na Idade Média. A aparência era a de uma grossa touca de pelos. O corte dos cabelos parecia o das mulheres indígenas do Vale de Yosemite, na Califórnia. Algumas das moças mais jovens haviam alinhado o cabelo com um pente, de modo bem civilizado. No meio das mulheres mais velhas, que na aparência externa ainda lembravam mais o estado selvagem, havia uma que tinha os olhos muito abertos, um rosto feio de assustar e uma expressão selvagem.

O conhecido enfeite nacional, o horrível disco de madeira nos lábios, não era mais usado por nenhum dos botocudos deste local, mas alguns homens tinham enormes furos nos lóbulos da orelha que serviam para colocar largas tiras de madeira em dias festivos. Nas suas andanças pela mata, estes lóbulos aumentados, que pendiam muito para baixo,

tinham que ser virados por cima da parte superior da orelha para não ficarem presos em algum lugar. Exceto dois deles, os demais botocudos estavam totalmente vestidos. A maioria usava uma roupa de chita florida, mas nos contaram que, quando retornam à mata, logo se livram do vestuário que para eles incômodo. Um homem muito alto, magro e cego havia restringido a cobertura do corpo a um pequeno avental. De todos os botocudos que se encontravam em Mutum, foi ele quem nos deu o conceito mais inequívoco sobre os costumes dos indivíduos da mesma tribo; poder-se-ia classificá-lo como completamente selvagem, forçado a viver na aldeia por conta de suas necessidades. Bem de acordo com os costumes dos botocudos, ele trazia pendurada no pescoço uma faca sem bainha, semelhante às de açougueiros, amarrada num fio de couro e que pendia solta nas costas nuas. Esse tipo de instrumento de corte afiado é o maior tesouro desses selvagens que perambulam pela mata, ainda distantes da civilização. Esse velho também havia conservado os costumes da época de vida livre, no que se refere ao preparo dos alimentos. Ele não usava nem água, nem panelas, assando o peixe recém-pescado, segurando-o com os dedos durante um certo tempo por cima do fogo; em seguida ele o comia semicru, melhor dizendo, devorava. O velho também possuía um autêntico cacaiú⁹⁴, ou seja, um saco semelhante a uma mochila, no qual ele havia colocado todos os seus pertences, e que ele me vendeu em troca de uma pequena soma de dinheiro, encarando-me com a careta suja.

As mulheres possuíam fusos de madeira de confecção grosseira⁹⁵, que consistiam de um pauzinho fino com entalhes irregulares na parte de cima e um remate cônico, supostamente a tampa de um fruto da sapucaia (*Lecythis*), na qual estava enfiado de modo solto o pino. As mulheres botocudas usam esse tipo de fusos para tecer algodão de forma muito primitiva. Também encontramos com essas mulheres as capangas⁹⁶, ou seja, bolsas chatas de malha fina feitas de fios de algodão, usadas para

94 Veja figura 13, nº 2.

95 *Ibid.* nº 7.

96 *Ibid.* nº 6.

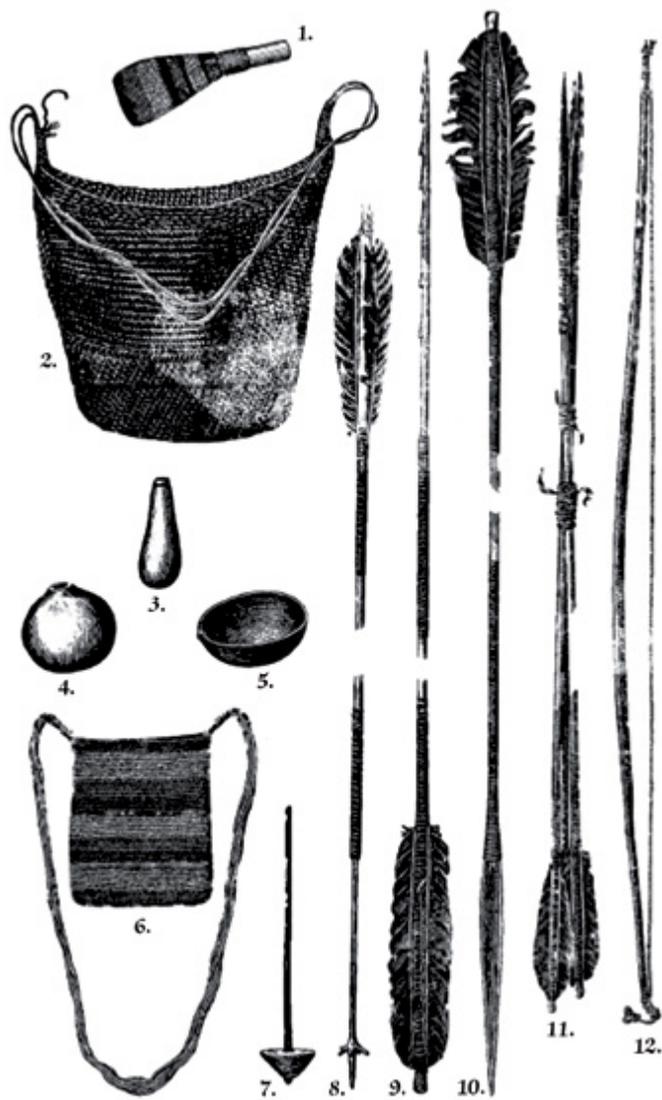


Figura 13

guardar todo tipo de utensílios. As bolsas eram de cor branca, amarela e vermelho-lilás, e também brancas com listras amarelas e verde-azuladas, semelhantes às produzidas pelos indígenas do Michoacão ou Michoacán e do Rio Columbia. Outros utensílios desses indígenas eram pequenos sacos de algodão⁹⁷ com uma extremidade de tubo de bambu e pequenas cuias ovais não pintadas⁹⁸ das cascas do fruto da *crescentia*, ou calabaça, de formato diferente da dos índios do Amazonas. As flechas existentes na aldeia⁹⁹ estavam limitadas às usadas para caçar antas, veados, jaguares e animais grandes em geral. Elas têm 1,5 m de comprimento e consistem de uma haste feita do internódio superior do talo de cana-do-rio (*Gynenrium*), uma ponta de 30 cm de comprimento feita de uma lasca afiada do tronco de bambu, bem como uma plumagem constituída de duas penas das asas da galinha mutum (*Crax carunculata* Temm.), não partidas, sobrepostas uma à outra, que apresentavam faixas de cor marrom-escuro-avermelhada. Tanto as penas como a ponta são amarradas firmemente à haste com troncos de cipó. A ponta elíptica, temperada no fogo, bem raspada nas bordas e com a extremidade da frente tão fina como a ponta de uma agulha, produz ferimentos muito graves, pois por causa do seu formato côncavo causa muita perda de sangue. Esse tipo de flecha também serve de lança de guerra para os botocudos¹⁰⁰. Além desses, os botocudos ainda possuem outros tipos de flecha, que medem cerca de 1,5 m de comprimento com um gancho voltado para dentro¹⁰¹ e também flechas para caçar pássaros¹⁰², que igualmente atingem o comprimento de um metro e meio como, as do primeiro tipo, e são usadas para a guerra e para caçar animais maiores. Essas têm ponta feita do lenho da palmeira iri (*Astrocaryum*)¹⁰³ e, num dos lados, um gancho rombudo virado para

97 *Ibid.* nº 1.

98 *Ibid.* nº 5.

99 *Ibid.* nº 11.

100 *Ibid.* nº 10.

101 *Ibid.* nº 9.

102 *Ibid.* nº 8.

103 Também denominada de brejaúva, brejaúba, coco-airi, arri-açu, ariri (NT).



Figura 14. Um velho botocudo, com base numa foto que eu mesma tirei.

dentro. Este último tipo de flecha possui uma ponta rombuda feita de um pequeno galho ou tronco, no qual se encontram ramos curtos, dispostos na parte da frente em forma de batedor de ovos¹⁰⁴. Essas flechas servem para abater aves, mas também para abater outros animais pequenos, e causam menos ferimentos, rasgos ou amassamentos.

Quando entramos na choupana inacabada dos botocudos, aberta em todos os lados, a maior parte desses selvagens estava largada a esmo, sem se ocupar com nada. Algumas mulheres teciam com fusos primitivos como acima descrito, outras comiam um mingau de milho

104 Flechas desses três tipos e um arco de confecção grosseira (veja acima figura nr. IV No. 12), recebemos algumas semanas mais tarde por gentileza do Sr. von Schlözer, que os havia trocado um ano antes com uma tribo de botocudos selvagens, igualmente em Mutum. Pela coloração preta e o brilho metálico azul-escuro, as penas presas nessas flechas originam-se da jacutinga (*Pipile jacutinga Spix*).



Figura 15. Botocudos, com base numa foto que eu mesma tirei.

que se encontrava pronto sobre o fogo aberto, no chão da choupana. Ao contrário da refeição do velho botocudo, esse alimento já indicava uma certa cultura e um plantio que o governo se esforça em lhes ensinar. Um moinho ao lado da casa - que igualmente fora construído para eles - estava parado e sem uso. Não havia aplicação para ele, ou então já estava sem condições de uso. De qualquer modo, o cultivo de milho representa um avanço, se comparado com o modo como os outros membros da tribo de botocudos, ainda em estado selvagem, costumam saciar normalmente a fome. Por anos a fio eles migram pela mata em busca dos frutos do mato em amadurecimento. Por causa dessas andanças intermináveis, é natural que não possuam praticamente nenhuma choupana ou oca, já que, em seus costumes de modo geral, se encontram no nível de desenvolvimento mais baixo. Como nos contaram na aldeia, eles não conhecem nenhum vínculo matrimonial, vivendo numa espécie de comunhão. É sempre arriscado se encontrar com eles, pois uma pessoa nunca pode estar segura se a sua selvageria não irromper a qualquer mo-

mento. Foi assim que, há alguns anos, um colono brasileiro foi morto por eles nas proximidades de Mutum e então devorado¹⁰⁵. A tribo de que falamos aqui, da qual fazem parte os botocudos semicivilizados da aldeia de Mutum, pertence aos Nak-nanuks. Essa é uma tribo que vive espalhada até a latitude 17° e acima. As pequenas comunidades isoladas são chefiadas por caciques que não têm muito poder. Também os botocudos da aldeia de Mutum têm um cacique desses. Esse não apresenta um tipo muito mongoloide e usa vestes europeias, mas seu colar de sementes de frutos e os enormes furos nos lóbulos das orelhas destinados a suportar temporariamente os conhecidos discos de madeira, nos advertem de sua origem. Os botocudos semicivilizados desse lugar são presumivelmente todos cristãos, mas em que nível se situa a prática do cristianismo, considerada a falta de motivação religiosa, isso fica na dúvida. Alguns deles falam um pouco de português, ou pelo menos entendem a fala. Prestamos muita atenção à língua deles, principalmente aos sons aspirados. Ela é completamente diferente da dos tupis ou de seus vizinhos, os goitacazes. O fim de cada frase é prolongado, adquirindo, dessa maneira, um som cantado, soando como pergunta. O nosso desejo de fotografar essas pessoas esbarrou em algumas dificuldades. Nesse ponto, eles se comportaram recusando-se, do mesmo modo que a maioria dos indígenas norte-americanos, principalmente as mulheres. Alguns homens permitiram serem fotografados sozinhos, mas nenhuma mulher permitiu ser fotografada. Só pudemos registrar as mulheres para o futuro, misturando-as num grande grupo¹⁰⁶.

Os botocudos tinham aparência saudável e eram fortes, exceto uma jovem mãe que estava com febre. Os brasileiros brancos atribuíram esse estado tendente à desenvolver tuberculose, como resultado do banho de rio que ela havia tomado logo após o parto. Estes banhos de rio ou de lagos junto com a criança recém-nascida não são costume apenas

105 Steains, *An Exploration of the Rio Doce and its Northern Tributaries* (Proceedings of the Royal Geographical Society X, 67).

106 Nessa foto, os homens nas laterais do grupo ficaram com a imagem tão embaçada que não foi possível reproduzi-los em sua natureza típica.



Figura 16. Cacique dos botocudos de Mutum, com base numa foto que eu mesma tirei.

dos botocudos, mas também de outras tribos indígenas¹⁰⁷.

Como o nosso almoço era sempre muito comedido, voltamos para a margem direita do rio. Pela primeira vez deveríamos provar assado de papagaio. O assado foi feito de dois cumatangas (*Chrysotis rhodocorytha* *Salvad.*, sinônimo: *Amazona dufresniana rhodocorytha* *Salvadori*), que são belos e grandes papagaios de asas curtas, e que haviam sido abatidos por um dos soldados negros. Nós vimos quando ele os levou para a aldeia. Esses papagaios, cuja cor assemelha-se à grama verde, têm a parte da frente da cabeça vermelho-escarlate, bridas amarelas, laterais da cabeça cor azul-celeste e queixo também azul-celeste. A região em que essas espécies de psitacídeos se propagam restringe-se ao trecho do

107 Rey, *Les Botocudos*, p. 73; Mello Moraes, *Revista da Exposição Anthropologica brasileira*, 4, p. 105; Barboza Rodrigues, *Pacificação dos Cricanás*, p. 158; Wallace, *Travels on the Amazonas and Rio Negro*, p. 496; ver também Martius, *Beiträge zur Ethnographie etc.*, I, p. 599; Spix e Martius, *Reise in Brasilien*, I, p. 381 e Kupfer, *Die Cayapóindianer in der Provinz Matto-Grosso* (*Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, v. 1870, p. 244).

Espírito Santo até o Rio de Janeiro. Muito raramente indivíduos desta espécie são levados para a Europa. A carne assada desses animais era escura, muito dura e tinha o gosto de qualquer outra ave silvestre.

À noite, os botocudos da aldeia se encontraram no local onde estávamos alojados, acenderam uma fogueira diante da nossa barraca e, assim que começou a escurecer, começaram a sua dança tribal. No início eram apenas as mulheres que dançavam, colocando cada uma os braços estendidos à direita e à esquerda dos ombros da mulher seguinte, formando uma cadeia fechada em forma de anel. Elas entrelaçavam os braços. Com a cadeia assim formada, elas dançavam, inclinando-se um pouco para o lado, erguendo-se lentamente nas pontas dos pés e continuando a se mover para a esquerda. Acompanhava a dança uma canção nasal de ritmo monótono, composta de poucos tons. O texto da canção se compõe das palavras “kalâni-ahá” e como nos explicaram, inclui também os relatos dos acontecimentos do dia. Hoje o tema da improvisação foi que elas tinham vindo para cantar, que receberiam café e assim por diante. Mais tarde também os homens participaram da dança de roda, no entanto entraram no círculo de modo que todos pudessem ficar parados um ao lado do outro. Os homens faziam movimentos um pouco diferentes dos das mulheres: punham a perna direita sempre para trás e a esquerda para frente, e se apoiavam na coxa direita, que se mexia, ao passo que a respectiva perna praticamente ficava imóvel. A cada movimento da coxa direita, o joelho esquerdo respondia com um leve movimento para frente enquanto já era mantido um pouco dobrado. Levantavam as solas dos pés, que nunca eram afastados completamente do chão mas somente da metade para cima, possibilitando, assim, um movimento para frente, ou melhor dizendo, um empurrar para frente. O mesmo ocorria na direção esquerda, sem exceção. Ora era um dos dançarinos da roda que cantava mais alto, ora era outro, ora com voz mais aguda, ora mais grave. Um dos homens uivava como cachorro e grunhia como porco; possivelmente essa era a maneira de apresentarem lembranças de uma caça. Essas pessoas dançaram freneticamente durante horas sem parar.

Também as crianças tomaram parte nesse divertimento. Essa apresentação teatral singular me fez lembrar das práticas religiosas dos dervixes¹⁰⁸, com seus cantos uivantes, diferenciando-se, porém, pelo fato de que aqueles mantinham o tronco superior parado, praticamente sem mexer o corpo no todo. Enquanto uns botocudos participavam da dança, outros ficaram sentados de cócoras em algum lugar do chão. Também o velho seminu havia se entrosado e estava acororado no chão com as costas tão curvadas que os joelhos quase tocavam o queixo. Crianças corriam no meio dos variados grupos e uma delas, um pequeno garoto, rebuscava as bolsas alheias, denunciando a intenção de furto. Além dos homens que já havíamos visto durante a tarde na outra margem, juntaram-se outros, que voltavam do trabalho. Destes, um se parecia com aquele indígena mais velho, pintado de azul, que vimos no dia 12 de julho nas margens do rio Solimões, e um outro, dos mais jovens, lembrava alguns dos marinheiros peruanos de descendência indígena, que haviam trabalhado na nossa viagem pelo Amazonas, a bordo do navio Pará. Mas o mais interessante de todos os botocudos era sem dúvida um jovem que naquele momento estava vestido porque se encontrava na aldeia, mas representava tão bem o tipo do selvagem como não pode ser encontrado um outro de forma mais inconfundível. Ele vivera até pouco tempo antes de modo selvagem na mata junto com os companheiros idênticamente selvagens, exceto durante um pequeno intervalo. Ele aparecera na aldeia havia apenas alguns dias e, como era suposto, para convencer as irmãs que ali se encontravam a que retornassem com ele para a mata, para a vida livre e sem amarras. Os cabelos pretos como piche e de corte arredondado pendiam desordenados sobre os olhos e, quando o tradutor falou com ele, sacudiu a vasta cabeleira, jogando-a desgrehada para todos os lados, emitindo como resposta sons selvagens e inarticulados. Ele retrucou da mesma maneira a um chamado de um dos seus camaradas. Seus movimentos eram bruscos, indomáveis e incalculáveis. De repente, explodindo de raiva, ergueu-se de um salto e correu para a porta da choupana quase derrubando no chão a mi-

108 Dervixes ou daroeses, monges muçulmanos.

nha companheira, que estava entrando, e desapareceu na escuridão. Por meio dele soubemos que mais ou menos 300 botocudos estariam se aprontando para vir a Mutum. Sua vinda já estava sendo esperada e poderiam chegar já no dia seguinte. Mas como essas pessoas, que não se sentiam forçadas a nada, podiam muito bem aparecer somente em algumas semanas, e nós podíamos sacrificar somente o dia de amanhã, o jovem selvagem havia sido convencido, à base da promessa de que receberia cachaça, a procurar os companheiros de sua tribo amanhã e, se possível já trazê-los para a aldeia.

Mutum, domingo, 2 de setembro.

Ontem à noite, depois que os cantos dos botocudos haviam silenciado e pretendíamos nos deitar para dormir, entrou em nossos ouvidos um canto estridente como o de uma cigarra. Procurei pelo cantor e descobri um *Conocephalus irroratus* *Burm.*, gafanhoto de cor feia de 4 cm de comprimento, cujo aparecimento parece estar restrito ao Brasil. Com um sentimento de ingratidão e desdém pela canção de ninar que ele nos cantou, dei fim à sua vida e o adicionei à minha coleção entomológica. Depois disso, tínhamos esperança de poder dormir uma noite sem perturbações. Mas não foi assim. Porcos grunhiam em nossa volta, agitados pelo objeto estranho que havia sido construído sobre o seu “picadeiro”. Também cachorros latiam e, ao clarear do dia, toda a vida animal se tornou rebelde. Galinhas cacarejavam, ovelhas baliavam, cabras reclamavam e nossos cavalos de carga galopavam em torno da barraca, pulando sobre as cordas que a prendiam, de modo que esperávamos que a cada momento ela fosse derrubada por algum pulo em falso dos animais. As peças de roupa que havíamos estendido na barraca estavam tão úmidas de manhã como se acabassem de ser tiradas da água. Isso se explicou quando ficamos sabendo que a névoa lá fora se estendia sobre todo o

vale. Às 6 e meia, a temperatura na barraca estava a 21,5°C e para a parte da tarde prevíamos uma temperatura de 35°C. De manhã cedo fomos de canoa rio acima até uma ilha para ver veados (*Coassus rufus*) ou antas, mas nenhum deles apareceu e tivemos que voltar para casa sem resultado algum. Também é dito que há muitas capivaras (*Hydrochoerus Capybara Erxl.*) nessa região, mas nenhuma se mostrou, embora tivessem deixado os rastros frescos por toda a ilha. Mas em vez disso vimos bem nitidamente uma linda pomba marrom-cinza-avermelhada, possivelmente uma *Leptopila reichenbach Pelz.* Anus (*Crotophaga ani L.*), grande quantidade de cucos pretos da família *cuculidae*, que são tão frequentes aqui quanto na nossa região os corvos, davam vida a esses locais onde não havia mata. Num amplo círculo em torno da barraca voava cedo da manhã e à noite um pequeno e escuro colibri com asas pontudas. Durante o seu voo sempre na horizontal, o rabinho vibrava em movimentos incessantes. Esse pequeno animal, que num primeiro momento considerei ser um inseto, pode ser um *Hylocharis cyanea Vieill.*, tão frequente na mata virgem costeira.

Na relva, que se estende desde a casa até as margens do rio, brincavam à luz do sol inúmeras borboletas *Catagramma Hydaspes Dru.* e outras espécies. Eu consegui capturar uma *Sais Rosalia Cram.*, um exemplar da variedade 2, encontrada por Bates no Alto Amazonas, com asas dianteiras de pontas pretas. Também capturei uma *Aganisthos Odius Fabr.*, ninfálida relativamente grande que aparece desde o Brasil até a Flórida, com a parte superior da asa de um marrom-escuro acetinado e parte inferior da asa nas cores marrom e lilás. A variedade de plantas nesse lugar não era muito grande. Só consegui coletar *Ageratum conyzoides L.*, erva anual composta de flores vermelhas ou brancas, bem como *Pterocaulon virgatum DC*, erva muito bonita de folhas bem finas tipo feltro, alastrada em toda a América do Sul.

Mas essa manhã não foi dedicada somente aos estudos de botânica e zoologia. As restrições da nossa bagagem ao mínimo necessário também fizeram com que eu me dirigisse ao rio para tomar um banho,



Figura 17. Jovem botocuda, com base numa foto que eu mesma tirei.

como havia feito antigamente a filha do rei Feácio, Nausíaca¹⁰⁹. De manhã os botocudos haviam vindo do outro lado da margem para cá e se acomodado diante da nossa barraca. Eles tostaram ali mesmo o seu café. Isso foi feito num grande caldeirão de metal no qual, um pouco antes de o café estar completamente tostado, jogaram açúcar para que torrasse junto. Esse método, que deixa o café especialmente delicioso, também é usado pelos brasileiros não indígenas daqui. Depois de tostados, largaram os grãos ao sol para que o açúcar penetrasse mais profundamente neles. Para o almoço, a cozinheira do diretor preparou novamente um assado de veado e papagaio, porém, por mais que o primeiro que comi fosse gostoso, este de hoje não tinha gosto algum.

109 Personagem feminina presente na obra *Odisseia*, de Homero (NO).

Durante o dia, mais botocudos chegaram e, entre esses, um moço bem feio, com uma vasta e chamativa cabeleira caindo em ambos os lados da cabeça. Quanto ao jovem selvagem que deveria trazer os companheiros da mata, teve que se curar da ressaca de cachaça até as 10 horas da manhã. Depois disso, saiu com uma canoa e até agora ainda não apareceu.

À noite nós também nos movemos com uma piroga ao longo da margem repleta de cana-do-rio (*Gynerium parviflorum* Nees ab Esenbeck) e isso durante meia hora rio abaixo. Queríamos ver a cabana agora abandonada que os botocudos de Mutum haviam construído na margem direita do rio, depois que, há seis anos, foram banidos da aldeia do outro lado do rio Doce por seus companheiros selvagens da tribo. As paredes dessa cabana eram feitas de galhos irregulares, enfiados em paralelo na terra, mantendo certa distância entre si, enquanto pedacinhos de casca na horizontal por cima destes formavam o teto que também não era fechado. De cima e de baixo, o ar e a luz podiam passar livremente. As camas que se achavam em seu interior e os assentos e armações horizontais para objetos também eram feitos apenas de pequenos galhos dispostos em paralelo. Encontramos ali também um cacaiu feito de galhos, um par de vasos semelhantes a garrafas, feitos dos frutos da *Lagenaria vulgaris* Ser.¹¹⁰ e um pouco de sal, guardado cuidadosamente num saco feito de um entrançado de folhas torcidas.

Passamos o fim da tarde no assentamento dos botocudos de Mutum que fora reconstruído no lado esquerdo da margem do rio. Esses indígenas semi civilizados, que talvez somassem 150 cabeças antes do ataque recém citado, 1882, estão agora reduzidos a cerca de quarenta. Negociamos com eles flechas, capangas, fusos e vasilhames de cascas de frutas. Para cada objeto tivemos que pagar a mesma soma em dinheiro. Isso nos indicou que eles não têm um conceito correto sobre o valor do dinheiro. Em seu modo de ser, eles se nos apresentavam como todos os indígenas brasileiros até agora vistos, comedidos, reservados e sérios, tendendo à melancolia. Muito decepcionados retornamos nessa noite para a barraca.

110 Veja figura 13 nº 3 e nº 4.

O jovem selvagem enviado para buscar os companheiros não retornou e os selvagens botocudos não vieram. E assim temos que abrir mão desse encontro possivelmente interessante, pois amanhã é o último prazo para darmos início à viagem de retorno, caso não queiramos perder o navio que muito raramente aporta no porto de Vitória para nos levar de volta para o Rio de Janeiro. Perder o vapor para ficar esperando pelos botocudos não é recomendado, pois a chegada dos selvagens é totalmente imprevisível, podendo ocorrer nos próximos dias, ou nunca. Por essas condições, percebe-se que se trata de selvagens livres, não subjugados por nenhuma lei e por nenhuma vontade estranha, e que estamos diante de situações das quais perdemos a compreensão na regularidade da vida cultural burguesa.

Mutum-Choupana Soares, segunda-feira, 3 de setembro.

A tempestade esperada para a noite e que ameaçava nos deixar completamente encharcados dentro da barraca e felizmente passou com um leve chuvisco. Às 3 e meia, o ambiente no acampamento se tornou animado. Mas até o café estar fervido, a louça lavada, a barraca desmontada, as camas de campanha fechadas e tudo pronto para o transporte passou um longo tempo. Assim sendo, o relógio já marcava 6 horas quando entramos numa canoa, rio acima, saindo de Mutum. Antes da partida, ainda apareceu um cacique botocudo do outro lado do rio, oferecendo-nos algumas flechas de caça para comprarmos. A paisagem de Mutum e as margens do rio bastante altas, íngremes e cobertas de mata, assim como as ilhas, suas elevações modestas no lado norte do rio Doce ficaram atrás de nós. Não se tratava de uma região que atraísse pela beleza, nem havia a abundância da vegetação encantadora das baixadas do Amazonas. No nosso caminho para Tatu, encontramos espalhadas no leito do rio incontáveis rochas brilhantes como metal avermelhado, semelhantes ao cobre, de cantos pontudos e superfície

lisa. Repentinamente a visão dessas estranhas rochas, semelhantes a cristais gigantes, foi desviada por uma gritaria de macacos, que vinha da mata na margem esquerda do rio. Tratava-se de saguis (*Callithrix personata Geoffr.*), ou seja, calitriques adstritos à mata costeira no norte do Rio de Janeiro, que urravam, chiavam e gritavam, e um dos pequenos indivíduos marrom-amarelados, pela cor possivelmente uma fêmea, subia rapidamente pelo tronco de uma árvore.

Chegando a Tatu, ficamos sabendo que poderíamos descer o rio Doce, numa viagem de três dias de canoa para encontrar no emboque um pequeno vapor costeiro que nos levasse a tempo para Vitória. A mudança para uma viagem pelo rio que não conhecíamos, ao invés da já conhecida turnê a cavalo para a capital do Espírito Santo, foi atraente. E assim decidimos rapidamente enviar por terra, para Vitória, com o guia que nos conduziu até agora, as barracas e a parte da bagagem da qual poderíamos abrir mão, enquanto embarcamos com as camas de campanha e uma parte dos mantimentos na canoa de um fazendeiro que estava viajando para o vale. Para complementar os mantimentos, foi-nos dada uma provisão de pão branco da fábrica de Tatu, que estava duro como pedra, pois fora produzido já havia algumas semanas. Visto que naturalmente nessas regiões tão pouco habitadas não se encontra nenhuma padaria durante dias de viagem, o jeito é se contentar da melhor forma possível, em se tratando do alimento principal. Às 11 horas nos encontrávamos novamente a caminho de Mutum, aonde chegamos bem depressa. Foi para lá que, nesse meio tempo, havia retornado o jovem indígena, que estivera no Rio São João, sem ter encontrado os companheiros de tribo. Talvez ele nem os tenha procurado e, em vez disso, seguido a vontade de se deliciar com a pesca. Os selvagens não são confiáveis e muitas vezes também são mentirosos. Em Mutum foi formada definitivamente a tripulação da canoa. Esta consiste de um comandante e três pessoas que conduzem o remo; o primeiro é branco e entre os outros se encontra um dos soldados negros da aldeia, os dois outros remadores são botocudos. Um deles é de Mutum e o outro da região das lagoas de Riacho, localizada a leste em direção ao mar. Este último se caracteriza por uma tez marrom-escura e uma boca muito larga.

Logo depois do almoço, prosseguimos viagem a partir de Mutum. A canoa desceu silenciosamente rio abaixo, levada pela correnteza, de modo que o nosso pessoal não precisou fazer muito esforço. Mesmo assim, isso ainda representava muito trabalho para o indígena da aldeia, correspondendo muito bem à indolência característica de sua tribo. Era necessário estimulá-lo o tempo todo para que continuasse a remar. Embora não tendo nascido na mata, ainda assim ele é considerado um bugre; entende-se como bugre neste país tanto um indígena selvagem quanto um semi civilizado¹¹¹. Toda a figura desse bugre ainda carrega em si algo de selvagem. Nem os seus companheiros de bordo brancos nem os negros o poupam e todos mexem com ele o tempo todo, dizendo que ele ainda se alimenta de jacarés e sapos grandes, bem ao modo de seus camaradas selvagens.

Na viagem silenciosa pelo vale, fomos saudados frequentemente pelos gritos de papagaios que vinham da mata de ambos os lados. Além disso, um jaó-do-litoral (*Crypturus noctivagus* Wied), uma galinha de cauda, muito frequente nessa região, deixava seu chamado alto e melancólico soar no meio do matagal fechado.

Passamos ao lado de um assentamento de botocudos semi civilizados, em seguida ao lado de uma árvore quase sem folhas, ocupada de cima a baixo com araras-nanicas (*Ara nobilis* L.), conhecidas por maracanãs. Trata-se de papagaios verdes de tamanho médio, com asas visivelmente longas. Precisamos atravessar o emboque do insignificante rio São João, que afluí vindo do norte e se caracteriza por uma vegetação baixa. Uma canoa, tendo como único ocupante um botocudo, veio na nossa direção. O indígena semi selvagem usava somente uma calça larga e seus cabelos estavam cortados em volta da cabeça, caindo uniformemente para todos os lados, à semelhança dos botocudos semi civilizados. Esses cabelos indescritivelmente abundantes e pretos, de corte redondo, como todos os cortes de cabelo dos botocudos vistos até

111 Veja também Halfeld e v. Tschudi, *Minas Geraes* (Petermann's Geographische Mittheilungen, Ergänzungsheft. IX S. 17. Anmerk. 1.) e Ehrenreich, *Ueber die Botokudos der brasilianischen Provinzen Espiritu santo und Minas Geraes* (Zeitschrift für Ethnologie XIX, S. 5- 7, 13).

agora, pareciam uma touca de pelos. Ao meio-dia, o rio Doce estava a 25°C e, duas horas mais tarde, o ar estava a 27°C. Debaixo do nosso toldo de folhas de palmeiras o ambiente era mais fresco, pois havia uma corrente de ar, mas mesmo assim não estava nem um pouco confortável. Sentamos numa esteira também de folhas de palmeiras que cobria o piso de madeira da canoa. Nessa região despovoada não havia um colchão como o que usamos em Vitória. Dessa maneira, nossos membros ficaram muito rígidos, um estado que deverá piorar nos próximos dias. As margens do rio estavam cobertas quase sem interrupção por mata virgem. Praticamente não havia palmeiras e de tempos em tempos podiam ser vistas pequenas choupanas de barro. Aos poucos, essa vegetação, que até agora não tinha nos mostrado nada de belo, tornou-se mais bonita, mais semelhante à Hileia¹¹²; apareceram arbustos de ramagens pendentes e figuras fantásticas de árvores cobertas por plantas trepadeiras e epífitos. Uma coluna de fumaça saía do lado esquerdo da mata virgem, da região dos selvagens botocudos. Agora eles estavam ali, os tão esperados selvagens - mas agora isso não nos adiantava de nada! Em primeiro lugar era questionável se conseguiríamos abrir caminho pela mata densa com um facão do mato até onde eles estavam. Em segundo lugar, por não estarem preparados para um contato conosco, não deveríamos avançar pelo matagal e aparecer repentinamente diante deles. Provavelmente uma flecha certa seria a resposta para a nossa visita indesejada, e assim, com o coração apertado, tivemos que seguir viagem, olhando com olhos saudosos a fumaça que denunciava o local de seu alojamento. Agora se seguia o emboque do rio Santa Joana que há poucos dias percorremos a cavalo na noite escura. Na sua barra, que avançava por um bom trecho rio Doce adentro, nossa canoa tocou o fundo do rio. A visão dali para cima era encantadora. Linhas de montanhas que se estendiam na horizontal, elevações cobertas de mata, provavelmente constituídas de gnaisse, enfileiravam-se ao longe em lindos matizes cinza. Em primeiro plano as margens do rio cobertas

112 Nome que Alexander von Humboldt e Aimé Bompland haviam também dado à floresta amazônica e, em sentido mais amplo, à Amazônia como um todo (NO).

de mata elevavam-se das correntezas; ilhas pitorescas quase se ocultavam por debaixo das árvores. Nessa época muitas árvores encontram-se despidas da beleza das folhas e eram principalmente as espécies de figueiras (*Ficeae*) que estavam aguardando a chegada da nova folhagem. Elas têm mais um mês de espera pela frente e, então, em outubro, quando começa o período das chuvas, todas estarão novamente ressurgindo no verde das novas folhas. No rio, que se alargava cada vez mais havia muitas ilhas. Algumas araras voavam por cima das nossas cabeças, soltando gritos. Passamos pelo emboque do rio Santa Maria, um afluente que vem diretamente do sul, igual ao Santa Joana. Entre nós e o fazendeiro, Sr. Milagre, que viajou conosco, estabeleceu-se uma interessante conversa sobre as relações dos assentados com os botocudos selvagens. O senhor idoso se queixava muito pelo fato de que o governo estaria do lado dos selvagens. Aos brancos era rigorosamente proibido atacar os botocudos, mas estes podiam atacar desimpedidamente os colonos assentados e massacrá-los, coisa em que não acredito muito. Ele é de opinião que deveria ser permitido atirar nos botocudos e matá-los como se atira em animais na mata. Esse tipo de manifestação, partindo de um dos fazendeiros mais bem considerados da região me serviu de referência para os pontos de vista correntes no país, bem como o sentimento geral contra esses selvagens, os quais, diga-se de passagem, são realmente perigosos¹¹³. Apesar disso, não pude compartilhar desse ponto de vista com o Sr. Milagre. Considerando-se a carnificina horrível e sem piedade praticada em épocas passadas contra esses botocudos relativamente desprotegidos, justamente por parte do governo, apelando-se aos mais diversos meios para eliminá-los, como por exemplo, peças de roupa infectadas com o vírus da varíola e da escarlatina, então as atuais determinações filantrópicas, favorecendo os antigos senhores da terra como sendo um ato de justiça, só podem ser cumprimentadas com alegria e satisfação. Também não se deve esquecer que as relações amistosas ou de inimizade com os selvagens estão nas mãos dos brancos em maior

113 Ehrenreich (*Ueber die etc.*, Zeitschrift etc, XIX, p. 5) até relata que se chegou a discutir se não seria melhor acabar com os indígenas por meio de cachaça envenenada.

ou menor grau e que, se essas pessoas em si bondosas e de vida natural devem ser temidas atualmente, isso os colonizadores devem atribuir a si mesmos¹¹⁴. Além disso, o governo não tem obrigatoriamente o dever de vingar nos botocudos as inimizadas causadas pelo comportamento dos brancos.

Já estava escurecendo quando alcançamos a barra do rio Pancas, afluente que emboca pelo norte e em cujo curso superior se encontra um assentamento maior de botocudos selvagens. Na frente da barra, localiza-se a cabana do negro Soares, onde deveríamos buscar abrigo para a noite. Mas o rio Doce estava com um nível tão baixo que tentamos durante meia hora atracar em terra firme, sem resultado. Finalmente não nos restou outra coisa a não ser atracar num banco de areia e dali passar para uma canoa menor, que felizmente nos levou até a margem. Este último meio de transporte estava com água pela metade e não tinha bancos. Sendo assim, tivemos que nos sentar na borda estreita da canoa, correndo o risco de a qualquer momento perder o equilíbrio e cair de costas para dentro do rio.

Nesse meio tempo havia escurecido completamente e fomos tropeçando entre os troncos de árvores, subindo o caminho desconhecido para a cabana, habitada somente pelo seu dono negro e parecia extremamente miserável. Era uma obra sem portas e sem janelas, com paredes de barro e latas cheias de furos, e um fino teto de palha. O vento, as intempéries e até mesmo o gato da casa, tinham passagem livre pelas paredes. Preparamos o lanche da noite, abrimos as camas de campanha e nos deitamos para descansar. Incansavelmente soava o canto metálico do sapo ferreiro (*Hyla faber* Wied) no silêncio da noite. A chuva caiu sobre nós, passando pelo teto de folhas de palmeiras e ouvíamos cada movimento da cabana. Nessa noite não havia como dormir bem.

114 Veja sobre isso também Haifeld e von Tschudi, *Minas Geraes* (Petermann's Geograph. Mittheil. Ergänzungsheft IX, p.19); Wied, *Reise nach Brasilien*, p. 11, 16 e 63; Ehrenreich, *Ueber die* etc. (Zeitschrift etc, XIX, p. 4); Barboza Rodrigues, *Rio Jauapery. Pacificação dos Crichanás*, p. 126 e Schanz, *Das heutige Brasilien*, 205 e *Ueber die Gutmüthigkeit speziell der Botokuden*, ver Hartt, *Geology and Geography* etc., p. 602.



Figura 18. Jovem botocuda, com base numa foto que eu mesma tirei.

Cabana Soarez – Linhares, terça-feira, 4 de agosto.

Não foi muito difícil nos despedirmos do alojamento noturno, com seus dois únicos e pequenos cômodos, sem nenhuma espécie de conforto. Às 6h45min, descemos novamente todo o caminho de volta para o vale. Sobre o rio havia muita neblina e por isso a paisagem, ao nascer do sol, estava imersa numa bela e impressionante iluminação.

*Auf weiten, stillen, silberblauen Fluthen
Mein Canoe gegen Norden¹¹⁵ lautlos zieht,
Durch Baumeshallen dringen Morgengluthen,
Die frische, dunkle Nacht vom Urwald flieht.*

*Die leichten Silbernebel rings sich heben,
Rings funkelt im smaragd'nem Grün der Thau,
Und rings im Dickicht regt sich Morgenleben,
Geweckt von leichten Brisen sanft und lau¹¹⁶.*

Graças ao fato de que nesse ano chove mais do que em outros, a formação de neblina, que para nós ainda parece ser abundante, está mais reduzida. Normalmente a neblina nessa época do ano sobre o rio Doce se mantém tão densa até um pouco antes do meio-dia que não se pode ver mais longe do que cem passos à frente. Durante toda a manhã, soavam as vozes dos pássaros na mata costeira aos nossos ouvidos atentos, e somente em torno do meio-dia se fez mais silêncio no mundo canoro dos seres emplumados. Pequenos papagaios voavam sobre o rio, numa gritaria de doer os ouvidos. Um pavão (*Pyroderus scutatus Shaw*) arrulhava na vegetação cerrada da mata, um jacu (*Crypturus noctivagus Wied*) deixou o seu chamado apitante soar alto na mata. Anus (*Crotophaga*) andavam em grande quantidade na orla da mata para lá e para cá. Muitas gaivotas, possivelmente da espécie *Tachycineta albiventris Bodd.*, frequentemente encontradas nos rios das florestas do Brasil central, voavam sobre as águas. Numa árvore bem perto da margem, podíamos ver nitidamente um *Rhamphastos dicolorus L.*, tucano de peito vermelho e parte de cima preta, com um enorme bico, medindo quase 10 centímetros. Na mesma árvore observamos uma pomba, com

115 Nossa canoa ia na direção leste.

116 Aus »Guten Morgen! im Urwald« (Kaiser Maximilian von Mexico, *Aus meinem Leben*, VII, p. 269). [Sobre as grandes e silenciosas águas azul-prateadas /Minha canoa segue silenciosamente para o norte. /Através de alamedas de árvores a luz da manhã penetra, /a noite fresca e escura da mata virgem se esvai. /As leves neblinas prateadas se erguem, /de todos os lados, o verde-esmeralda do orvalho faísca, /e na vegetação em volta a vida matutina se agita, por leves brisas despertada de modo suave e tépido].

asas de cor cinza com mescla de marrom, possivelmente mais uma vez uma *Leptopila reichenbachi* Pelz, comum nas matas costeiras. Das muitas capivaras e antas que habitam as margens do rio Doce, nenhuma se mostrou para nós. A mata virgem que acompanha ininterruptamente o rio de ambos os lados não vicejava num verde monótono. Num esplendor indescritível de cores, o mensageiro da chegada da primavera aumentava ainda mais os seus encantos. Catalpas de flores amarelas (*Tecoma speciosa* DC.) se alternavam com árvores de tronco fino e flores marrom-avermelhadas, talvez alguma espécie de *Machaerium*¹¹⁷. Uma planta espiralada (*convolvulacee*) na beleza de suas coroas de flores cor-de-rosa combinava harmoniosamente com o cinza dos entrançados de barbas-de-velho (*Tillandsia usneoides* L.), dos quais havia centenas de exemplares pendentes nas árvores. As folhas involucrais das *Bougainvillea spectabilis* Willd., espécie de cipó, que encontramos em toda parte no rio Doce, haviam tecido, ora aqui, ora ali, uma trama densa de cor azul-avermelhada, esparramando-a sobre as copas de árvores e arbustos. Um ramo de flores brancas, possivelmente uma bignônia, sobressaía do meio da vegetação. Cecrópias estiravam galhos em linha horizontal para dentro dos cipós mil vezes emaranhados da folhagem da mata virgem. E ao longo das margens, nos arbustos e árvores que pendiam por cima do rio, haviam se desenvolvido ramagens pendentes de trepadeiras, tapeçarias fantásticas como as que vimos no Amazonas e que eram de tamanha beleza que, para descrevê-las em sua encantadora abundância, a nossa língua é pobre demais. O paredão da mata se abriu, mostrando uma choça indígena que consistia praticamente apenas de um teto. Dentro da choça havia uma mulher botocuda muito bem nutrida, de cabelos pretos como as penas de um corvo. Logo depois, o indígena botocudo da região do Riacho, cujo prognatismo era marcante, que viajava conosco, foi mandado embora, certamente porque dali chegaria mais cedo em casa. Agora, dos indígenas, só restou o bugre de Mutum. Conduzimos

117 Possivelmente o que a distância considerei serem flores, eram folhas e essas árvores poderiam ter sido as tapicuru, denominadas begnônias, citadas por Wied, *Reise nach Brasilien*, I, p. 347), como aparecendo no Jequitinhonha nessa época do ano.

a canoa para a margem norte, onde se via apenas um grupo de 20 a 30 pequenas palmeiras feias e magras. Esse lugar era evitado devido aos indígenas. Até agora ainda não havíamos visto tantas palmeiras juntas num espaço pequeno na região do rio Doce.

Às 9 horas da manhã, a canoa atracou na margem sul, na Fazenda de Santo Antonio, pertencente a um prussiano. Desde que começamos essa viagem, há cinco dias, foi aqui que reencontramos pela primeira vez uma verdadeira fazenda no meio da mata virgem, ou seja, nos deparamos com um pouco mais de civilização. Mas com as condições civilizadas a nossa aparência não combinava em nada: em virtude da viagem de nove dias, a cavalo e de canoa através da floresta, onde estivemos sujeitos ao vento e a toda sorte de intempéries, e onde nós mesmos tivemos que realizar todo o serviço grosseiro, sem dispor de roupas limpas para trocar, o nosso vestuário tinha tantas cores que, se fôssemos colocados num ambiente da cidade, talvez nos considerassem dignos de esmolas. Nem mesmo as tentativas de limpar o vestuário com cachaça, na falta de outro material, tiveram algum resultado prático. Na fazenda, no entanto, apesar da aparência pouco recomendada, encontramos amistosa acolhida junto aos nossos patrícios alemães. Além do prussiano, viviam ali ainda a sua irmã com o marido, natural de Hamburgo. A casa trazia a marca da limpeza e em tudo lembrava a nossa pátria. Muito atenciosa, a dona-de-casa preparou uma refeição que nos apeteceu muito. Como prato nacional, nos foram oferecidos um assado de paca e raízes de inhame. Por esta última planta entende-se a raiz de inhame-água (*Dioscorea alata* L.), frequentemente cultivada no Brasil como alimento saboroso. Sobre as pacas (*Coelogenys Paca* L.), cuja carne nós já havíamos provado no Amazonas¹¹⁸, pode-se dizer que são animais roedores noturnos alastrados em todo o Brasil, que habitam de preferência as matas úmidas e as margens dos rios, caracterizando-se pelo andar rápido e pelo nado perfeito.

Nossos conhecimentos sobre a natureza foram enriquecidos não somente de forma indireta pela alimentação, mas também por muitas

118 Ver p. 115 do original.

outras informações. O colono nos presenteou com duas mandíbulas de peixes-serra (*Pristis*). Descobrimos que esses peixes são encontrados em grande quantidade e com comprimento de até 1,5 m¹¹⁹ no rio Doce e que a sua carne é comestível, no entanto de qualidade inferior à dos outros peixes de rios desse local. Visto que as duas mandíbulas que nos foram dadas são diferentes na posição dos dentes, devem pertencer a duas espécies diferentes de peixes-serra, se é que a posição dos dentes permite a distinção das espécies¹²⁰. Nesse caso, a mandíbula menor poderia ser atribuída à espécie *Pristis pectinatus* Lath., pois as suas massas coincidem, ao passo que a maior poderia originar-se de um *Pristis perrotteti* Müll. et Henle, cuja espécie é citada como tendo *habitat* em águas doces¹²¹.

Dos animais vivos, vimos um macaco-prego com uma cabeleira que saía muito bonita do couro cabeludo, à semelhança de penteados esnobes. Esse pequeno macaco muito vivaz, que estava amarrado num estrado diante da casa e que se originava da floresta local, parecia ser um espécime do *Cebus variegatus* Geoffr. Ele se comportava de forma manhosa, gritava e chorava por qualquer motivo e também era tão antipático quanto eram simpáticas as espécies de macaco-barrigudo (*Lagothrix*) das baixadas do Amazonas. Os diferentes tipos do pessoal da fazenda, os diversos trabalhadores de cor, não nos interessaram muito¹²². Em direção ao sul, a quatro horas de Santo Antonio, teríamos encontrado um quadro muito mais interessante do ponto de vista etnográfico. Ali existem botocudos trabalhadores num assentamento que pouco foram

119 Nesse dado de tamanho não está inclusa a boca.

120 Günther, *Catalogue of the Fishes in the British Museum*, VIII, p. 436 parece admitir que pela posição dos dentes seria possível distinguir no máximo o *Pristis pectinatus* do *P. antiquorum* Lath. e *P. perrotteti*, enquanto *Costa Fauna dei Regno di Napoli*, III, Pesci, p. 5 diz que a distância entre os dentes é muito variável e não pode servir para determinar a espécie.

121 Veja Müller und Henle, *Systematische Beschreibung der Plagiostomen*, p. 108. A espécie *P. perrotteti* não é citada em parte alguma como aparecendo nos mares dos trópicos. *P. pectinatus* é citada como existindo somente na água doce, mas se uma espécie *Pristis* é encontrada em águas doces, então também não fica excluído o aparecimento de uma segunda espécie.

122 A autora deixa evidente seu desinteresse pelos negros e africanos em diversas passagens, fato notável em se tratando de uma viajante marcada por interesses etnográficos. (N.T.)



Figura 19. Mulheres botocudas.

atingidos pela civilização. Eles usam os discos nos lábios bem à moda antiga que havíamos procurado em vão até agora. A sua vestimenta é mínima e as mulheres carregam os filhos nas costas, acomodando-os dentro de uma alça de fibras. A necessidade de estar pontualmente no local certo para a partida do vapor nos impediu de fazer uma excursão extra até esses selvagens, da mesma maneira que nos impediu de permanecer mais tempo em Mutum.

Só tivemos tempo para dar uma olhada na fazenda de Santo Antonio. Lá são cultivados o café, cana-de-açúcar e um grande pomar de laranjeiras, cujas frutas são dadas aos animais como pasto. Na verdade, demos especial atenção ao processo de fabricação de açúcar desse lugar que, pelo modo primitivo, é um pouco diferente daquele que havíamos visto antes. A calda de cana, ou garapa, extraída pela prensagem da cana entre dois cilindros, é fervida em vários panelões e depois conduzida para vasilhames de cristalização, ou seja, gamelas ou tinas de madeira, com furos no fundo, fechados com pedacinhos de cana. Nessas gamelas, a calda de cana é submetida à pressão vinda do lado de cima, exercida por uma camada de barro, para separar o melaço do xarope.

Depois de vários dias, os furos são destapados, o melaço então separado escoado através dos furos e é processado para produzir cachaça ou aguardente de cana. O açúcar que resta nas gamelas se separa em dois tipos, sendo que o que fica na parte superior é fino e branco e o que fica mais embaixo tem a cor marrom.

Eram quase 11 horas quando retomamos a viagem de canoa, que fora interrompida. Por essa hora, o ar devia estar a 27,5°C e a água do rio Doce, a 25,5°C. A floresta impenetrável que nos acompanhava de ambos os lados ganhou outra feição, tornando-se cada vez mais bela. Nenhuma árvore sem galhos perturbava a impressão do mais completo verdejar e florescer das folhas e flores. Isso nos confirmou que aqui, ao contrário do que havíamos percebido rio acima, as árvores nunca se despem das folhas. Acima do paredão denso da mata, na margem noroeste, surgiu o morro da Terra Alta, na forma de alguns cones bizarros, cobertos de mata. Tucanos gritavam na vegetação densa. Os coqueiros, que aqui eram relativamente raros, finalmente apareceram novamente, embora em baixo número de exemplares. Tratava-se de jeribás (*Cocos Martiana Dr. et. Glax.*), que chamaram a nossa atenção pelos troncos finos e o *habitus* rígido. O rio, que se tornara mais largo, era ornado por muitas ilhas cobertas de mata. Navegamos na direção de um braço muito atraente do rio, que nos levou completamente de volta aos maravilhosos encantos dos paranás do baixo Amazonas. Era a imagem primordial de um igarapé. Uma vegetação muito rica, misturada com coqueiros crescia até as bordas da margem, árvores repletas de cipós se inclinavam de ambos os lados por sobre as águas, formando quadro digno de uma pintura. Desejamos segurar com os olhos essa paisagem encantadora, mas já a canoa deslizava adiante, distanciando-se disso tudo, carregada pelo curso das águas. As expressões paraná e igarapé, sobre as quais queríamos uma explicação da tripulação da canoa, não eram conhecidas deles. São palavras da língua tupi, cuja compreensão e uso nós encontramos em toda a região do Amazonas, onde ainda existem povos da tribo tupi, ao passo que estes já desapareceram da costa litorânea onde nos encontrávamos. Somente alguns nomes geográficos,

como era de se imaginar, e as urnas dos mortos, encontradas no curso inferior do rio e que não podem ser atribuídas aos botocudos, ainda atestam sua existência de outrora. E a canoa seguia adiante. Uma sapucaia (*Lecythis Pisonis Camb.*) esparramava a copa enorme repleta de folhas de um verde-claro em forma de sombrinha; defronte dela, uma gameleira (*Urostigma dolarium Miq.*) igualmente estendia a enorme coroa suportada por galhos finos sobre o paredão de vegetação. Embaixo, na água, havia uma grande quantidade de hastes de cana-do-rio (*Gynerium*) de tamanho surpreendente. Entretanto os famosos jacarandás, conhecidos como existentes nessas matas e que forneciam a madeira para os valorizados mourões, e dos quais estão catalogadas várias espécies de *Dalbergias* e *Machaerias*, são raramente vistos em decorrência dos frequentes abates nas margens do rio Doce, sendo encontrados somente mais para dentro da mata. Ali eles ainda aparecem em grandes quantidades. No entanto, as dificuldades na área do transporte terrestre e fluvial aumentaram em relação a épocas anteriores, reduzindo drasticamente a exportação de jacarandá originado da região do rio Doce, que era insuperável.

Pela primeira vez apareceu uma colônia na margem esquerda do rio. Isso foi para nós o mesmo que chegar perto de zonas mais civilizadas, pois enquanto descíamos pelo rio Doce, nenhuma choupana indicava a presença de cultura, mesmo a mais primitiva, no lado norte do rio. Tratava-se da área ainda não contestada dos selvagens botocudos, ao longo da qual remamos e onde até agora, graças a tais selvagens, nenhuma colônia não indígena pôde se estabelecer. Não se sabe por quanto tempo – então também aqui o colono trabalhador avançará e desalojará os autóctones, que andam a esmo e sem parada em suas matas, procurando em vão por um lugar onde possam deitar as cabeças cansadas para descansar.

Entramos novamente num braço do rio. A ilha das Palmas ficou à nossa direita. À nossa esquerda localizava-se a margem norte, no desemboque da lagoa das Palmas que não ficava muito longe dali. Além dos altos coqueiros chamados jeribás (*Cocos Martiana Miq.*) já por nós conhecidos, cresciam aqui também as palmeiras buri (*Diplorhynchium*

caudescens Mart.) bem mais baixas. Bugios (*Mycetes ursinus* Wied), que são denominados aqui tanto de barbados como de bugios, urravam bem alto na mata. Um jacaré de tamanho médio estava deitado na água e um pouco mais abaixo havia mais um, deitado na parte seca. Mais tarde vimos um terceiro desses animais antipáticos e perversos, que não demonstravam a mínima reserva em relação a nós. Um casal de araras de maravilhosas penas vermelhas e azuis (*Arara chloroptera* G. R. Gr.) passou em voo pesado e lento. Ouvimos novamente o arrulhar do pavão (*Pyrodeursscutatus* Shaw) vindo de dentro da mata.

O rio Doce, que se encontra justamente na época da vazante, já que o seu nível começa a aumentar somente em outubro, com as chuvas mais frequentes, estava tão baixo que continuamos a viagem na canoa sem quilha. Não entendíamos a vontade da população ribeirinha de obter conexão com um vapor. De qualquer modo, um barco a vapor só poderia fazer a travessia na época das enchentes, ou seja, durante alguns meses do ano. Pelas tentativas até agora feitas, parece que as viagens realmente se restringem a esse curto período. Mesmo assim, as pessoas teimam em contar com a possibilidade de uma navegação permanente com barco a vapor¹²³. Também o nosso caroneiro, Sr. Milagre, proprietário de uma grande fazenda de café em Guandu de Baixo, defendeu calorosamente as desejadas viagens de barco a vapor, ao mesmo tempo em que usava palavras bem duras sobre a falta de atendimento por parte do governo, no que se refere ao desenvolvimento da navegação pelo rio Doce. Da mesma forma como na questão da navegação, os moradores daqui esquentam cabeças com a construção de uma estrada de ferro até o rio Doce, dando ouvidos até aos boatos mais incríveis. Por isso, na nossa cavalgada ao Espírito Santo, nós duas fomos consideradas engenheiros usando roupas de mulher, que teriam vindo para inspecionar o terreno e estudar as condições do local. Eles pensavam que era por demais ousado que mulheres fizessem uma viagem tão dificultosa ape-

123 Um tráfego desse tipo, sem interrupções periódicas, seria possível no máximo por meio de muito trabalho de dragagem, para a qual deve ser muito difícil angariar todo o capital necessário.

nas motivadas pelo interesse no país e nas pessoas. Mas isso pode ser explicado pelo costume das mulheres brasileiras de levarem uma vida sem grandes estímulos intelectuais, vivendo numa indolência oriental.

À tarde, os remadores acenderam uma fogueira sobre uma base de areia no chão de madeira da canoa e assaram¹²⁴ bananas em banha de porco para si e para nós. Mais tarde paramos na margem norte, num assentamento de colonos luso-brasileiros que tinham um moinho de cana-de-açúcar movido por bois constituído de cilindros verticais, ou seja, era uma construção antiga. Depois de uma curta parada, continuamos a viagem em direção ao vale. Passamos pela embocadura de um pequeno rio de águas muito escuras que vinha do norte, da famosa e bela lagoa de Juparanã-mirim. Esse riacho era uma via navegável muito bonita, estreita e cercada de mata, semelhante aos igarapés. A noite já se aproximava e o ar se tornava bem fresco, considerando-se as condições tropicais. Vimos à distância, ainda à luz do dia, o povoado de Linhares localizado numa elevação, mas chegamos lá somente às 7 horas, quando já era noite fechada. E foi assim que terminou o segundo dia da nossa interessante viagem de canoa. Hoje percorremos uma distância de 86 km; ontem, desde Tatu, foram 63.

Linhares - Regência, quarta-feira, 5 de setembro.

Em Linhares fomos acolhidos na casa de comerciantes brasileiros, cujas condições não correspondiam em hipótese alguma ao conceito de conforto, mas assim mesmo a acomodação foi bem melhor do que nos últimos pernoites. Como o número de camas era insuficiente, abri a minha cama de campanha que, como já foi mencionado anteriormente, consiste apenas de uma lona estendida sobre uma alta armação de me-

124 A autora deve ter se enganado, as bananas devem ter sido fritas com um pouco do óleo da banha de porco. Elas não foram exatamente assadas (NO).

tal. O mais interessante em toda a casa era uma mulher indígena. Ela usava os cabelos lisos e pretos penteados para trás e, por isso, o seu tipo mongoloide ficou visível, como na maioria dos integrantes de sua tribo, nos quais vimos esse tipo de penteado. Visto que fomos acolhidos pela família toda e convidados a tomar parte nas refeições, não podíamos dispor livremente do tempo. Isso também nos impediu de ir ver a lagoa de Juparanã, uma das maiores lagoas do Brasil, localizada a 5 km dali. Segundo estimativas, a lagoa mede 32 km de comprimento e 6 a 9 km de largura¹²⁵, é profunda e cercada de mata e se situa no meio de elevações terciárias. Ela possui não somente uma grande riqueza em peixes e caramujos de rios (*Unio*), mas também, no mínimo, duas espécies de tartarugas. Logo acima de Linhares emboca o rio Juparanã, o seu efluente, atravessado por um desfiladeiro estreito, profundo e serpenteado e com um caráter poético típico dos igarapés.

Linhares, onde fomos passear na parte da manhã, é uma pequena vila humilde que surgiu de uma antiga aldeia de botocudos. Ela consiste apenas de algumas dúzias de casebres feios, cobertos com telhas, e pitorescas cabanas de barro com teto de palha. As casas, todas de um piso somente, são cercadas em três lados por um gramado enorme e ermo. Embelezando esse gramado e em suas proximidades, encontramos pequenas papilionáceas de flores cor-de-rosa, o *Desmodium adscendens* DC. Juntava-se a estas, com suas flores cor de púrpura, a *Vernonia scorpioides* var. *subrepanda*¹²⁶ Pers., erva composta de vários princípios ativos, da qual conhecemos outra variedade nos campos próximos. A terceira planta em floração que coletei no meu herbanário foi a erva-de-macaé (*Leonurus sibiricus*), planta labiada e selvagem introduzida no Brasil¹²⁷. Chegando às margens do rio Doce, nos orientamos quanto à localização de Linhares. Essa localidade se situa num barranco argiloso, uma

125 As medidas do comprimento e da largura da lagoa são informadas de modo diferente nas diferentes obras.

126 A *V. subrepanda* Pers., definida na *Flora brasiliensis*, VI, 2, p. 101 como sinônimo da *Vernonia scorpioides* Pers., deveria ser separada da forma original *V. scorpioides*.

127 Também denominada de pequena marijuana. Essa planta não tem nada a ver com outra espécie, atualmente conhecida como marijuana, a *Cannabis sativa*.

ramificação da grande área terciária que se estende ao norte do rio. Do ponto mais externo que sobressai do rio Doce, pode-se ter uma visão maravilhosa rio acima e rio abaixo. Margens de aluvião enterradas pela mata cercam o rio, cuja superfície se encontra repleta de ilhas baixas cobertas de mata. Pensamos estar de volta ao baixo Amazonas. Somente o jovem botocudo que se quedava à toa nas margens da água nos lembrou que estávamos a centenas e centenas de milhas distantes do rei dos rios. Vendo esse jovem, também nos lembramos de que bem próximo daqui, ou seja, logo atrás da margem oeste da lagoa de Juparanã começa o território dos selvagens botocudos, a terra incógnita dos brancos. Esse jovem de cor escura tinha a mesma cabeleira vasta do nosso remador botocudo, e também ele, de modo semelhante à maioria dos jovens indígenas, andava sem nada na cabeça mesmo com um sol escaldante, pois sua boina de pelos naturais o protegia suficientemente dos raios.

No decorrer da manhã, saímos de Linhares, pois esta é insalubre e tem a fama de ser transmissora da malária. Se ainda quiséssemos chegar ainda hoje a Regência, também chamada de Barra do Rio Doce, teríamos que percorrer mais 48 a 50 km de canoa. No início navegamos ao longo da margem esquerda. No curso inferior do rio, a floresta exibia uma riqueza muito maior em coqueiros do que no curso superior. Mas como a mata tem aparência mais bela nos lugares onde se encontram misturados coqueiros e folhas de árvores, a paisagem desse lugar era muito mais atraente do que aquela que havíamos visto nos últimos dias. Diversos coqueiros (*Cocos Martiana Dr. et Glaz.*) com folhas em leque muito densas, bem como patis (*Cocos botryophora Mart.*)¹²⁸, de troncos mais finos do que os primeiros, ansiavam graciosos pelas alturas. Sobre as águas estavam inclinados palmitos de troncos esbranquiçados (*Euterpe edulis Mart.*), cujo cerne jovem fornece o conhecido palmito. Muitas cecrópias (*Cecropia*), árvores do bicho-preguiça, que aqui no Rio Doce não tinham o lado inferior das suas folhas aveludado e se diferenciavam

128 Aqui o coqueiro *Cocos botryophora* era chamado de pati pelos nativos. Karl Frank os havia designado pelo nome de patioba. Veja acima p. 335 do original. Também em *Flora brasiliensis*, III, 2, p. 409, são mencionados esses dois nomes vulgares para o coqueiro *C. botryophora*.

muito, por isso, das outras espécies de cecrópia que vimos em outros lugares, se sobressaíam no meio das muitas outras árvores de folhas caducas. A cana-de-rio (*Gynerium parvifolium* Nees ab Esenbeck) crescia bem alto em torno das margens e plantas trepadeiras enrolavam-se de galho em galho, formando ramagens fantásticas. Muitas terras caídas, ou seja, barrancos desmoronados por erosão, formavam belíssimos quadros. Árvores estavam caídas na água, muitas delas ainda com as folhas, outras apenas com os galhos secos apontados para fora. Esses gigantes da mata assim tombados, que às vezes ainda se encontravam presos por cordas de cipós, haviam arrastado consigo todo um mundo de cipós e epífitos para a destruição. Ninhos de xexéus, ou japins, que tinham a forma de cestinhas e que não havíamos mais visto desde o Amazonas, pendiam nas extremidades dos galhos isolados que ainda se encontravam fora da água. Conseguimos pegar um deles. Eles mediam 14 cm de largura e apenas 30 cm de comprimento e, sendo assim, eram menores do que os *Cassicus persicus* L., que havíamos coletado na ilha das Onças e que tinham largura de 18 cm e comprimento mínimo 55 cm. Eles haviam construído a entrada do ninho mais para cima e o material de construção era mais escuro e mais fino do que o daqueles. Os ninhos consistiam de folhas não muito longas, rígidas e retas como as folhas de grama, assim como os primeiros ninhos coletados, mas eram, na sua maior parte, feitos de hastes e folhas da *tillandsia usenoides* L. Um anu coroya (*Crotophaga major* Gm.), um devorador de insetos, de cor azul-escura magnífica, passou voando lentamente. Algumas *Rhamphocoelus brasilius* L., encantadoras tanagrides nas cores preta e vermelha davam vida às margens do rio. Muitos bem-te-vis, que pelo seu modo de aparecimento eram *Pitangus lictor* Licht, voavam para lá e para cá pela orla da mata. Na água havia uma capivara morta, presa por uma árvore caída. Este foi o único dos animais deste tipo de roedores que encontramos nesta região tão rica.

Ao meio-dia, a temperatura ambiente era de 31,5°C, e a da água, 26,6°C. Depois do meio-dia, apareceram novamente crocodilos¹²⁹, como ontem. Primeiro apareceu um jacaré de médio porte, que

129 Naturalmente a autora enganou-se, o correto seriam jacarés. (NO)

pela sua cor cinza considerei como um exemplar jovem do *Caiman latirostris* Daud, que chega a medir 2 a 3 m de comprimento e habita os rios do leste brasileiro, principalmente as águas mais tranquilas. Não é um animal temido. Ele estava estirado em todo o seu comprimento sobre o tronco de uma árvore morta na água e parecia tão cinzento e coberto de pó quanto a base sobre a qual se encontrava. Remamos em direção ao animal e ... *platsch*, ele se deixou cair no rio para fugir de nós, desaparecendo na correnteza. Logo depois apareceu na margem oposta, igualmente descansando sobre o tronco de uma árvore, um segundo animal, que não se sentiu perturbado em seu sono pela nossa presença. A sua cauda tinha listras transversais escuras, um desenho que lembrava mais ou menos as duas espécies de crocodilos de médio porte que vivem na costa leste, a espécie *Caiman latirostris* Daud., semelhante ao *Caiman sclerops* Schneid nos primeiros anos de vida. Não muito tempo depois disso, vimos um terceiro jacaré deitado na água turva, deixando aparecer apenas o focinho horrível.

Julgando pela vista, o rio tinha a mesma largura que a do Reno muito abaixo de Colônia. Mas ele não dava a impressão de tamanho extraordinário, pois o volume das águas não era muito grande. Bancos de areia e toda espécie de buracos enchiam o leito do rio. Navegamos em todas as direções para conseguir passar pelas águas profundas. Mesmo assim, a canoa seguidamente tocava o fundo e, muitas vezes, se erguia. Nosso pessoal teve que pular na água para deixar a canoa mais leve e nos empurrava quando a via de navegação era adequada, abrindo caminho com o facão através da vegetação que pendia por cima. Quando a canoa encalhava, geralmente só podia ser solta mediante aplicação de todas as forças disponíveis. Temerosos, vimos as horas irem se escoando, temendo que essas paradas repetidas atrasassem a nossa chegada ao destino previsto em tempo hábil. Mas ao mesmo tempo, aumentavam as nossas dúvidas sobre a possibilidade de uma viagem de barco a vapor num rio de tão pouca profundidade.

Numa das ilhas de areia, passeava um “anunciador de chuva” (família do quero-quero e das batuíras), chamado de soldado. A sua parte inferior era branca, o dorso preto, tinha uma tira preta semelhante

a uma gravata em torno do pescoço e pernas vermelhas como zinabre. Pela coloração, pelo padrão de desenhos e seu modo de aparecimento, penso que esse pássaro seja um *Hoploxypterus cayanus* Lath. Na mata gritava um mutum (*Crax carunculata* Temm.), entretanto a mata propriamente dita estava silenciosa. Raramente se ouviram os sussurros da mata, geralmente ela se encontrou em profundo silêncio, apenas os animais que ali vivem são barulhentos. Novamente apareceu diante de nós um jacaré e dessa vez, pela sua cor amarelo-acinzentada, era sem dúvida um caimã ainda não bem desenvolvido (*Sclerops* Schneid.)¹³⁰. Ele estava deitado ao sol, um pouco enviesado sobre um tronco de árvore que entrava no Rio Doce. Remamos até bem perto dele que nos olhou meio de lado, virou-se um pouco para nós, moveu lentamente a cauda escamosa e somente depois deslizou para dentro do rio, nadando para longe dali, quando o incomodamos muito com gritos e batidas de remo. Nunca antes disso eu teria gostado tanto de enfiar uma bala num animal como agora, nesse que nos olhava de modo tão descarado.

Grandes e pequenas bromeliáceas em forma de rosetas se encontravam nas árvores perto das margens do rio. Muitos outros epífitos de hastes longas, que considereei serem filodendros, pendiam da ramagem de folhas da mata. Uma pequena ilha, à semelhança de várias ilhas do Amazonas, estava coberta unicamente de cecrópias, cercada de um cinturão de cana. Mais ou menos uma hora antes do emboque, o labirinto de ilhas acabou e, da mesma forma, a bela e abundante mata. O rio, agora sem nenhuma ilha, parecia ter mais de 2 km de largura. O que acompanhava o rio de ambos os lados ainda era mata virgem, no entanto, uma mata feia, com árvores baixas que não eram enfeitadas por cipós. Do sudeste já se ouvia o forte murmúrio do mar, mas a vista do oceano ainda estava oculta por uma orla de vegetação esverdeada. Apareceram

130 A espécie *Caiman sclerops* Schneid é o único jacaré brasileiro descrito como sendo predominantemente amarelo ou amarelado, e essa é a sua cor quando jovem. Veja Gray, *Catalogue of the Tortoises, Crocodiles and Amphisbaenians*, II, p. 26. *The Annals and Magazine of Natural Hist.*, X, p. 329. *Transactions of the Zoological Society of London* VI 165. Boulenger, *Catalogue of the chelonians, rhynchocephalians and crocodiles in the British Museum*, p. 295.

as primeiras aningães, ou seja, as pequenas matas de *Montrichardia linifera* Schott (arruda), características da vegetação de banhados litorâneos. O cruzamento das diferentes correntes tornou-se bem nítido, a água respingava diretamente para cima, formando ondas pontudas.

Atracamos na margem direita, em Regência, um vilarejo formado somente por algumas cabanas cobertas de palha. Uma das cabanas é totalmente de palha, a maioria delas tem paredes de barro e somente algumas têm muro. Nós abandonamos a canoa que o indígena botocudo deverá levar de volta para Mutum; para o trajeto rio abaixo levamos três dias, ele levará três semanas para retornar rio acima. Uma casinha vazia do agente da companhia de navegação foi-nos designada como abrigo. Ela é de piso único, praticamente não tem nada no interior e permite a passagem do vento em todas as direções. Coqueiros (*Cocos nucifera* L.) que dão frutos durante todo o ano farfalhavam nos arredores e se encontram aqui em toda parte, protegendo com a sombra as casinhas isoladas. Só pelo fato de estarem ali, eles indicariam que estávamos perto da orla marítima, se já não tivéssemos visto o mar levantando a espuma branca atrás da barra.

Para o jantar tivemos que ir à casa onde morava o agente. No pátio encontramos um macaco da mesma espécie daquele que havia na fazenda de Santo Antonio, ou seja, tratava-se de um *Cebus variegatus* Geoffr. que, no entanto, era um pouco mais comportado do que seu irmão da colônia alemã. Estando na casa, recebemos de presente vários exemplares de *Eumolpus fulgidus* Oliv, besouros muito bonitos, crisomélios brasileiros de cor verde-dourada (*Chrysomelidae*). O agente, um homem jovem muito agradável, instruído e com uma família numerosa, apresentou-nos o mate. Esse é um tipo de chá feito das folhas da erva *Ilex paraguayensis* St. Hil. e várias outras espécies de ilicíneas. Quase parecia um chá chinês. A sua preparação consiste em colocar as folhas, cujo tamanho é um pouco menor do que as do nosso azevinho, num prato, polvilhá-las com açúcar e então cobri-las com brasa. Quando as folhas estão aquecidas, são largadas em água quente e depois de algum tempo coadas, resultando disso uma bebida. Nas províncias de Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as matas

são exploradas na busca de folhas de ilicíneas próprias para o mate. O Paraná reivindica para si um terço de toda a produção de erva-mate do Brasil. A exportação de erva-mate, principalmente para o Chile e a Argentina, foi superior a 20 milhões de quilos entre 1886-1887, perfazendo um valor de 9 a 10 milhões de marcos¹³¹.

Regência - A bordo do Rio São João, quinta-feira, 6 de setembro.

No nosso alojamento noturno de hoje, as galinhas entravam e saíam tranquilamente pela janela e uma delas botou um ovo num tanque que havia ali. Visto que o vapor que estávamos esperando e que devia nos levar para Vitória ainda não havia chegado pela manhã, fizemos um passeio de reconhecimento pelo povoado e redondezas. No local não encontramos nem igreja, nem capela, mas uma escola, o que é raridade, considerando região tão afastada. Acontece que nessas regiões até pode ser encontrada uma escola, mas falta o principal, ou seja, o professor.

Entre os moradores de Regência havia um indígena, mas também não faltavam os negros. Com os negros, ou melhor dizendo, com um garoto de seis anos, aconteceu uma cena engraçada. Quando eu me encontrava parada na rua, segurando a rede e observando o menino para estudar o seu tipo, olhando-o com mais atenção, ele foi tomado de um tal pânico que se virou no mesmo momento, correndo para longe dali como um afugentado, gritando e olhando de tempos em tempos para trás, para ver se já havia escapado do suposto perigo. E foi assim que vi o negrinho correndo afobado, até que o fim da rua o libertou dos meus olhares. Toda essa cena foi causada provavelmente pelo meu instrumento de capturar insetos, que deve ter parecido ao garoto um indecifrável instrumento mortal.

131 Anna Nery. *Le Bresil en 1889*, p. 256-257. Levasseur. *Le Bresil*, p. 66. Ver também Luus. *Climats, geologie, faune et Geographie botanique du Bresil*, p. 563 e Martius, *Flora brasiliensis*, XI, 1, p. 62 e seguintes 75-76.

A região de Regência era plana e erma, um deserto de areia sem graça, com vegetação baixa e alguns coqueiros. Na areia cresciam zínias (*Zinia multiflora* L.) propagadas desde o México ou trazidas de lá, bem como ervas em estado selvagem. No mesmo terreno se desenvolvia a papoula-de-espinho, ou cardo-santo, originária da mesma pátria de seu nome (*Argemone mexicana* L.), com flores grandes e folhas espinhentas, a única espécie de *Papaveraceae* que ocorre no Brasil. O chão arenoso era coberto por *Turnera odorata* Rieh., ervas de flores amarelas com folhas dentadas. A vegetação das pequenas poças de água era composta de *Limnanthemum Humboldtianum* var. *parvifolium* Gris., erva da família das gencianáceas¹³² de flores brancas. Nos locais de banhados, encontramos a *Jussiaea octonervia* Lam., ou mão-de-sapo, uma erva da ordem *onagrae*, alastrada até o sul da América do Sul. E mais para perto da praia, uma bela *Vinca rosea* L. nos acenava, a única espécie de vinca que floresce o ano inteiro encontrada no Brasil¹³³.

Às 13 horas, finalmente o tão esperado vapor de rodas entrou no rio Doce, um navio miserável, muito menor do que os vapores de passageiros que navegam pelo *Bodensee*¹³⁴. Embarcamos nesse navio e meia hora mais tarde já estávamos saindo do rio Doce. Esse rio corre na direção sul até o mar e atualmente tem dois emboques, um mais ao sul, com 1,5 m de profundidade e mais ao norte, com 2,6 m¹³⁵.

Com certo temor, vimos a iminente passagem pela famosa barra. Essa barra é uma das piores de toda a costa leste do Brasil. Muitas vezes os navios não podem sair, nem entrar nesse rio durante semanas, até meses. Para navios maiores, a entrada é possível na maré alta, aliada ao vento sul. Mas para vapores menores, a saída é arriscada se o vento vier na direção contrária. Muitos navios já se perderam na tentativa de

132 Também conhecida por aguapé da flor miúda, aguapé, soldanela-d'água, mururé. (NT)

133 Todas as plantas aqui citadas eu colecionei para o meu herbanário.

134 Lago de Constança (NO).

135 Silva Coutinho, *Navegação do Rio Doce*.

atravessá-la¹³⁶. Da parte brasileira, não se admite de bom grado o perigo dessa barra. Mas as nossas experiências pessoais nos convenceram de que os relatórios não brasileiros sobre esses perigos estão muito bem justificados. O nosso pequeno navio a vapor teve que forçar a passagem através de uma ressaca agitada, da altura de uma casa. Ele rolava, balançava, gemia e emitia todo tipo de ruídos indescritíveis. Ora a proa se levantava bem alto, ora uma das rodas girava sobre nossas cabeças no ar, ora pensávamos que a quilha se soltaria por falta de água no meio de todas essas ondas, no momento seguinte pensávamos que soçobraríamos, de tanto que o navio se virava para os lados, e por fim tínhamos a impressão de que essa frágil coisa se despedaçaria de tanto ser jogada para todos os lados. Na fúria selvagem dos elementos agitados, a voz tonitruante do capitão, na maioria das vezes, nem era ouvida. Como doidos, os marinheiros corriam para ajudar onde era mais necessário, e um deles, jogado no chão, gemeu alto, dizendo que a saída hoje estava muito ruim. Estávamos sentados no convés e nos segurávamos com todas as forças para não cairmos para fora do navio. Isso tudo levou alguns temerosos minutos, durante os quais a escuma nos envolvia, respingando alto para cima. Depois disso, o pequeno e corajoso navio superou a luta para atravessar a barra e navegou orgulhoso por sobre o mar calmo, consciente de sua vitória.

O que acabamos de vivenciar foi a saudação de despedida do rio Doce.

136 Ehrenreich, *Land und Leute am Rio Doce* (Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin XIII, p. 96). Hartt. *Geology and Physical Geography of Brazil*, p. 102-104.

Costa do Espírito Santo

Porto de Santa Cruz,
sexta-feira, 7 de setembro.

A nossa viagem de ontem foi num navio rebocador que levava a bordo madeira de jacarandá proveniente da mata virgem do rio Doce. Ao contrário de outros dados¹³⁷, disseram-nos que, além do café, a madeira do jacarandá seria o produto de exportação principal do rio Doce.

A viagem de navio, pelo menos no início, não nos oferecia muita paisagem. Navegamos por uma costa bem plana, fechada pela mata, ao longo da baixada desabitada e cheia de banhados e lagos, que se estende entre o desemboque do rio Doce e do rio Santa Cruz. A essa costa chegam grandes tartarugas marinhas, que possivelmente se originam das variadas espécies da costa leste do Brasil. A espécie que mais aparece nesta região é a cauana (*Thalassochelys caretta* L.)¹³⁸, que pode chegar a 1,25 m de comprimento e da qual tanto a carne quanto os ovos servem de alimento.

Depois de viajarmos algumas horas, apareceram alguns picos de montanhas por detrás da mata na linha costeira. Ao anoitecer, nos aproximamos de Santa Cruz, vila formada por uma aldeia missionária, cujos habitantes possivelmente ainda hoje são na maioria indígenas. Essa pequena mancha situada perto da costa consiste de apenas poucas casas caiadas rodeadas de muros. Logo atrás das casas, há uma pequena elevação coberta de mata, por onde o rio Santa Cruz serpenteia saindo de um desfiladeiro. Bem ao fundo, sobressaem montanhas das margens do rio.

O pequeno vapor costeiro atravessou a barra, que só permite a atracação de navios de pouca profundidade e ancorou. Aqui existe um ancoradouro bem protegido, com 9 a 10 m de profundidade, no entanto ainda se percebe bem claramente o fluxo das marés. O rio Santa Cruz,

137 Ver p. 366 do original

138 Hartt, *Geology and Physical Geography* etc, p.107.

onde nos encontramos agora, é um rio costeiro de pouca importância. Não é muito extenso e é formado pela junção dos rios Piraquê-assu e Piraquê-mirim um pouco antes do desemboque.

A noite se fechou e não parava de chover. Permanecemos a bordo do nosso pequeno *Rio São João*, onde nós duas ocupamos a única cabine separada. Além desta, existe somente o modesto refeitório, em cujas paredes se encontram os beliches para os homens. Exceto num vapor turco, eu nunca havia encontrado em nenhum outro lugar condições tão estranhas. O fato de dois porcos serem os hóspedes constantes e tolerados no refeitório dá uma ideia da calma reinante a bordo.

Durante toda a noite permanecemos atracados calmamente diante de Santa Cruz e da mesma forma vamos ficar aqui hoje todo o dia e também a próxima noite. Temos que carregar café. Mas como hoje é um feriado político, o dia da Independência do Brasil, não se trabalhou durante o dia. Sentimos isso como profunda e amarga perda de tempo, realmente uma prova de paciência.

Para pelo menos preencher nossa permanência forçada em Santa Cruz com alguma coisa útil, pisamos em terra de manhã bem cedo para procurar moluscos de água salgada e outros bichos do mar. Também nos ocupamos do mesmo modo na parte da tarde. Dos moluscos, conseguimos capturar o *Murcx (Haustellum) Senegalensis Lam. Var. Brasiliensis Sow.*, a delicada *Oliva (Olivella) parvula Mart.*, a *Columbella (Pygmaea) mercatoria L.* e a *Natica (Mamma) mammillaris Lam.*; esses três últimos também aparecem na Índia Ocidental; também capturamos o *Conus (Leptoconus) emarginatus Rv.*, encontrado tanto aqui como nas tranquilas águas do oceano; também o engraçado e bastante raro *Pileopsis (Capullus) intortus Meusch*, a *Neritina (Vitta) virgienea L.*, que aparece em enormes quantidades e em todas as cores e desenhos, além do *Pachypoma imbricatum Gm.* Essas 3 últimas espécies chegam até o norte e o oeste da Índia; a elegante *Fissurella patagonica Orb.* e a *Bulla striata Brug.*, um caracol tipo concha, que consta como também existente no Mar Mediterrâneo e que aprecia as águas salobras e os desemboques de rios, do mesmo modo como as demais espécies de seu gênero. Dos mexilhões (conchilíferos) (*Lamellibranchiata*), colecionamos o *Tagelus gibbus Sopl.*, muito difun-

dido nas costas do Atlântico, característico das barras dos rios americanos; a *Tellina (Peronaeoderma) punicea* Born, de cor rosa púrpura, que igualmente aparece na costa oeste da América do Sul; a *Strigilla canaria* L., semelhante ao mexilhão recém-citado no que se refere ao local de seu aparecimento e à sua cor; o *Cardium (Trachycardium) muricatum* L., encontrado tanto no Rio quanto nas Antilhas; e finalmente as *Ostrea rhizopoda* Gld., encontradas comumente junto às raízes do mangrove¹³⁹. Por entre os moluscos andavam grandes camarões (*Brachyura*) e havia fragmentos de caranguejos solitários (*Pagurus*), pedaços de tubos calcários de serpulídeos e de ouriços-do-mar da família dos *Echinometriden*¹⁴⁰. Também madréporas estreladas (*Astraeacea*) não faltaram, representadas pela espécie muito interessante encontrada com frequência entre Cabo Frio e Pernambuco, a *Favia conferta* Verill, que, juntamente com quatro outras espécies de madréporas formam os recifes de corais da costa brasileira¹⁴¹. Não somente a nossa coleção de zoologia, mas também o nosso herbanário foi enriquecido com isso. Na areia úmida da margem, havia três tipos de plantas trazidas pelo mar, da classe *Florideae*, a alga gelatinosa *Gelidium corneum* Hudson (alongada como um chifre), a *Gracilaria confervoides* L., de cor púrpura e frequentemente também encontrada no Mar Mediterrâneo, bem como o *nitophyllum laceratum* Gm¹⁴²., folha maravilhosa de cor vinho. No território, nas partes secas da margem, cresce o *Stenotaphrum glabum* Trinius, grama adocicada encontrada ao longo de toda a costa brasileira, bem como uma espécie semelhante à *Vellosia graminea* Pohl, possivelmente uma espécie nova de *Vellosia*¹⁴³.

139 Árvore. (NT)

140 Esses fragmentos de ouriços do mar que eu trouxe junto pertencem possivelmente à espécie dos *Strongilocentrotus*, mas mais provavelmente à primeira espécie citada *Echinometra*, da *Echinometra subangularis* Desml. Isto também estaria de acordo com o que eu observaria posteriormente em ouriços-do-mar vivos que encontrei no mesmo lugar.

141 Compare Verrill, *Notes on the Radiata* etc. (Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences, 1, p. 355).

142 Um tipo de alga vermelha. (NT)

143 Canelas-de-ema (tipo de planta). (NT)

Depois do passeio matinal à praia, fomos à igreja Nossa Senhora da Penha para assistir a uma missa. Encontramos literalmente uma igreja de emergência, pois a casa de Deus consistia unicamente de uma sala miserável com um altar pobre e muito feio. O sacerdote que celebrou a missa, que visitamos mais tarde, era um italiano, dos quais existem muitos no clero brasileiro. Conversamos durante longo tempo em seu idioma pátrio sem que ele se apercebesse disso. Como ele possivelmente nunca mais tivera oportunidade de ouvir o seu idioma, respondeu as nossas perguntas por muito tempo em português, o que mais uma vez nos comprovou quão rapidamente os imigrantes romanos não portugueses se acostumam com o idioma do país¹⁴⁴. Foi dele e de outros moradores amáveis de Santa Cruz que recebemos como presente vários tipos de conchas para complementar a nossa coleção.

Às 10h30min empreendemos uma cavalgada de quatro horas, primeiramente ao longo da costa, na direção sul, e depois para o interior do território, em direção oeste. Na beira do mar, duas mulheres indígenas estavam ocupadas pescando lagostas de chifres longos, das quais existem duas espécies no Brasil, *Panulirus echinatus* Smith e *Panulirus argus* White. Também ouriços-do-mar grandes e escuros, possivelmente *Echinometra subangularis* Desml., comuns na costa brasileira, eram objeto de pesca dessas mulheres. Expostas pela ação das marés se elevavam rochas estranhamente decompostas pelo tempo. A restinga, a flora que cresce em terrenos arenosos, distendida entre a vegetação da margem de areia e a mata virgem, se caracteriza pelos cactos de coluna (*Cereus*) e pelos cactos da classe *Opuntia*, de altura superior à de um homem e por grandes bromélias terrestres, chamadas pelos nativos de gravatás. Um pouco mais para o interior do território elevavam-se, acima da mata emaranhada, algumas árvores mais altas e palmeiras; estas nos comprovaram que aqui já ocorria uma transição para outro tipo de flora. Em algumas árvores havia enormes barbas-de-bode (*Tillandsia asneoides* L.), em outras, grandes bromélias em forma de rosetas e outros epífitos com flores vermelhas. Ramagens com flores lilases, provavelmente begônias,

144 Compare ao que foi mencionado na p. 322 do original.

alegravam os nossos olhos. O solo estava coberto por flores lilases, possivelmente melastomáceas, bem como lindas flores vermelho-amareladas, que me pareceram ser semelhantes ao *sedum*. Provavelmente se tratava de *crassulaceae* da classe *Tillaea*¹⁴⁵. Nas proximidades da mata ciliar só havia algumas roças e capoeiras isoladas, mas mais para o interior o seu número era maior. Alguns sítios, cabanas de barro com moinhos de cana, que no momento não estavam operando, interrompiam a mata. O trecho seguinte da mata ciliar consistia de mata mais alta com palmeiras e trepadeiras, porém mais escassas e, em algumas partes, até inexistentes. Entre esse trecho e a mata virgem próxima havia um terreno pantanoso coberto de plantas aquáticas, sobre o qual vojavam piaçocas, ou jaçanãs (*Parra jacana* L.). Desde o Amazonas não havíamos mais visto esse tipo muito bonito de jaçanãs com esporões. Tanagrídeos¹⁴⁶ de cor vermelho-escarlata (*Rhamphocoelus brasilius* L.) voavam para lá e para cá por entre as ramagens e os anu-guassú, ou Anus coroya (*Crotophaga mayor* Gm.), deixavam suas belas penas de cor azul-escura brilharem à luz do sol. Inúmeras borboletas se alegravam com o dia maravilhoso. Havia a espécie *Heliconius Phyllis* Fabr., que chamava a atenção pelas asas estreitas, outra de asas bem grandes, talvez a *Megajura Pelcus* Sulz, e outra com desenhos largos nas cores preta, branca e azul-avermelhada, possivelmente a *Papilio Ascanius* Cram.

Finalmente alcançamos a meta da excursão, um sítio num lugar elevado e muito bonito. A perspectiva que se abria à nossa vista era muito atraente em meio à solidão reinante nessa paisagem. Os arredores da pequena propriedade tinham o aspecto semelhante ao de um prado montanhoso. Pequenas papilionáceas de flores cor-de-rosa, a *Desmodium adscendens* DC., e malváceas, o malvavisco da Índia (*Sida rhombifolia* L.) com folhas romboides largamente espalhadas embelezavam a campina¹⁴⁷. Trechos parcialmente cobertos de mata mais alta e outros

145 Até o momento as *tillaea* só haviam sido encontradas no Sul do Brasil, por isso é questionável se eram realmente *tillaea*.

146 Espécimes de pássaro da família dos tráupides, sanhaços. (NT)

147 As duas espécies foram coletadas no meu herbanário; com certeza a primeira foi dessa

cobertos de matagal distendiam-se para todos os lados. A oeste, montanhas limitavam o horizonte distante, uma delas era provavelmente o monte Carmelo, de 630 m de altura.

Iniciamos viagem de volta passando primeiramente por um molhe que atravessava o banhado, ao lado do qual uma *bignoniacee*, com grandes e belas flores brancas, se elevava em forma de árvore de cerca de 3 a 4 m de altura. Em seguida, cavalgamos por um trecho coberto de matagal, muito atraente, que em sua origem era totalmente livre da presença humana. Eram plantas semelhantes a loureiros e salgueiros que cobriam o solo pouco fértil. Finalmente, bem perto da costa, passamos ao lado de um trecho de mata, mas esse lugar nós queríamos ver somente depois do almoço e a pé. Inesperadamente encontramos ali uma floresta tropical dos sonhos, com particularidades deveras interessantes. Um rio que passa por ali se alargava em vários trechos, formando pequenas poças de água que se acomodavam em leitos de um verde profundo de cor esmeralda, em meio à abundância da vegetação circundante. Em toda parte as trepadeiras se elevavam acima das águas e se juntavam formando ramagens pitorescas. Espécies de samambaias, por exemplo, *Polypodium fraxinifolium* Jacq. e *Polypodium phyllitides* L.¹⁴⁸ pendiam sobre as bordas das águas e coroas de árvores fechadas e largas envolviam todo o interior da floresta numa escuridão misteriosa. Uma enormidade de pequenas bromeliáceas, as delicadas *Catopsis nutans* Bak.¹⁴⁹ se encontravam nos galhos altos como se fossem pequenas ampolas. Grandes gravatás (*Bromelia*) de um vermelho maravilhoso cresciam no solo da mata. E como véus espessos, proliferavam ramagens de trepadeiras que vinham desde os topos das árvores até o chão. Várias espécies de borboletas esvoaçavam entre as plantas emaranhadas, mas somente um espécime de *Heliconius Phyllis* Fabr. foi capturado pela nossa rede.

Mais em direção à praia, cresciam aqui, do mesmo modo como na Barra do Rio Doce, a pervinca ou erva donzela (*Vinca rosea* L.), de

campona; mas a *Sida* não exatamente desse lugar, mas em suas proximidades.

148 Coletados no meu herbanário.

149 Coletada no meu herbanário.

flores rosa e a *Jussiaea octonervia* Lam.¹⁵⁰. Também a *Vernonia scorpioides* var. e *subrepanda* Pers.¹⁵¹ não faltavam nessa vegetação costeira. Entretanto, encontramos aqui pela primeira vez o *Blechnum serrulatum* Rich., tipo de samambaia muito encontrado nos trópicos, também a ipecacuanha verdadeira ou viola tricolor (*Jonidium Ipecacuanha* Vent.) de uso terapêutico e a *Kalanchoe Brasiliensis* Camb, erva de flor amarela, que aparentemente só é encontrada no Brasil central¹⁵². Como outro êxito da nossa excursão botânica, deve ser citada finalmente a *Miconia hirtella* var. *ovata* Cogn.¹⁵³, que é uma melastomácea¹⁵⁴, que até agora havia sido mencionada como encontrada somente na província de Goiás¹⁵⁵.

O clima de hoje deve ser considerado variado. Chuva e sol se alternavam constantemente. O ar, quando em movimento, era fresco, mas opressor quando parado.

À noite houve muita música; também foi acesa uma fogueira em homenagem ao grande feriado político. Num lugar onde existem áreas cobertas de capim e faixas de grama, e cujas casas e choupanas são cobertas de capim de palmeiras, com janelas de madeira em vez de vidraças, essa festividade era estranha pelo seu contraste.

Nosso capitão, um brasileiro que se caracteriza pela severidade e desempenho no serviço, nos dedica uma amabilidade extraordinária. E os poucos moradores mais instruídos de Santa Cruz se apressam para chegar antes dele. Por exemplo, não precisamos pagar nada pelos cavalos de que necessitamos para a cavalgada de hoje. Isso parece ser um costume frequente nas regiões mais afastadas do Brasil. Também os cavalos que nos trouxeram de Porto do Cachoeiro até Santa Teresa não nos custaram um centavo.

150 As duas plantas foram coletadas no meu herbanário.

151 Coletada no meu herbanário. Referente à variedade *subrepanda*, vide p. 368 no original.

152 Essas três plantas foram coletadas no meu herbanário.

153 Coletada no meu herbanário.

154 Conhecida no Brasil como quaresmeira ou manacá, muito utilizada em paisagismo. (NT)

155 V. Martius, *Flora brasiliensis*, XIV, 4, p. 424.

Índice dos gastrópodes, *lamellibranchiata* e *Anthosoa* que recebemos de presente:

Fusus multicrinatus Orb., espécie de concha frequente nas costas brasileiras;

Oliva (Olivella) mutica Say, concha encontrada ao norte até Carolina do Norte;

Cerithium atratum Born., gastrópode muito encontrado na baía do Rio de Janeiro, segundo Orbigny;

Astraliium latispinum Phl., espécie de concha turbinada informada por Reeve como encontrada no oeste da Índia;

Omphalius viridulus Gm., com desenhos nas cores branca e vermelha;

Ptelloides subrugosa Orb.(?), espécie de concha univalve bastante frequente no Porto do Rio de Janeiro;

Mactra Portoricensis Sh., concha mactroide que aparece tanto nas Antilhas quanto nas costas brasileiras;

Tellina (Tellinella lincata Turt.), concha pequena cor-de-rosa propagada desde o Brasil até a Flórida;

Tellina (Acropagia) fausta Pultn., marisco (usado como alimento), registrado no oeste da Índia;

Iphigenia Brasiliensis Lam., espécie de concha que aparece nas costas brasileiras e no Mar das Antilhas;

Amphidesma obliquum Wood, concha brasileira que vive em águas profundas;

Amphidesma reticulatum Sow., uma das “anfidesmas” mais conhecidas, propagada desde o Brasil até o oeste da Índia;

Cryptogramma Brasiliana Gm., concha de Vênus da costa brasileira;

Chione (Omphalocathrum crenulata Ch.), concha de Vênus que aparece tanto no Brasil como no oeste da Índia;

Peculatus (Axinaca) tellinaeformis Rv., caramujo *Kamm* da costa brasileira;



Figura 20. Morro da Serra de Carapina. Esboço com vista da paisagem natural, autoria de B. Wiegandt.

Arca umbonata Lam., concha do gênero das *Arcas*, encontrada na costa brasileira, do sul até Santos;

Barbatia Helblingii Ch., arcídeo cosmopolítico;

Anomalocardia trapezia Ds., concha do gênero das *Arcas* registrada como nativa do oeste da Índia;

Plicatula depressa Lam., um caramujo *Falten* propagado desde as Antilhas até a Patagônia;

Gorgonide (*Rindenkoralle*), coral marrom-amarelado, muito destruído e quebrado para poder ser definida a sua espécie e até mesmo o seu gênero.

Vitória, sábado, 8 de setembro.

Às 5 e meia, antes do raiar do dia, o nosso Rio São João soltou a âncora para iniciar a viagem a Vitória. Como o mar estava constantemente calmo, fizemos a viagem em quatro horas. Maravilhosas,

as nuvens se refletiam na água ao nascer do sol e maravilhoso era o surgimento verde-claro da costa coberta pela mata, imersa no nevoeiro. Da faixa de sedimentos terciários que se estende ao longo do mar desde Santa Cruz na direção sul se elevavam diversos montes isolados. Finalmente avistamos a pirâmide característica do monte do Mestre Álvaro enquanto (o mosteiro) Nossa Senhora da Penha nos acenava, pela sua localização, lembra os castelos Pena, em Cintra, e o de Neuschwanstein¹⁵⁶. Logo depois passamos pelo canal de Vitória e pudemos sair do pequeno vapor, que levava como único passageiro, além de nós, o Sr. Milagre, de Guandu.

Depois de ausentes durante quase 14 dias, chegamos novamente a Vitória e nos hospedamos na hospedaria do Sr. Pecher. Para prosseguir viagem para o Rio, tivemos que ficar esperando aqui pelo vapor costeiro que vinha do norte. Como a data de sua partida já chegara, pensávamos que ele já estava atracado. Mas como ele ainda não chegara, precisamos passar o tempo da forma mais útil e agradável até a partida.

Preenchemos a tarde de hoje cavalgando durante quatro horas em direção a Carapina, às ruínas de um mosteiro jesuíta. No início, o trajeto seguia ao longo da baía, bem acima do nível do mar e depois entramos no canal entre as colinas, ao norte da cidade. Na beira da estrada havia algumas fazendas isoladas. Além da casa senhorial, havia algumas moradias de negros. Tratava-se de cabanas de barro e palha enfileiradas e, vistas de fora, mais pareciam estábulos. A julgar pelas cabanas miseráveis, nada indicava uma atenção especial dos fazendeiros em relação aos escravos. Atravessamos o canal Maria-assu¹⁵⁷, que separa a ilha Espírito Santo da terra firme ao norte, e que, na direção oeste-leste, liga a extremidade norte da Laguna Lameirão com a baía do Espírito Santo, passando por uma ponte de madeira. Diante dos nossos olhos estendia-se

156 Castelo construído por Luís II, perto de Hohenschwangau e Füssen, no sudoeste da Baviera. (NO)

157 No mapa grande em Silva Coutinho, *Breve notícia descritiva sobre a Província do Espírito Santo*, esse canal é denominado de Maria-Assu; em Carvalho Daemon, *Província do Espírito Santo*, p. 479), de Rio da Passagem; em Reelus, *Nouvelle géographie universelle* XIX, mapa da p. 296) de canal de Maraypé.

uma área coberta apenas com um matagal pouco fértil. Enormes piteiras (*Fourcroya*) estendiam os grandes galhos cheios de flores. O matagal pouco denso tinha como único ornamento muitas das pequenas e delicadas *Catopsis nutans* Bak. Pioçocas ou jaçanãs (*Parra jaçana* L.) esvoaçavam por sobre a paisagem erma, gigantescas borboletas reais (*Papilio*)¹⁵⁸ se balançavam ao sol, os grilos estavam ruidosos e as cigarras cantavam tão alto que parecia que ouvíamos o apito de uma locomotiva ao longe. O calor da tarde tropical ardia sobre a paisagem pouco sombreada. Várias vezes cavalgamos por longos trechos em terreno alagado, pois também aqui a região consiste de uma baixada pantanosa. Finalmente atingimos o ponto mais alto, localizado numa elevação de cerca de 16 metros acima da área terciária, sobre a qual se elevam as ruínas do mosteiro. Uma visão magnífica se descortinou aos nossos olhos. A noroeste estava o monte Mestre Álvaro, majestoso, dominando tudo e coberto de mata virgem desde o sopé até a parte mais alta. Um pouco mais distante e mais a oeste, o morro da Serra delineava-se em lindas formas escuras contra o céu tropical iluminado. Aos nossos pés, entre as ruínas e o morro distante, estendia-se uma planície maravilhosa, em parte coberta pela mata. As linhas pitorescas das copas das árvores cercadas de luz se desenhavam levemente onduladas uma após a outra sobre a amplidão estendida. Em meio à fartura do verde das frondosas árvores copadas jazia uma relva amarelo-dourada. Ao sul estava a parte montanhosa pela qual acabáramos de passar, e a sudeste acenavam os pontos altos da baía de Vitória, com o mosteiro Nossa Senhora da Penha construído nas próprias rochas. A leste estava o mar azul, fechando a perspectiva num todo harmônico.

Tão rapidamente quanto viemos, retornamos. Meu cavalo, um esquipador¹⁵⁹, mantinha o passo de acordo com os dos outros cavalos galopantes, o que resultou em movimentos de impacto muito desagradável. Chegamos a Vitória somente quando a noite já estava bem escura.

158 Pela forma, tamanho e cor pode ter sido da classe *Papilio Phaeton* Luc. ou *Papilio scamander* Bsoid.

159 Diz-se de um cavalo que mantém o passo chamado esquipado (treinado).

Vitória, domingo, 9 de setembro.

Vitória, cidade de cerca de 20.000 habitantes, com 12 igrejas e capelas, dispõe no momento de apenas um sacerdote. Por consequência, só teve lugar uma única missa em toda a cidade e mesmo esta não contou com muitos frequentadores. Esse tipo de situação indica claramente a falta de padres no Brasil, bem como o enfraquecimento do espírito religioso no grande reino imperial. A igreja onde a missa foi rezada não tinha bancos nem cadeiras e era muito feia.

À tarde nos foi oportunizada uma excursão ao mosteiro Nossa Senhora da Penha com uma família brasileira que praticamente só falava português. Entre os participantes havia uma noiva de 16 anos e uma jovem de 19 que, pelos conceitos do lugar, já podia ser considerada uma moça de idade. Aqui os casamentos são realizados muito cedo, quando as meninas mal deixam os calçados infantis. As jovens se caracterizam por excessiva timidez e, considerando os costumes do lugar, é algo quase impossível os noivos se conhecerem mais de perto. A noiva que estava conosco só podia ver o noivo aos domingos, no entanto, dentro de poucos meses ela já deveria pertencer a ele por toda a vida.

Um barco nos levou num trecho de 12 km pelo canal de Vitória, em direção ao mar, para Vila Velha, também chamada de Espírito Santo. Trata-se de uma vila surgida em 1535, que mais tarde se tornou a capital do Espírito Santo por algum tempo e retroceu posteriormente, tornando-se uma insignificante aldeia de pescadores. O vento, as ondas e a maré, que atinge a altura de 2,05 m em Vitória, tornaram-se tão fortes que nossa viagem através dos recifes foi dificultosa e desconfortável. Por fim, os homens do barco não conseguiram mais lutar contra a força dos elementos e tivemos que procurar abrigo atrás de uma península e pisar em terra numa baía diferente da planejada. Nesse desembarque improvisado mostrou-se novamente o caráter destemperado das mulheres brasileiras, oscilando entre apatia e medo.

Em Vila Velha, chamaram a nossa atenção algumas árvores baixas com folhas cor de ferrugem. Se as *Poinsettia pulcherrima Willd.*, caso

se encontrem num local favorável, se desenvolvem até a altura de 3 metros ou mais ainda, como parece ser o caso, então essas pequenas e estranhas árvores acima citadas podem ter sido *Euphorbiaceae* com longas folhas de cor intensa.

Saindo de Vila Velha, andamos por um belo trecho de vegetação farta e escalamos uma elevação de 130 metros de altura, onde se situa o mosteiro Nossa Senhora da Penha, o mosteiro nas rochas que acabamos de deixar. Indiretamente o surgimento desse mosteiro se deve ao monge espanhol Pedro Palacios, que chegou ao país em 1558 para pregar o cristianismo aos indígenas. A ermida construída por ele sobre o pico da rocha foi doada aos franciscanos 15 anos após a sua morte, que ocorreu em 1575. Os franciscanos converteram a ermida numa capela maior e, em 1637, transformaram-na numa igreja construindo ao lado desta o mosteiro recém-mencionado. Esse mosteiro sofreu diversas ampliações ao longo do tempo¹⁶⁰.

Entramos na igreja pequena que, em virtude do estilo antiquado, não era muito bela. O caráter de igreja de peregrinação que ela assumiu há muito tempo estava impregnado pela enormidade de *ex votos* pendurados nas paredes. Em contrapartida, mais bela do que a obra feita por mãos humanas, nos parecia a natureza ali reinante. A vista era magnífica, acima de qualquer possibilidade de descrição e lembrava a de ontem, porém era ainda mais ampla. Em primeiro plano haviam dúzias e dúzias de montanhas e elevações. Ao norte se salientava o monte Mestre Álvaro em toda a sua imponência, a noroeste, o morro da Serra, ao qual se ligavam a oeste a serra do Mangaraí, com alguns picos íngremes e a serra da Malha, em Porto do Cachoeiro, havendo atrás desta outras cadeias de montanhas. Ao sul se distendia a serra de Guarapari, a leste, o mar ondulante e acima de tudo isso brilhava o sol com sua luz clarificante. Graças aos inúmeros cumes de montanhas e às encostas das montanhas onduladas, a visão do interior do território era semelhante à visão de um mar que estivera antes em forte agitação, mantendo-se subitamente paralisado.

Ao retornar de Nossa Senhora da Penha, visitamos uma proprie-

160 Carvalho Daemon, *Província do Espírito Santo*, p. 72, 89, 93, 113, 119.

dade rural localizada atrás de Vila Velha que nos ofereceu uma visão digna de ser pintada, mostrando o mosteiro coroando os picos das rochas. Visto que o vento que já havia nos incomodado desde a vinda de Vitória estava aumentando constantemente, utilizamos uma lancha para voltar, em vez do barco a remo. Mas também a lancha estava sujeita aos fortes movimentos das ondas. A noite já havia caído e, quando finalmente chegamos a Vitória, o brilho misterioso da lua banhava os conjuntos de casas pitorescas.

Vitória, terça-feira, 11 de setembro.

O dia de ontem e parte do dia de hoje transcorreram enquanto ainda esperávamos pela chegada do vapor. Ao mesmo tempo estávamos presos à terra. Éramos hóspedes e por isso não podíamos ficar pedindo cavalos e barcos na hora que quiséssemos. Mas como estava quente demais para fazermos a pé excursões mais longas, o caso era permanecer calmamente em casa e procurar controlar da melhor forma possível a ansiedade da espera pelo navio que nos tirasse dessa situação. Somente de manhã bem cedo ou no fim da tarde podíamos ousar um pequeno passeio. Embora os moradores fortemente impregnados do caráter indígena desta cidade de estradas tão precárias nos olhassem como se fôssemos uma maravilha do mundo, não nos deixávamos levar pela ideia de percorrer as estradas em todas as direções. A cidade, localizada no trecho sudoeste da ilha do Espírito Santo engloba uma ilha de gnaisse de 25 a 30 km de perímetro e se liga ao terreno montanhoso. As casas estão parcialmente em ruínas, as estradas com muitas baixadas e subidas são estreitas e abandonadas e o asfalto é ruim. Mas em compensação, as paisagens vistas das estradas em direção à baía, o Lameirão e as linhas montanhosas das montanhas distantes são maravilhosos. Também os arredores da cidade são atraentes pelo seu caráter alpino. Declives íngremes e lisos, cobertos por trechos de capim interrompidos por partes

rochosas, descem em direção às águas e se elevam por detrás das casas, chegando a alturas de 300 m. Ora aqui, ora acolá, se apresenta um quadro naturalmente emoldurado das cadeias de montanhas enfileiradas, tendo em primeiro plano sempre o mesmo mar.

No retorno de uma das nossas saídas, uma mulher totalmente desconhecida nos convidou para irmos a sua casa, como parece ser costume no Brasil. A sala de estar consistia de cadeiras de bambu empilhadas, o que também é costume por aqui. Mas não fomos convidados para tomar o habitual café, mas sim para tomar cerveja. Também nos prometeram um pássaro do lugar, que nos seria enviado no Rio de Janeiro. Será que ele chegará?¹⁶¹ Os brasileiros são muito rápidos nas promessas, mas não confiáveis no cumprimento. Também pode ser que nesses casos eles apenas prometam por cortesia e nós, alemães, de costumes diferentes, acreditamos literalmente.

Mesmo assim saímos com algum lucro no que se refere à coleção de objetos zoológicos. Recebemos de presente um espécime *Xenodon newwiedii Günth*, cobra encontrada somente no sul do Brasil, e também uma *Rhadinaea merremii Wied*¹⁶², cobra brasileira lisa, chamada cobra d'água; uma *Thamnodynastes nattereri Mik.*, uma das pequenas e bonitas cobras de árvore noturnas, que não são venenosas, mas mordem e, como indica o nome, vivem nas árvores e estão sujeitas a ser caçadas durante a noite; e uma *Pentaceros reticulatus Linck.*, linda estrela do mar muito propagada no oceano Atlântico.

O calor que tivemos que suportar nos últimos dias estava terrível. Ontem o termômetro devia estar marcando em torno de 27,5°C ao meio-dia, tanto no quarto quanto ao ar livre, e hoje, com o céu encoberto, marcava 26,5°C no quarto e 28°C ao ar livre, e o ar estava opressor.

Quando fomos à missa hoje pela manhã, quinta-feira, portanto dia útil, não havia ninguém na igreja além de nós e uma menina. Esse baixo número de frequentadores de igreja contrasta muito com o nú-

161 Realmente não chegou, talvez porque já houvéssemos partido para a Europa, ou porque realmente não foi enviado.

162 Vide p. 255 no original.

mero normal de frequentadores das igrejas católicas alemãs, mesmo em dias úteis.

Além dessa igreja, que nos impressionou pela arquitetura, não visitamos nenhuma outra. Aliás, não visitamos nenhum outro prédio público de Vitória. Pois por mais maravilhosa que seja a paisagem brasileira, considerando a média, raramente as obras humanas impressionam por algum tipo de beleza. Possivelmente também a Capela de São Tiago, agora denominada de Capela Nacional, que se encontra no palácio do governo, o antigo colégio jesuíta, está sujeita a essa mesma regra geral. Essa capela pode ser chamada de interessante somente pelo fato de que os restos mortais do famoso Padre José de Anchieta se encontravam abrigados em seus muros. A maior parcela de cristianização do país deve-se a esse padre jesuíta que, com razão, pode ser chamado de Apóstolo do Brasil. Por exemplo, a província do Espírito Santo foi palco das atividades missionárias deste homem. Foi assim que este padre terminou a sua vida abençoada em 1597 nesta província, a então Aldeia Yryrytyba¹⁶³, depois Benevente e atualmente Anchieta. Ele não somente se tornou conhecido como missionário, mas também foi o primeiro a elaborar um dicionário e uma gramática tupi, língua utilizada principalmente para ministrar a catequese.

Para ver algo de instrutivo em Vitória, nem precisamos sair de casa. A casa onde estamos hospedados fica perto do porto e é uma das maiores empresas de café do país. Todo o espaço do térreo é ocupado como depósito de café. Ali mesmo são misturados os tipos de grãos, excluindo-se a mistura de grãos velhos com novos, que confere um gosto muito ruim ao café. Quanto à mistura dos diversos tipos, esta se orienta pelos pedidos dos países importadores que pedem os diferentes tipos de mistura. Justamente neste momento em que estamos aqui, os negros estão muito ocupados em encher os sacos, pesá-los e, com o peso certo, fechá-los e em seguida carregá-los sobre a cabeça até o navio ancorado

163 Dos variados nomes dados a essa aldeia, como Yryrytyba, iritiva, Rerityba, Reritigba e Retigba, o nome mais correto deve ser Yryrytyba, originado de Yryri = ostra e tyba = lugar onde existe algo em grande quantidade. Vide Gonçalves Dias, *Dicionário da Língua Tupi*, p. 177, 191.

bem em frente à casa. Os negros trabalham tão rapidamente e com tamanha disposição que dá gosto observá-los no serviço. Em fila ininterrupta, os carregadores de café se movimentam da casa até o navio. Em dois dias, ontem e hoje, eles carregaram 2.000 sacas de café, que representam um valor de cerca de 100.000 marcos. Assim, aqui na costa, o valor de cada saca é maior do que, por exemplo, na fazenda do Barão de Cantagalo¹⁶⁴, onde os altos custos de transporte do país ainda não estão adicionados e certamente as sacas também pesam menos¹⁶⁵. Segundo o gerente da empresa Pecher, no ano passado, quando a colheita do café foi ruim, o preço do café atingiu um valor muito mais alto do que neste ano, que deve ser considerado como de boa colheita. As fortes variações de preço no mercado do café se devem principalmente às especulações da bolsa. Na própria bolsa de mercadorias, geralmente é a cor do café que define o valor do preço. Dos poucos tipos de café, o café brasileiro tem como principal comprador os Estados Unidos da América e é o café de qualidade mais baixa em virtude de seu tratamento menos rigoroso e por isso também o mais barato de todos os cafés. A exportação de café da Província do Espírito Santo no primeiro semestre deste ano chegou a 5,8 milhões de kg, a um valor de 2,3 milhões de mil réis¹⁶⁶.

A bordo do *Mayrink*, quinta-feira, 13 de setembro.

Anteontem à tarde, depois de três dias de atraso, chegou finalmente o esperado vapor *Mayrink* e pudemos iniciar o retorno ao Rio de Janeiro às 4 horas da tarde. Ele se revelou um navio costeiro brasileiro de

164 Vide p. 292.

165 Vide Tschudi, *Viagem à América do Sul*, III, p. 120.

166 2,3 milhões de mil réis = aprox. 5,258 milhões de marcos alemães. (É preciso destacar que a cifra corresponde a 2 contos e 300 mil réis, e não a dois milhões e 300 mil, como indicou a autora. (NO)

médio porte e certamente oferece mais comodidades do que o pequeno *Rio São João*, mas longe de serem tantas quanto às do fabuloso *Maranhão*.

Antes de abandonarmos o porto de Vitória, ainda tivemos oportunidade de colher algumas observações zoológicas olhando do convés. Ao redor do navio nadava um peixe bem comprido, de cabeça estreita, mais estreita ou pontuda do que o restante do corpo. Pareceu-me que não se tratava de um *Hemirhamphus*, mas de um indivíduo da espécie próxima ao *Hemirhamphus*¹⁶⁷, da espécie agulha ou lúcio (*Belone*), representada na costa brasileira por no mínimo três classes (*Belone truncata* Les., *B. Hians* C et V. e *B. raphidoma* Ranz.)¹⁶⁸. Não tão esquisita quanto esses peixes, mas igualmente muito interessante, era uma quantidade de medusas (*Hydromedusae*) que habitam as águas do porto. Elas eram quase do tamanho das *Cyanea capillata* Esch. e tinham uma capa de proteção externa esférica branco-leitosa em forma de guarda-chuva, abaixo da qual havia um desenho em forma de cruz ainda mais branco. As bordas da capa esférica eram adornadas por uma coroa de curtas franjas marrons, sob a qual aparecia uma segunda coroa de franjas longas brancas e desgrenhadas. É possível que as primeiras franjas fossem lapelas marginais e as outras, tentáculos. Provavelmente tínhamos à nossa frente a espécie *Cambressa*, pois não podia ser negada uma semelhança com a *Cambressa Tagi* Heck., porém essa medusa de forma redondo-achatada só foi observada até agora nas águas salobras do desemboque do rio Tejo.

A costa logo ao sul de Vitória era linda e montanhosa. Logo depois ela se tornava mais plana, formando baixadas com banhados, que também podem ser vistos ao norte da cidade. Essas baixadas caracterizam essa região por um clima quente e úmido que favorece a incidência da terrível malária. A escuridão que aumentava nos impediu de ver o resto da paisagem. Durante a noite o vapor chegou a Anchieta, cidade surgida de uma aldeia indígena do padre Anchieta, onde existe um porto bem equipado. Até o ano passado ela ainda era uma vila e, como tal,

167 As duas espécies têm o mesmo nome vulgar “peixe agulha-preta” (agulha, aiguille, etc.). Vide Curvier et Valenciennes, *Historie naturelle des poissons*, XVIII, p. 430-435 ; XIX, p. 19.

168 No Brasil ainda existe mais uma outra classe de *Belone* que vive nas águas doces, a *Belone taeniata* Günt., (V. Günther. *Catalogue of the fishes in the British Museum*, VI, p. 256).

portava o nome Benevente. Não muito tempo depois de termos aportado nessa cidade de cerca de 8.000 habitantes, eram 3 horas da madrugada, paramos no mar, a uma grande distância diante da aldeia de Piúma, que era originalmente de puros indígenas. Graças aos fortes apitos do vapor, que em nada contribuíram para o descanso noturno dos passageiros, esse local da costa foi avisado da nossa presença. Logo depois de Piúma, alcançamos o emboque do Itapemirim, já nosso conhecido, onde permanecemos até as 10 horas da manhã. Foram carregadas a bordo sacas e sacas de café, de modo que estávamos por fim com 3.000 a 4.000 sacas a bordo. Além disso, a nossa carga consistiu de 1.000 a 2.000 sacas de farinha de mandioca, abóboras (*curcubitaceae*) e nozes de coco, parte das quais já em fase de germinação. Enquanto a mercadoria era transferida dos barcos para o navio, nos ofereceram um papagaio trazido do local, quase todo verde, de rabo curto e penas azuladas na cabeça para que o comprássemos. Pela forma e pela cor, tomei esse papagaio por uma grande maritaca (*Pionias maximiliani Kuhl*) ainda jovem, de cor não completamente formada, mas que já perdera a cor vermelha da testa. Já temos a bordo dois dos periquitos verdadeiros, comuns nas florestas costeiras do local (*Brotogerys tirica Gm.*), lindos periquitos de bico estreito cujas penas externas e asas são de cor azul-escura. Além disso, a nossa coleção já conta com um lindo sabiá de canto maravilhoso, ou seja, o pássaro que ocupa no Brasil o lugar do nosso rouxinol, e pelas penas de cores mistas entre amarelo, vermelho e marrom, esse sabiá me parece ser um tordo imitador de Campo Geral (*Mimus saturninus Licht.*). Numa das gaiolas temos uma araponga (*Chasmorynchus nudicollis Vieill.*), que nos lembra muito a nossa cavalgada através da mata virgem, onde os sons de seus companheiros entravam sem parar nos nossos ouvidos. O último dos pássaros da nossa coleção a bordo era tão semelhante à araponga quanto um ovo se parece com outro ovo, de pura alvura, mesma forma e tamanho desta, porém, em vez de verde-azinhavre, a garganta desse pássaro era bem cinza. Mas como este *Chasmorynchus* não é mencionado por nenhum ornitólogo, trata-se provavelmente de um *Chasmorynchus nudicollis Vieill.*, que não largou ainda a vestimenta jovem, caso não quisermos admitir uma nova espécie.

Ao sul de Itapemirim a paisagem ainda podia ser denominada de bela; algumas serras isoladas se elevavam acima da costa coberta de mata. Mais tarde, o horizonte a oeste estava limitado somente por uma estreita faixa de mata. Percorremos o trecho ao longo da faixa de terra rasa, cheia de lagos e banhados, que se estende ao norte e ao sul do emboque do Paraíba, pertencente a uma formação recente. Trata-se de uma região própria para o cultivo de arroz e cujo solo também está sendo aproveitado amplamente para esse fim.

Ao meio-dia a temperatura estava em 25,5°C e soprava uma brisa fresca. À noite, depois que o sol, qual esfera de fogo, se pôs por detrás de um véu de névoas, a temperatura pareceu elevar-se um pouco. Durante o dia nem se pensou em nadar nesse poderoso oceano, que tinha a cor e a aparência do lago de Constança. Quando a noite caiu, a luz da lua teceu uma larga faixa sobre a maré mansa, como se fora bordada com brilhantes. Às 2 horas da madrugada, o nosso vapor passou por Cabo Frio. Quando fomos ao convés de manhã bem cedo, pouco depois das 6 horas, a costa sul do Rio de Janeiro, praticamente desabitada, estava bem perto de nós e às 10 horas da manhã, depois de três semanas de ausência, aportamos novamente na capital do país.

Diário de Viagem

Barão Maximiliano von Speidel¹⁶⁹

AGOSTO

Sábado, 25

Depois de levantarmos às 5 horas, fomos com a carruagem ao cais do porto dos Mineiros, onde fomos de barco até o vapor brasileiro *Maria Pia*. Com desconfiança, o pequeno veículo foi “vistoriado” por nós, principalmente pela condessa, que se sentia muito péssima hoje. Ela não havia dormido a noite toda, tendo sido atacada por forte catarro, assim como todos nós e, além disso, também teve uma crise de asma. Mas com a maior boa vontade, eu não conseguia sentir compaixão por ela, pois se nos sujeitamos a tais excessos, como os que suportamos na última semana, então também devemos assumir as consequências. Quando lançamos âncora um pouco depois das 8 horas, quase teríamos tido uma aventura bem interessante, embora não tão agradável, ou seja, o impacto do nosso vapor com um navio de guerra brasileiro, que estava atravessando em diagonal ao nosso curso, rebocado por um pequeno vapor. Foi somente pelo fato de que a nossa máquina ainda não estava andando a todo vapor na zona do porto, que foi possível evitar o impacto, atuando com força oposta, porém, a ponta do nosso navio estava muito próxima do outro navio, praticamente encostando nele.

- a.) um navio de grande porte ancorado
- b.) navio de guerra brasileiro c.) *Maria Pia*

¹⁶⁹ Maximilian Freiherr von Speidel (Munique, 13/09/1856 - 24/02/1943). Um dos acompanhantes da princesa em sua viagem ao Espírito Santo. Enquanto General aposentado da Cavalaria da Baviera foi convocado para comandar a Sexta Divisão da reserva, entre outubro e novembro de 1914, atuando em Flandres e em Ypres, durante a Primeira Guerra Mundial. Hitler, então com 25 anos, serviu a um regimento subordinado à divisão de Maximilian. De 1916 a 1919, ainda durante os conflitos, von Speidel foi transferido para o Real Ministério da Guerra Bávaro, em Munique, onde trabalhou como Conselheiro de Estado para Assuntos Militares. Era casado com Anna Maria Karolina Maximiliane Erwine, Duquesa do Vale do Arco. (NO)

Foi um momento muito excitante, mas tudo aconteceu tão rápido que não deu nem tempo para pensar. Com este tempo nublado e chuvoso, a paisagem não teve muita chance de apresentar a sua beleza. Em contrapartida, o nosso pequeno navio começou a balançar muito enquanto ainda se encontrava na baía e, quanto mais nos aproximávamos do Cabo Frio, mais a situação piorava. Francisca desapareceu imediatamente em seu camarote, e a condessa às 11 horas, e depois disso não se mostraram mais. O nosso vapor é uma caixa velha, que tem o seu comando na parte traseira, mas, para as condições brasileiras, é bastante limpo. Eu estava muito melancólico hoje e senti mais saudades de casa do que nunca. Às vezes, muitos golfinhos acompanhavam o nosso navio, nadando bem perto dele.

Domingo, 26

Nosso navio ancorou um pouco antes de Itapemirim e atravessamos o mar com ressaca, usando uma lancha que nos levou até uma feitoria, que, juntamente com algumas casas secundárias e uma igreja, constitui o que existe em construções edificadas nesta barra. Fomos convidados para ir à biblioteca e encontramos ali uma pilha de jornais e revistas alemãs. Depois de uma curta parada em Benevente, prosseguimos a viagem e chegamos às 7h30min da noite em Vitória, onde não pudemos mais ir em terra, pois tivemos que esperar primeiro pela chegada da polícia e pelo exame de saúde. Também hoje as damas estavam se sentindo mal e principalmente a condessa foi atacada da asma.

Segunda-feira, 27

Às 7 horas da manhã, chegou a bordo José Seraphim de Carvalho, um funcionário da Casa Pecher, que veio nos recepcionar graças aos telegramas enviados anteriormente pelo Sr. von Schlözer, e nos levar até a casa. Foi neste lugar que nós tivemos que tomar o café da manhã e para a noite estava programado ir de canoa para Cachoeira. Mas naturalmente a condessa não podia esperar todo este tempo, pelo contrário, tivemos que partir já logo após o almoço, a qualquer preço. Portanto,

às 11 e meia fomos com uma canoa a remo, bem longa, conduzida por 5 homens e subimos o rio Santa Maria. Acomodamo-nos na nossa canoa em esteiras colocadas embaixo de um toldo formado por folhas de palmeiras, onde ficamos observando todas as Canoas que passavam, pois deveriam nos enviar cavalos. Finalmente, às 5 e meia, encontramos uma canoa que trazia duas selas femininas. Os homens da canoa disseram que ficariam esperando ali pelo seu senhor que viria a cavalo. Por isso, para não perder a chegada dos cavalos, decidimos ficar igualmente neste lugar, onde esperamos durante mais ou menos 2 horas, quando, felizmente, vimos chegando uma cavalaria composta por vários cavaleiros. Chamei-os e realmente se revelaram como sendo os animais a nós enviados, que o Sr. Franz Rudio, acompanhado de outros homens, estava usando para ir para Vitória. Por isso, combinamos que os animais retornariam daqui, ao passo que nós deveríamos pernoitar em [falta o nome do lugar] e para isso eu dispunha de uma carta de recomendação. Naturalmente foi necessário acordar o nosso hospedeiro de seu sono e foi somente às 11 horas da noite que pudemos nos deitar na cama.

Terça-feira, 28

Depois que alcançamos os nossos animais, fizemos uma bela cavalgada em direção à Cachoeira, onde fomos recebidos muito calorosamente pelo Sr. Meyer e sua esposa, ambos alemães. Mas tivemos muito trabalho para recusar todas as amabilidades, pois naturalmente a condessa estava ansiosa para prosseguir a viagem. Até todos os cavalos estarem arreados e nós termos almoçado, já eram 3 e meia, para então, finalmente, podermos prosseguir a viagem sob a condução do nosso anfitrião. No começo, cavalgamos tão rápido quanto possível para conseguirmos avançar bastante ainda na luz do dia, mas a noite não demorou a chegar, quando então o Sr. Meyer andou na frente com a sua lanterna, ao passo que ficamos Tateando atrás dele no escuro. Considerando os caminhos ruins e a falta de habilidade para andar a cavalo, pode-se dizer com toda a segurança que devíamos agradecer aos animais exemplares, fornecidos pelo Sr. Meyer, o fato de que nada de ruim aconteceu durante

a cavalgada. Chegamos em Santa Teresa às 10 e meia, onde igualmente precisamos acordar os habitantes da casa, para então encontrarmos abrigo.

Quarta-feira, 29

Nosso banho falhou completamente hoje, pois nossa bagagem chegou somente por volta das 11 horas com a mesma liteira de carga. Apesar de toda a impaciência da condessa, foi necessário esperar pela bagagem. Para as senhoras, o Sr. Meyer providenciou novos cavalos, ao passo que a mim ele entregou o seu animal de estimação, o cavalo branco. Também a nossa bagagem foi carregada com uma liteira nova. Ao meio-dia e meia estávamos bem acomodados e cavalgamos em direção à Santa Teresa, onde, para minha grande alegria, encontramos Karl Franck, que o Sr. von Schlöser tanto recomendou. Depois de uma hora de cavalgada, armou-se um forte temporal e, às 5 horas, chegamos numa casa, onde moram um tirolês e sua esposa, uma senhora da Bavária. Aqui nós pernoitamos na casa destas admiráveis pessoas, as senhoras e eu num mesmo quarto.

Quinta-feira, 30

Partimos às 5 e meia e hoje tínhamos diante de nós a serra de Santa Joana para atravessar, uma montanha alta, cuja estrada é a pior que se possa imaginar. Às 11h15min fizemos uma curta parada para comer alguma coisa e reiniciamos a cavalgar às 12 horas, chegando às 13 horas em Santa Joana, num sítio muito bem localizado, pertencente a um italiano. Aqui tivemos algumas dificuldades, já que os nossos tropeiros não quiseram mais prosseguir. Mas depois que conseguimos alugar novos animais para Francisca e para a bagagem, retomamos a viagem a cavalo às 4 horas, chegando às 7 horas na Fazenda da Portella, onde fomos recebidos pelo Sr. Fortunato Barboza de Menezes, uma pessoa fora do comum.

Sexta-feira, 31

Só pudemos continuar a viagem às 8 horas, pois os novos animais, solicitados para a condessa e para mim, tiveram que ser ferrados primeiro. Sem encontrar qualquer casa, continuamos a cavalgar até às cinco e meia da tarde, fazendo apenas uma breve pausa de 45 minutos para um lanche. Em Talu, localizado próximo ao rio Doce e que consiste de somente 2 casas, fomos levados pelo Sr. Mascarenhas a um armazém, onde tivemos que acampar do melhor modo possível, com ajuda das nossas camas de campanha. A comida que nos foi mandada em panelões, vinda da casa bem afastada do Sr. Mascarenhas, era tão miserável que preferi me deitar para dormir com a barriga roncando de fome. Todo o grupo estava muito cansado hoje, o que não é de surpreender, depois dos últimos três dias. Foi realmente uma grande façanha cavalgar durante tantas horas seguidas. Havíamos percorrido toda a área situada entre Cachoeira e o rio Doce em 28 horas e meia, o que dá uma média de 7 horas por dia. Mesmo que isso não possa ser considerado um grande desempenho em tempo bom, pode ser considerado como muito bom no presente caso, quando foi necessário andar a cavalo no pior caminho possível. Muitas vezes, os caminhos já se encontravam tão pisoteados pelos animais das tropas passantes anteriores, que os animais só podiam andar passo a passo nas mesmas pisadas já feitas e, em alguns casos, o local estava totalmente impróprio para passar; nestes casos, sempre é necessário abrir um caminho lateral na mata virgem, com auxílio do facão. O mesmo acontece quando uma árvore tombada no meio do caminho é tão alta que os animais não conseguem passar por cima. Por outro lado, também é um grande incômodo ter que ficar atento constantemente no caminho para se desviar de árvores e galhos pendentes por cima das cabeças. Nas montanhas existem pontos que devem ser considerados literalmente perigosos e só podem ser ultrapassados graças às habilidades dos cavalos. Também achei muito interessante o tratamento dos cavalos durante a cavalgada e depois dela. Eles nunca querem ser segurados. É necessário açoitá-los a todo momento e, mesmo quando a besta cai de joelhos, ela só se ergue à base de açoites, e, em locais muito difíceis, so-

mente abaixo de voz grossa. Ao chegar num alojamento, os animais são presos e deixados assim por algum tempo para resfolegarem. Depois disso, a cela e os arreios são tirados e os animais são soltos na pastagem. A primeira coisa que então fazem é se rolarem no chão. Depois começam a comer a grama. Depois de ficarem ali durante a noite, são chamados bem cedo da manhã e, às vezes, chegam por si mesmos, quando então é colocado um saco com milho amarrado neles, coisa que apreciam muito. Água nunca lhes é oferecida, mas precisam procurar por ela no campo.

SETEMBRO

Sábado, 1º

Depois do café-da-manhã, muito delicioso, fomos de canoa para Mutum, descendo pelo rio Doce. Levamos mais ou menos meia hora. Ali chegando, foi montada a barraca, depois tomamos um lanche com um terratenente. Em seguida fomos de canoa pelo rio para ver os botocudos. Toda a margem esquerda está em poder dos selvagens e todos os brancos dormem na margem direita. Vimos aqui em torno de seis homens e dez mulheres e, entre os homens, um estava totalmente nu, andando somente com um pano sobre os genitais. Todos sofriam muito de coqueluche. Tirei algumas fotos e depois fomos novamente para a margem direita, sendo seguidos logo depois pelos selvagens. Depois de acender uma vela, começou a dança, que consiste de várias horas com o corpo girando sempre da mesma forma em torno de um círculo, ao som de uma melodia muito monótona.

Domingo, 2

Hoje ficamos esperando pelos botocudos que deveriam vir durante o dia. Os cachorros, atigados mata a dentro, não trouxeram a caça esperada, de modo que tive que retornar sem ter dado nenhum tiro. Para grande insatisfação da condessa, o dia passou sem que os botocudos

viesses, configurando-se assim num dia de descanso. À tarde fomos para a aldeia dos botocudos que haviam estado aqui por último e ali ainda encontramos alguns objetos interessantes. Em seguida, ainda fizemos algumas compras e logo depois fomos dormir. Ainda deve ser mencionado o assado de papagaio que nos foi apresentado como comida.

Segunda-feira, 3

Às três e meia levantamos e então a barraca teve que ser desmontada. Às 6 horas fomos de canoa subindo o rio Doce e chegamos às 7h45min em Tatu. Aqui encontramos o sogro do Sr. Mascarenhas, que estava se preparando para uma viagem de canoa para a barra do rio Doce, para então seguir viagem com o nosso vapor para a Corte. A condessa sugeriu imediatamente este caminho de volta, sendo apoiada por mim, considerando que Francisca estava muito cansada da cavalgada e não se sentia nada bem, e eu estava firmemente convencido de que Francisca não suportaria a viagem de volta a cavalo. Por isso, fui obrigado a separar-me das duas damas, visto que eu teria que fazer esta viagem de volta pelo mesmo caminho para deixar os animais em diversas paradas e, além disso, precisava buscar a carteira que havia deixado no Sr. Meyer. Por isso, deixei as damas às 9 horas com o coração pesado, depois que as recomendei ao sogro do Sr. Mascarenhas, o Sr. [falta o nome], mas fiz isso forçado pela necessidade. Desde o início cavalguei rapidamente; logo veio um temporal com chuva forte, que se estendeu também depois dos 20 minutos de pausa que fizemos para um lanche no mesmo lugar onde havíamos lanchado no dia 31 de agosto. Às 16h45min cheguei na casa do Sr. Fortunato Portello que mais uma vez me recebeu muito amavelmente. Hoje a estrada estava pior do que na primeira vez que passamos por ela e especialmente desagradável porque mesmo depois que a chuva parou, eu me molhava a cada vez que passava em galhos dependurados, ainda molhados. Depois do almoço, ainda fui ver os belos animais do Sr. Fortunado e fui me deitar às 9 horas. Distância percorrida: 6 milhas de 6.600 metros cada = 39.600 metros.

Terça-feira, 4

Quando eu estava pronto para partir, às 7 horas da manhã, um veado entrou na plantação de café e todos, o proprietário com seu filho Ferrau e Carlos foram à caça. O veado conseguiu escapar. Mas minha partida se atrasou, de modo que só pude sair às 7 e meia. Havíamos andado apenas meia hora a cavalo quando chegamos a um riacho que estava tão cheio devido a forte chuva de ontem, que não pudemos atravessá-lo. Os animais tiveram que ser empurrados, enquanto que nós, cavaleiros, tivemos que atravessar, arrastando-nos por cima de árvores caídas sobre o rio. Agora eu estava muito feliz de as senhoras não estarem aqui, pois teria sido necessário construir uma ponte para elas, o que teria consumido muito tempo. Às 9h55min cheguei em Santa Joana, onde Camilo Feisua ferrou os cavalos a toda pressa, depois que os cavalos da tropa foram trocados por outros. Às 11h15min parti novamente e cheguei às 5 horas na casa do tirolês Andreas Poss Moser, onde pernoitei. A passagem sobre a montanha localizada depois de Santa Joana foi muito dificultosa e principalmente a descida foi muito desagradável em vários trechos. Os degraus pisoteados pelos animais estavam todos cheios de água e, em grande parte, muito escorregadios. Junto ao tirolês eu me senti muito bem recebido, e este não aceitou nenhuma forma de pagamento e somente pediu uma fotografia como lembrança.

Quarta-feira, 5

Quando cheguei aqui às 7h15min na venda do polonês, depois de longa despedida, encontrando-me com Karl Frank, que havia pernoitado em casa, encontrei tanto aqui como num trecho mais adiante, muitos militares que haviam sido enviados para cá, em busca de alguns assassinos. Dei uma olhada em dois assassinos algemados, cumprimentei a Sra. Frank, que havia vindo para cá a cavalo com seu filho de meio ano, e depois acelerei minha cavalgada, de modo que às 10h45min já me encontrava em Santa Teresa, apesar de que este trajeto tenha sido pior do que na nossa primeira passagem. Ouvia-se muitos macacos uradores. Depois que havia tomado o café da manhã em Santa Teresa e o

meu cavalo e os da tropa haviam sido substituídos, continuei a cavalgar e depois de andar bem rápido, cheguei às 4h45min em Cachoeira, onde fui recebido pelo Sr. Meyer e sua esposa com a mesma amabilidade de sempre. A cavalgada de hoje me custou grande esforço, principalmente devido ao calor que perdeu o dia inteiro. Deste modo, em 2 dias percorri 18 milhas = 118.800 metros de Portello até aqui, o que resulta em 59 quilômetros por dia, um desempenho muito maior do que na mesma quilometragem na Europa, considerando o caminho sem base firme, extraordinariamente difícil para os animais. De acordo com isso, percorri nestes três dias um total de 24 milhas = 158,5 quilômetros, uma média diária de 53 quilômetros, levando para isso ao todo 33h15min. Por este cálculo, levei em média 8min45s para percorrer um quilômetro. Com estes caminhos e neste solo ruim, isso só foi possível graças à resistência dos cavalos, que têm condições de andar durante o dia inteiro no mesmo trote uniforme e curto. O cavalgar em si não cansa tanto, o que cansa mais é o andar dos cavalos, pois estes precisam ser açoitados deste o começo, não tendo qualquer temperamento.

Quinta-feira, 6

Após ter pagado as diversas contas, saí de canoa às 12 horas de Cachoeira e depois de 8 horas de viagem alcancei Vitória, onde fui amavelmente recebido pelo Sr. Lienssen, da Casa Pecher. A viagem não foi muito agradável, pois choveu quase o tempo todo. Na partida, houve um episódio com a matança de uma cobra.

Sexta-feira, 7

À tarde, fiz uma viagem de bote com o Sr. Lienssen até o mosteiro Nossa Senhora da Penha.

Sábado, 8

De manhã, passeio a cavalo pela cidade, acompanhado do Sr. Lienssen é, às 9 horas, chegada e cumprimentos das damas. Às 2 horas da tarde, cavalgada para [falta o nome]. Às 7 horas, retorno.

Domingo, 9

Missa às 9 horas e às 12 horas saída de bote para o mosteiro de Nossa Senhora da Penha, acompanhados da noiva do Sr. Lienssen e sua família. À noite, às 6 e meia, retorno com um pequeno vapor. O vento forte tornou a viagem de bote impossível.

Segunda-feira, 10 e terça-feira, 11

Finalmente, hoje cedo o tão esperado navio Mayrink atracou no porto e, depois de muitos debates, a condessa se decidiu ir com ele. Fomos à bordo às 2 e meia e, depois que finalmente o último saco da carga, composta praticamente só de café, havia sido acomodado, saímos de Vitória. No navio, travei conhecimento com o Sr. Wetzel e seu contador.

Quarta-feira, 12

Durante a noite passamos por Benvento, onde o navio fez uma parada curta, chegando em seguida em Itapemirim, onde foi carregada uma grande quantidade de café. Partimos em torno de 12 horas, a viagem foi muito calma e chegamos então em [falta o nome].

Quinta-feira, 13

Às 9 e meia da manhã, chegamos novamente no Rio de Janeiro, onde o Sr. Hasselmann nos levou imediatamente em terra em sua lancha. Enquanto as senhoras seguiam para o hotel, fui imediatamente ao consulado, onde, em meio a uma pilha de cartas de Albert, recebi a notícia da morte do tio Max. À tarde eu tinha uma visita para fazer ao conde Carapebus e ao barão de Corumbá, de onde retornei somente bem tarde para casa, por volta das 7h15min, pois demorei a me encontrar com o conde. Retornei ao hotel somente em torno das 7h15min.

Sexta-feira, 14

Hoje cedo, passeio ao museu; à tarde, a pé ao Passeio Público Moryne; depois à feira.

Sábado, 15

De manhã, Jardim Botânico e em seguida, visita ao sanatório. Às 5 horas, recepção de Sua Majestade, o imperador e a imperatriz. Muita cordialidade. Do palácio de São Cristóvão, ida ao palácio da princesa da coroa, mas esta não estava em casa.

Domingo, 16

Primeiro a missa e a prédica na igreja Santa Teresa. A seguir, acompanhei as senhoras até a cidade e depois fui sozinho até o Sr. von Schlözer, com o qual tomei um café-da-manhã muito gostoso. Visto que a princesa da coroa se anunciou para as 2 horas, tive que me apressar para ir para casa, porém a visita já havia sido realizada, pois a princesa chegou a 1h, ao invés de chegar às 2h. Depois que o Sr. von Schlöser havia sido recebido pela condessa, fui com este até a corrida do Clube Derby e vi a penúltima corrida. Eram cavalos magníficos, puro sangue, bons nos membros e muito grandes.

Segunda-feira, 17

Às 7 horas, partida da corte, às 9h45min chegada em Petrópolis, onde o imperador se encontrava na estação de trem. Em seguida, Millo Hotel Dejeuner, para onde a condessa e Francisca se dirigiram, enquanto eu segui meia hora mais tarde para me anunciar para uma audiência com o imperador e a imperatriz. No entanto, fui anunciado imediatamente e recebido pelas duas majestades, que foram muito amáveis. A seguir, passeio para Curreio.

Terça-feira, 18

Hoje a sua “K. H.” foi convidada para uma viagem de passeio com suas majestades, que foram muito amáveis. Fomos com 3 carruagens, na frente ia o imperador, a imperatriz, a princesa numa carruagem de quatro cavalos malhados e picadores atrás da carruagem (Liverie Graf Touring). A seguir, um Landauer com a dama da corte da imperatriz, Francisca e eu. Na última carruagem, os camaristas do imperador e

da imperatriz e o médico pessoal das majestades, sendo as duas últimas carruagens atreladas com dois cavalos cada uma. Fomos a uma grande tecelagem de algodão, cujo estabelecimento foi visto com detalhes. Foi muito cômico o passeio vestido de fraque, levando um guarda-chuva. Depois do café, todos voltamos para casa.

Quarta-feira, 19

Ao meio-dia a princesa estava novamente reunida com as majestades e fui buscá-la; nesta ocasião, fui apresentado à princesa da corte, que me agradou excepcionalmente em todos os sentidos. Depois cavalgamos até a cascata da Itamarity. Foi muito agradável poder cavalgar novamente um cavalo que andava razoavelmente bem. Depois do almoço, passeio com Francisca, já que a princesa foi buscada às 5 e meia pelas Suas Majestades.

Quinta-feira, 20

O tempo estava extremamente ruim hoje e durante todo o dia a neblina tocava os sopés das montanhas. Tudo lembrou um dia de outono muito desagradável nas nossas montanhas. À tarde, visita ao fabricante de queijos, um francês de nome Bouissou, abaixo de forte chuva.

Sexta-feira, 21

Hoje de manhã, primeiramente o passeio, depois ida ao palácio para a visita da princesa à tarde. Das 1h15min às 16h30min, cavalgada até o Alto do Imperador, de onde se tem uma maravilhosa vista sobre toda a baía do Rio de Janeiro. Com muitos desvios, retorno para casa.

Sábado, 22

Hoje fomos para a corte com o primeiro trem e, ao chegar, me separei imediatamente das damas para resolver alguns compromissos (consulado, banqueiro, fotografias etc). Depois de ter tomado um excelente café-da-manhã com o Sr. von Schlözer, apreciei, junto ao núncio, a Virtude Rosa do Papa, destinada à princesa e, a seguir, me dirigi ao

estabelecimento Pasteur, onde me encontrei com as damas. Depois do almoço, circo (Polytheama) - Rosita de la Plata - sob forte temporal com chuva. À meia-noite, volta para casa.

Domingo, 23

Às 8 e meia chegamos ao palácio de São Cristóvão, de onde fomos com as majestades e seu séquito para o Campo de São Cristóvão em três carruagens de gala, atreladas com duas parelhas de cavalos cada, para assistir a parada das três armas. A partida estava ligada a grandes dificuldades, pois logo no início uma das cordas rebentou e, na outra carruagem, os cavalos não quiseram andar. Eu estava numa das carruagens com a dama da corte da imperatriz e da princesa, a baronesa de Loretto, e Francisca. A parada, ou seja, a marcha foi indescritível para nossos conceitos. Passos irregulares, olhares para todos os lados, espingarda largada sobre o ombro esquerdo, uso do yatagan¹⁷⁰, abraços no oficial que comandava a escolta do imperador, escolta desordenada atrás da carruagem, andando dois a dois na coluna. Quem melhor marchou foi a escola militar. A artilharia estava atrelada com cavalos. Deixando a parada atrás de nós, fomos para a Artilharia Caserna, onde foi rezada uma missa. A seguir, caminhada pela caserna. Ausência total de uma ala de pessoas que dessem espaço para passagem, de modo que tivemos que nos espremer para passar pela massa do povo. Retorno para São Cristóvão e café-da-manhã. Em seguida, o imperador e a princesa nos conduziram por todo o palácio, pela biblioteca e por um pequeno museu. Depois nos dirigimos até o mar e dali, com um pequeno bote conduzido por 20 remadores, fomos ao pequeno vapor, com o qual foi feita a travessia até Maricá, de onde saímos com um trem extra para Petrópolis, onde chegamos às 3 horas. Passeio.

170 Arma branca originária do Médio e Extremo Orientes. Este tipo de lâmina foi adotado por algumas culturas balcânicas e posteriormente adaptado em muitas facas e baionetas ocidentais. Caracteriza-se pelo comprimento sendo dominado por graciosa e elegante curvatura no formato de um suave “S”. Fonte: <http://www.knifeco.ppg.br/glossariooz.htm>

Segunda-feira, 24

Depois que fui buscar a condessa na igreja, passeio a pé ao castelo imperial. Durante o café-da-manhã, visita do conde e da condessa d'Eu. Visita de despedida junto às majestades. Caminhada até o fotógrafo para tirar fotos. Depois do almoço, chegada do imperador, da imperatriz, do conde d'Eu, da princesa e todo o séquito ao hotel para dar o adeus à princesa.

Bibliografia

Obras de Referência

- ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL (ES).; LEAL, João Euripedes Franklin. **Catálogo de documentos manuscritos avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822)**. Vitoria: Arquivo Público Estadual, 1998.
- BOULENGER, G. A. **Catalogue of the chelonians, rhynchocephalians, and crocodiles in the British Museum (Natural History)**. London, Taylor & Francis, 1889.
- BURMEISTER, Hermann. **Erläuterungen zur fauna brasiliens**. Berlin: s.n.: 1857.
- BURMEISTER, Hermann. **Systematische Übersicht der Tiere Brasiliens**. Berlin: s.n., 1856. 3.v.
- CANSTATT, Oscar. **Brasilien land und leuten**. Berlin: Ernst Siegfried Mittler und Sohn Koenigliche Hofbuchhandlung, 1877.
- COSTA, Oronzio G. **Fauna del regno di Napoli, ossia, enumerazione de tutti gli animali**. Napoli: Azzolino E. Compagno, 1836.
- CUVIER, G. & VALENCIENNES, A. **Histoire naturelle des poissons**. Paris: F.G. Levrault, 1849.
- DAEMON, Basílio de Carvalho. **Província do Espírito Santo – sua descoberta, história, cronologia, sinópsis e estatística**. Vitória: Typographia Espírito Santense, 1879.
- EHRENREICH, Paul. **Anthropologische studien über die urbewohner Brasiliens**. Gotha: Petermanns Mitteilungen, 1897.
- EHRENREICH, Paul. **Die einteilung und der verbreitung völkerstämme Brasiliens gegenwärtigen nach dem stand unsrer kenntnisse**. Petermanns Mitteilungen, 37. Band, p. 81-89, 114-124, 1891.

- EHRENREICH, Paul. **Die einteilung und verbreitung der völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen stande unserer Kenntnisse.** Gotha: Petermanns Mitteilungen, 1891.
- EHRENREICH, Paul. Land und leute am Rio Doce. **Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin**, XIII, 1896.
- EHRENREICH, Paul. Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes. **Zeitschrift für ethnologie**, XIX, 1897.
- EHRENREICH, Paul. Ueber einige bildnisse südamerikanischer indianer. **Globus**, v. 66, 1897.
- GOELDI, E. A. **As aves do Brasil.** Primeira parte Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Cia, 1894.
- GONÇALVES DIAS. **Dicionário da língua tupi:** chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: s.n., 1858.
- GÜNTHER, A. **Catalogue of the fishes in the British Museum.** London: Catalogue of the acanthopterygian fishes in the collection of the British Museum, 1861.
- HALFELD, G. F. H. & TSCHUDI, J. J. von. **A província brasileira de Minas Gerais.** Belo Horizonte: CEHC, 1998.
- HARTT, G. **Geology and physical geography of Brazil.** Boston: Osgood, 1870.
- HUBER, W. **Münchener naturforscher in Südamerika.** München: Verlag Pfeil, 1898.
- KUPFER. DIE Cayapo-Indianer in der provinz Matto Grosso. **Zeitschrift der gesellschaft für erdkunde zu berlin**, 5, p. 244-255, 1870.
- KURY, Lorelai. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde**, v. 8, suplemento, 2001.

- LADISLAU NETTO, [?]. Investigações sobre a archeologia brasileira. **Arquivos do Museu [Nacional] do Rio de Janeiro**, VI, p. 415-505, s.d.
- LEVASSEUR, Emile..**Le Bresil: climats, geologie, faune et geographie botanique du Bresil**. Paris : H. Lamirault et Cie, Editeurs, 1889.
- MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico, geográfico e estatístico da província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. **Beiträge zur ethnographie und sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens: Zure ethnographie Amerika's zumal Brasiliens**. Leipzig: Fleischer, 1867.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. **Flora brasiliensis**. Stuttgartiae et Tubingae: Sumptibus & J. G. Cottae, 1829.
- MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Beiträge zur naturgeschichte von Brasilien**. Weimar: Verlage des Landes-Industrie-Comptoirs, 1833.
- MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1989.
- MELLO MORAIS. **Revista da exposição anthropologica brasileira**. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1882.
- NÄHER, J. **Land und leute in der brasilianischen provinz babia**. Leipzig: s.n., 1881.
- NERY, F. J. de Sant´Anna. **Le Bresil en 1889**. Paris: Charles Dalagrave, 1889.
- PEIXOTO, [?]. Contribuições para o estudo anthropologico das racas indigenas do Brazil. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, I, 1861.
- PEIXOTO, [?]. Novos estudos craniológicos sobre os botocudos. **Arquivos do Museu [Nacional] do Rio de Janeiro**, v. 6, p. 233. 235, 1867.

- PELZELN, A. von. **Zur ornithologie Brasiliens**. Wien: Pichler's Witwe & Sohn, 1871.
- PELZELN, A. von. Uebersicht der geier und falcken. **Verhandlungen der zoologisch-botanischen gesellschaft in Wien**, XII, 1863.
- PENNA, Misael Ferreira. **História da província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typ. de Moreira e Nascimento, 1878.
- PINTO, Alfredo Moreira. **Diccionario Geographico do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.
- QUATREFAGES, [?]. L'homme fossile de Lagoa-Santa et ses descendants actuels. **Comptes rendus de l'Academie des Sciences**, XCIII, p. 882S, 1891.
- REELUS. **Nouvelle géographie universeile**. Paris: Claval, P. e Wieber, 1869.
- ROGRIGUES, João Barboza. **Rio Jauapery. Pacificação dos Crichanás**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.
- ROSSBECK, Brigitte. Elly Heuss-Knapp (1881 - 1952). **Die erste First Lady. Ein Portrait**. s.n.: Artemis & Winkler, 1998.
- RUBIM, Brás da Costa. **Vocabulário brasileiro**. Rio de Janeiro: s.n., 1857.
- SCHANZ, Moritz. **Das heutige Brasilien**. Leipzig: Bastian, 2008.
- SELLIN, Alfred. **Das kaiserreich Brasilien**. s.n.: Kessinger, 1885.
- SPIX, J. B. **Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII- MDCCCXX jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I Bavariae Regis suscepto collegit et descripsit**. Monachii, Typis Francisci Seraphi Hybschmanni. 2.v., 1824.
- SPIX, Johann Baptist Ritter von & MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I König von Baiern in den Jahren 1817-1820**. Munique, M. Lindauer, 1823.

- VASCONCELLOS, José M. Pereira de. **Ensaio sobre a história e a estatística da província do Espírito Santo**. Vitória: Tipographia de Pedro Antônio Azeredo, 1858.
- VERRIL, A. E. Notes on the Radiata. **Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences**, 1, 1868.
- VIRCHOW, Rudolf. Crania Ethnica americana. **Verhandlungen der berliner gesellschaft für anthropologie**. Berlin, 1892.
- WALLACE, Alfred R. **Travels on the Amazonas and Rio Negro**. London: Lock Ward & Co Limited Edition Novo, 1889.
- WAPPÄUS, Johann Eduard. **Handbuch der geographie und statistik des kaiserreichs Brasilien**. Leipzig: Verlag der J. F. Heinrichsli-chen Buchhandlung, 1871.
- WHITE, Hayden. **Metahistória**. São Paulo: Edusp, 1999.
- WILSON, Thomas. Birds of America. **American ornithology**, IX, n. 5, 1853.

Demais Obras

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.
- ASSIS, Francisco Eugênio de. **Dicionário geográfico e histórico do estado do Espírito Santo**. Vitória: s.n., 1941.
- BELUZO, Ana Maria de Moraes (org). **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Odebrecht, 1994. 3v.
- BELUZO, Ana Maria de Moraes. A propósito d´*O Brasil dos viajantes*. **Revista USP**, n. 30, p. 8-19, 1996.
- BISPO, Antonio Alexandre. **Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros** Therese von Bayern (1850-1925) - Teresa

da Baviera. Disponível em: <http://www.academia.brasil-europa.eu/Materiais-abe-87.htm>. Acesso em 11 jan. 2011.

CAMPOS, Pedro M. Imagens do Brasil no Velho Mundo. In: HOLANDA, Sérgio B. de (org). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1982, t. 2, v. 1.

CAMPOS, Pedro M. Um naturalista e a história. **Revista de História**, v. 44, n. 87, jul-set, 1971.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: __. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: práticas e representações**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

COUTINHO, José Caetano da Silva.; NEVES, Luiz Guilherme Santos; NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. **O Espírito Santo em princípios do século XIX: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819**. Vitória (ES): Estação Capixaba Cultural, 2002.

DARNTON, Robert. História intelectual e cultural. História social das idéias. In: **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, p.175-225, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FREITAS, Marcus Vinícius. **Charles Frederick Hartt: um naturalista do Império de D. Pedro II**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

- GRENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Edusp, 1996.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **Mangui-nhos – História, Ciência e Sociedade**, v. 7, jul-out, 2000.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1964.
- HUNT, Lyn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contrampon-to, 2006.
- LEITE, Miriam L. Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Cader-nos Pagu**, n. 15, p. 129-143, 2000.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Ca-dernos Pagu**, (15), 2000: p. 129-143.
- LEITE, Miriam Moreira. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janei-ro: Ed. UFRJ, 1997.
- LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: a na-tureza e a civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.
- LISBOA, Karen Macknow. **Viajantes de língua alemã no Brasil**: olha-res sobre a sociedade e a cultura (1893-1942). São Paulo, 2002. Tese de doutorado em História. Universidade de São Paulo.
- MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes**: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARTINUZZO, José Antonio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**. Vitória, ES: Governo do Estado do Espírito Santo, Secre-taria da Cultura, 2009.

- NAXARA, Márcia R. **Sobre campo e cidade** - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Campinas, 1999. Tese de doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas.
- OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1976, t. 2., v. 1.
- PESSOA, Lilian de Abreu. **Imagem do Brasil na literatura de viagem alemã do século XIX**. São Paulo, 1991. Tese de doutorado em Literatura. Universidade de São Paulo.
- PRATT, Mary Louis. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.
- RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo social**, n. 7, v. 1-2, p. 67-82, 1995.
- RAMINELLI, Ronald & FRANÇA, Jean-Marcel de Carvalho. **Andanças pelo Brasil colonial**. São Paulo: Unesp, 2006.
- RIBEIRO, José Eustáquio. **Viagens, viajantes e livros de viagem**. Goiás na primeira metade do século XIX (1812-1850). Franca, 2004. Dissertação de mestrado em História. Universidade Estadual Paulista.
- ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. Rio de Janeiro: s.n., 1960.
- ROCHA, Levy. **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**. Brasília: Embrasa, 1971.
- SCHINDLER, H. Plumas como enfeites de moda. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, v. VIII, 2001, p. 1089-1108. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a16v08s0.pdf>. Acesso em 30 nov. 2010.
- SEIXO, Maria Alzira. Entre a cultura e a natureza: ambiguidades do olhar viajante. **Revista USP**, n. 30, p. 120-33, 1996.

- SOMMER, F. **A vida do botânico Martius**. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- TESCHAUER, Carlos. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX no Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., s.d.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a invenção do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. **Viagens através da América do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

Obras da autora

- Ausflug nach Tunis* (Excursão para Tunis). Munich, 1880.
- Reiseeindrücke und skizzen aus Russland* (Impressões de viagem e esboços da Rússia). Stuttgart, 1885.
- Über den Polarkreis* (Sobre o Círculo Polar). Munich, 1889.
- Über mexikanische seen* (Sobre os lagos mexicanos). Wien, 1895.
- Meine reise in den Brasilianischen tropen* (Minha viagem aos trópicos brasileiros). Berlim, 1897.
- Über zweck und ausgaben meiner 1898 nach Südamerika unternommenen reise* (Sobre o objetivo e gastos de minha viagem realizada em 1898 à América do Sul). Munique, 1899.
- Über meine südwasserrobbe in Columbien* (Sobre minha lontra na Colômbia). München, 1900.
- Schriften über eine reise nach Südamerika* (Escritos sobre uma viagem à América do Sul). München, 1900.

Auf einer reise in Westindien und Südamerika (Numa viagem às ilhas ocidentais e à América do Sul). Jena, 1902.

Einiges über die Pueblo-Indianer (Algo sobre os índios Pueblo) in: *Völkerschau*, 2 1902, 4-6, 38-42).

Einige worte über die kulturentwicklung im vorspanischen Peru (Alguas palavras sobre a evolução cultural no Peru pré-hispânico) in: *Münchener jahrbuch der bildenden kunst*, 1, 1907, 1-7).

Reisestudien aus dem westlichen Südamerika (Estudos de viagem da América do Sul ocidental), 2 v. Berlin, 1908).

Des Prinzen Arnulf von Bayern jagdexpedition in den Tian-Schan (A expedição de caça do príncipe Arnulf von Bayer no Tian-Shan). München/Berlin, 1910.

Obras sobre a autora

BUSSMANN, Hadumod (Hrsg.). Ich habe mich vor nichts im Leben gefürchtet: die ungewöhnliche Geschichte der Prinzessin Therese Prinzessin von Bayern (1850-1925). München: Beck, 2011.

CREESE, Mary Thomas. Ladies in the laboratory II: West European women in Science, 1800-1900: a survey of their contributions to research. Lanham: The Scarecrow Press, de 2004.

HILDEBRANDT, Irma. **Bin halt ein zähes luder.** 15 Münchner Frauenporträts. München: Diederichs, 1998.

LANNOY, Marc de. Das geheimnis des dunkelgrafen: War Prinzessin Marie Therese Charlotte de Bourbon seine Begleiterin. München: Buch&media, 2007.

PANZER, Marita A., PLÖSSL, Elisabeth (Hrsg.). **Bavarias töchter.** Frauenporträts aus fünf jahrhunderten. Regensburg: Pustet, 1997.

Acervos e links

Arquivos do Estado da Baviera Central. N.80539 München, Ludwig Strasse, 14.

Coleção Zoológica Estadual de Munique. Universidade de Munique. Disponível em: http://www.zsm.mwn.de/ich/coll_therese.htm. Acesso em 24 mai. 2011.

THERESE VON BAYERN FOUNDATION. Disponível em: <http://www.frauenbeauftragte.uni-muenchen.de/foerdermoegl/lmu1/therese/index.html>. Acesso em 23 jan. 2011.

Documentário

WOELKER, Wolfgang. **Prinzessin Therese von Bayern: Forscherin, Sammlerin, Weltreisende.** München: Dokumentarfilm, 1997.

Coleção Canaã

Volumes

- 1º Relato do Cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória - O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana (Fevereiro 1895). *Carlo Nagar* - 1995
- 2º Projeto de Um Novo Arrabalde - 1896. *Francisco Saturnino Rodrigues de Britto* - 1996
- 3º Catálogos de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585 - 1822). (org.) *João Eurípedes Franklin Leal* - 1998
- 4º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo. *Nara Saletto* - 1998
- 5º Viagem à Província do Espírito Santo - Imigração e Colonização Suíça. *Johann Jakob von Tschudi* - 2004
- 6º Colônias Imperiais na Terra do Café - Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras. *Renzo M. Grosselli* - 2008
- 7º Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. *Levy Rocha* - 2008
- 8º História do Estado do Espírito Santo. *José Teixeira de Oliveira* - 2008
- 9º Os Capixabas Holandeses - Uma História Holandesa no Brasil. *Ton Roos e Margje Eshuis* - 2008
- 10º Pomeranos Sob o Cruzeiro do Sul - Colonos Alemães no Brasil. *Klaus Granzow* - 2009
- 11º Carlos Lindenberg - Um Estadista e seu Tempo. *Amylton de Almeida* - 2010
- 12º Província do Espírito Santo. *Basílio Carvalho Daemon* - 2010
- 13º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo - 2ª Edição Revisada. *Nara Saletto* - 2011
- 14º Viagem ao Espírito Santo - 1888 - *Princesa Teresa da Baviera* - 2013

Os volumes acima, entre outros documentos e obras raras, podem ser consultados no site do APEES, em formato pdf, dentro do projeto Biblioteca Digital, no seguinte endereço:

www.ape.es.gov.br

Apoio à pesquisa

